

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Acir Fonseca Montecchi

Teatro de Imagens:

a Bandeira Anhangüera através das lentes de Antonio Senatore - 1937

**Dissertação apresentada ao Departamento de
Historia da Universidade Federal de Mato Grosso
para a obtenção do título de Mestre em História**

Orientadora: Prof. Dra. Regina Beatriz Guimarães Neto

Cuiabá-MT
Abril de 2001

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Para a ribeirinha **Feliciano de Oliveira** e o comerciante **Airton Montecchi**, meus pais, que na década de 1940, com sua comitiva de carros de bois fizeram e refizeram o caminho São Luiz de Cáceres – Vila Bela da Santíssima Trindade, interagindo com os **Pareci** num cenário de passagens inesquecíveis, em que prevaleceram companheirismo e amor.

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo.

Milton Santos

Para os meus filhos Vânia, Nathalie, Júlia, Gabriel e Athos

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Pedro Paulo Abreu Funari do Departamento de História/Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, que por ocasião do Levantamento Arqueológico para o projeto de construção do Gasoduto Bolívia – Brasil em 1998, mostrou-me a importância destes estudos.

Ao Programa de Mestrado em História da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, que indubitavelmente, inaugura um tempo de fertilidade no campo da pesquisa e das produções historiográficas nesta porção Centro Oeste.

À Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, pelo apoio institucional durante o curto período em que fiquei afastado das atividades acadêmicas.

À professora Regina Beatriz, minha orientadora, que no envolvimento de quem ministra aulas, acumulando a função burocrática de coordenar o Programa de Pós Graduação, Mestrado em História da UFMT, entremeada com a tarefa de pesquisar e produzir relevantes estudos sobre o processo de abertura de novas cidades no Norte de Mato Grosso, soube inventar tempo para embarcar comigo na trilha da *Bandeira Anhangüera*, refletindo e apontando caminhos que deveriam ser percorridos.

À Banca de Qualificação, da qual fizeram parte as Profs. Dr^{as}. Margarida de Souza de Neves, Maria de Fátima Costa e Regina Beatriz Guimarães Neto, que na oportunidade demonstraram estar seduzidas pelo objeto de pesquisa, e por isso mesmo, generosamente, colocaram ao meu dispor contribuições, dicas intelectuais que só os grandes pesquisadores podem dispensar, compartilhar.

À professora Maria de Fátima Costa, pesquisadora exemplar, pelas sinceras palavras de estímulo e os fantásticos ensinamentos sobre viajantes. Na sua pessoa abraço os demais professores do Programa de Mestrado em História da UFMT.

José Donizeti, pessoa de infinita generosidade e companheirismo que me acolheu em sua casa, junto à sua esposa e filho, dispensando-me atenção e compartilhando o seu saber sobre a história.

Clementino Nogueira e Adson Arruda, amigos que se revelaram possuidores de uma vontade infinita de ajudar àqueles que se dispõem a trilhar os caminhos de Clio.

Ao amigo desde os tempos de colégio, Antonio Miguel Senatore, diretor do Museu Histórico de Cáceres, que confiou ao pesquisador o acervo do seu pai, na esperança de que o seu trabalho pudesse dar uma contribuição à história, sobretudo, àquela que revela o *atropelo* e a *perseguição* inerentes ao processo de ocupação das terras indígenas.

Ao companheiro de caminhadas Paulo César Ferreira que compartilhou da aventura intelectual de elaborar o Projeto de Pesquisa para o Exame de Seleção da primeira turma de mestrandos em história da UFMT.

A Tomás de Aquino Boaventura, pelo apoio e pelas discussões, demonstrando quanta contribuição ainda pode dar para quem se dispõe a estudar/escrever a história.

A prima/irmã Rachel Thegon de Pinho, pela boa vontade do seu olhar de historiadora que se dispôs a ler e criticar meus escritos.

A Libânio Lemes, aventureiro cacerense que em suas perambulações pela Europa aprendeu muita coisa, o que possibilitou a primeira tradução do diário do fotógrafo viajante Antonio Senatore.

Ao Arquivo Municipal de São Paulo, ao Arquivo da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, ao Museu da Imagem e do Som, ao Museu de Antropologia e Etnografia da USP, por terem contribuído sobremaneira no trabalho de levantamento de fontes.

À Alessandra Paola Caramori, professora do Instituto de Língua Italiana da USP e tradutora juramentada, pela tradução nos moldes exigidos pelas concepções científicas vigentes, que ao ler o manuscrito de Antonio Senatore, apaixonou-se e tornou-se cúmplice da idéia de apresentá-lo em forma de publicação no Brasil e na Itália.

A professora Loredana de Strauber Caprara, Diretora do Instituto de Língua Italiana da USP, pela revisão da transcrição do caderno manuscrito e pela generosidade de ter nos acolhido no Instituto, pelos contatos com editores italianos e pelas publicações que felizmente estão a caminho.

Aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos, que às vezes em silêncio dizem muita coisa, outras vezes, scaneando uma fotografia, dirigindo o carro na estrada esburacada Cuiabá-Cáceres ou simplesmente torcendo pelo sucesso desses estudos.

A todos os colegas do Mestrado pela acolhida e pela convivência naqueles dias em que as angústias e carências foram suplantadas pela magia e pela delícia de vida que a academia nos proporcionou.

A Inêz, companheira, mãe, *água em movimento para onde vou*, entregou-se rompendo limites nesta travessia, lendo, corrigindo textos, sugerindo detalhes e principalmente incentivando, afagando e cuidando bem, nos momentos mais difíceis para garantir nossos sonhos e o sorriso estampado nos rostos dos nossos filhos.

Sumário

Introdução	8
Capítulo 1 – No rumo dos Sertões Inexplorados: reinventando um lugar	13
Capítulo 2 – Itinerário Xavante: apanhadores de imagens no espaço do espetáculo	59
Questões de logística e pensamento	60
Escrita, imagens e tralha	66
Sinais de prazer - A pesca do pirarucu	79
Sistematizando o espaço	81
O percurso terrestre	82
O cenário, “A’uwe” e “Marãiwatsede”	90
O descompasso da vanguarda	92
Restabelecendo o comando	98
Capítulo 3 – Itinerário Xavante: a ciência abre caminho	102
A pesquisa científica sobressai	103
Imagens produzindo conhecimento: câmera... ação!	113
O olhar de Antonio Senatore: ação... luzes	117
O contato	122
O percurso fluvial	131
Considerações finais	137
Fontes e Bibliografia	141
Anexos:	152
1- Diário di Antonio Senatore. Transcrição fiel ao original em italiano	153
2- Diário de Antonio Senatore. Tradução	201

Introdução

Esta dissertação aborda a história da *Bandeira Anhangüera* que percorreu uma das mais belas regiões *mato-grossenses*, no período de 25-07 a 24-12 de 1937, partindo de São Paulo e inscrevendo-se num cenário desenhado, numa configuração discursiva, pela idéia de construção de identidade nacional, de brasilidade. Trata-se da margem esquerda do rio Araguaia, limitada ao norte pelo rio Tapirapé e ao sul pelo rio Cristalino, cujas margens, por sua vez, estendem-se em direção à Serra do Roncador, sendo habitada, dentre outras etnias, pelo povo *Xavante*, aos quais a história dessas terras encontra-se indelevelmente ligada.

Em 1998, numa visita ao Museu Histórico da cidade de Cáceres, situada no Oeste de Mato Grosso, deparei-me com o acervo de Antonio Senatore. Logo à primeira vista, o material em exposição muito me instigou, eram dois álbuns repletos de fotografias, recortes de jornais e um caderno amarelado pelo tempo, um manuscrito em italiano. A brochura era um *Diário de Viagem*, registro das impressões, de dias percorridos como fotógrafo da *Bandeira Anhangüera*.

Apesar de não dominar o idioma italiano, o diário do fotógrafo da *Bandeira Anhangüera* despertou em mim um interesse imediato. Talvez tenham falado mais alto a curiosidade e a intuição do aprendiz de história. Mas, o manuscrito parecia disposto a anunciar um universo de informações que as imagens fotográficas não dariam conta de

revelar, sobre o cotidiano da expedição e das agruras da caminhada naquele ambiente que eles chamavam de *sertões inexplorados*.

Tudo isso foi mesclado com um sentimento de temor em utilizar esse tipo de material como fonte, de trabalhar com um manuscrito inédito, da responsabilidade da descoberta, de interpretar as observações feitas durante uma viagem, já que a leitura de relatos de viajantes requer erudição e, na sua ausência, abrir-se-iam lacunas, talvez em função das condições de formação e trabalho.

Inicialmente, a minha intenção, digo sinceramente, era de privilegiar como fonte o relato de viagem, o diário de Senatore, mas, na medida em que fui me envolvendo com o acervo do fotógrafo como um todo, percebi a importância de colher e agregar informações contidas nas fotografias, nos inúmeros jornais publicados em São Paulo, nos livros que narram esse episódio, na Revista do Arquivo Municipal de São Paulo nº 40 de 1938 e na Revista Brasileira de Geografia, que no ano de 1940, publicou o relatório do engenheiro Arnaldo Otávio Nébias, responsável pelos serviços cartográficos e meteorológicos da expedição.

No entanto, reconheço que o diário de viagem e o acervo de Antonio Senatore, fotógrafo da *Bandeira Anhangüera* – fotografias e recortes de jornais –, constituíram-se no suporte documental mais importante da pesquisa, que permitiu a análise dessa espécie de *bandeirismo intelectual*, incluindo a conjuntura política, econômica e cultural da sociedade paulista das três primeiras décadas deste século, defrontando-se, nessa *fronteira*, com outras experiências de formas culturais, ligadas a estratégias de sobrevivência diversas.

Tendo em vista o universo cultural dos grupos que se defrontam neste cenário, objetivou-se estudar os aspectos ligados às práticas e representações culturais presentes nas narrativas de Antonio Senatore, procurando captar o imaginário do autor do diário, dos componentes da Bandeira e das populações visitadas, perscrutando o sentido de natureza atribuído à região do Araguaia, considerando aí as narrativas dos viajantes como representações culturais configuradoras e construidoras de espaços, e considerando que as mesmas foram orientadas por uma herança intelectual formadora de identidades sociais.

O diário traz à luz conflitos de interesses que permearam a viagem, sendo, a meu ver, o mais importante deles, gerado pela oposição entre os que se guiavam pela procura da *fábula* da Serra dos Martírios¹ e pelos que privilegiavam a observação da *realidade*, da história da natureza e do estado de civilização em que se encontravam tanto os povos indígenas, especialmente os *Xavante*, quanto os outros habitantes conhecidos como sertanejos e ribeirinhos, coletando espécimes e observando costumes, para nos gabinetes do Museu Paulista, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ou da Academia Brasileira de Letras, constituírem um novo saber, uma linguagem sobre essa região, tida como desconhecida.

O primeiro capítulo traz à cena através dos artigos escritos por pessoas ligadas à *Comissão de Honra da Bandeira Anhangüera* ou entusiastas da iniciativa bandeirante, do

¹ Lendária mina de ouro dos sertões de Mato Grosso e Goiás, ligada à história das bandeiras paulistas do século XVII. Antonio Pires de Campos e Bartolomeu Bueno da Silva, apelidado Anhangüera, descreveram esse local onde se achavam gravados nas pedras, de acordo com eles desenhos que representavam os instrumentos utilizados para os martírios de Cristo, e, em cujo local, haveria ouro em abundância.

contexto histórico, uma repetição incontestável de São Paulo, a metrópole, preparando uma intervenção numa área com densa população indígena, nos moldes das ocupações imperiais. Tais artigos foram publicados em jornais e veiculados por emissoras de rádios de São Paulo, mobilizando opiniões, ampliando o conjunto das representações culturais sobre essa região mato-grossense². As imagens da região a ser penetrada pela expedição aparecem reinventadas no imaginário social paulista.

No segundo capítulo, tendo como suporte a documentação levantada no acervo de Antonio Senatore preservado no Museu Histórico de Cáceres-MT., e em outros acervos, mergulhamos nas narrativas textuais e imagéticas do fotógrafo da *Bandeira Anhangüera* dando destaque para as condições de produção das mesmas, do trabalho científico realizado, da itinerância e do cotidiano da expedição. Destacando o conjunto de representações que constituíram as imagens, especialmente quando estabeleciam uma privilegiada relação com a natureza e com quem nela vivia.

O terceiro e último capítulo procura interpretar o olhar fotográfico de Antonio Senatore buscando a melhor compreensão frente às interações propiciadas pelo encontro de culturas díspares no espaço social percorrido pela *Bandeira*, levando em conta ainda, as especificidades da viagem e seu conteúdo simbólico/imaginário. É uma das leituras possíveis para a interpretação desse olhar.

²A respeito das percepções sobre as características naturais e geográficas do território mato-grossense de meados do século XIX e início do XX, ver Galetti, Lyliá da Silva Guedes. *Nos Confins da Civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. Tese de doutoramento, apresentada ao Departamento de História da FFLCH/USP, 2000. Especialmente, a parte III – *Mato Grosso da Nação*.

O diário tornou-se um documento indispensável para o rastreamento e a interpretação dos equipamentos culturais nos quais Antonio Senatore formou a sua *visão de mundo*. A partir desse documento, penetramos no universo da *Bandeira Anhangüera*.

CAPÍTULO 1

NO RUMO DOS SERTÕES INEXPLORADOS: reinventando um lugar

“Digo: o real não está na saída nem a chegada ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”

Riobaldo, personagem de João Guimarães Rosa
em *Grandes Sertões Veredas*.

NO RUMO DOS SERTÕES INEXPLORADOS: reinventando um lugar

Nesse louco vagar, nessa marcha perdida,
Tu foste, como o sol, uma fonte de vida:
Cada passada tua era um caminho aberto!
Cada pouso mudado, uma nova conquista!
E enquanto ias, sonhando o teu sonho egoísta,
Teu pé, como o de um deus, fecundava o deserto!

Morre! Tu viverás nas estradas que abriste!
Teu nome rolará no largo choro triste
Da água do Guaicuhy... Morre, Conquistador!
Viverás quando, feito em seiva o sangue, aos ares
Subires, e, nutrindo uma árvore, cantares
Numa ramada verde, entre um ninho e uma flor!

Morre! Germinarão as sagradas sementes
Das gotas de suor, das lágrimas ardentes!
Hão-de frutificar as fomes e as vigílias!
E um dia, povoada a terra em que te deitas,
Quando, aos beijos do sol, sobrarem as colheitas,
Quando, aos beijos do amor, crescerem as famílias,

Tu cantarás na voz dos sinos, nas charruas,
No esto da multidão, no tumultuar das ruas,
No clamor do trabalho e nos hinos da paz,
E, subjugando o olvido, através das idades
Violador de sertões, plantador de cidades,
Dentro do coração da pátria viverás!

Olavo Bilac

O descobrimento das minas do Cuiabá em 1719 representa um dos momentos mais significativos das incursões pelo interior movido pela conquista das lavras e pelo desejo das

explorações. Depois noticiam-se descobertas das minas de Goiás por Bartolomeu Bueno da Silva (o *Anhangüera*), em 1725.

As entradas e incursões dos séculos XVII e XVIII que palmilham os interiores do Brasil, são, em seu conjunto, chamadas de *ciclo das bandeiras*. Para os paulistas do começo do século XX, e ainda, de hoje, isso corresponde a uma marca, um legado dos seus antepassados.

Alternando os títulos, *No Rumo dos Sertões Inexplorados* ou *No Rumo dos Sertões Desconhecidos*, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou, nos primeiros meses de 1937, inúmeras matérias, com a intenção de dar publicidade, divulgar amplamente junto à população de São Paulo a ***Bandeira Anhangüera***.

Pouco a pouco, esse mesmo jornal paulista dava visibilidade a essa iniciativa, as referências, itinerários e pormenores dos seus objetivos, quais fossem; de realizar trabalhos científicos ou estudos que pudessem propiciar a exploração mineral. A *Bandeira Anhangüera* partindo de São Paulo, tomaria o rumo de um espaço geográfico, localizado a entremeio de Goiás, Mato Grosso, Pará e Amazonas. Esse lugar, apesar de estar historicamente ligado à marchas e iniciativas de penetração, catequese, povoamento e colonização, nas páginas do *O Estado de São Paulo* aparecia como “*lugar onde impera a barbárie do homem primitivo*”. Na verdade, para alcançá-lo, cumpria descer o rio Araguaia, cruzar os rios Cristalino e das Mortes, em direção à Serra do Roncador e prosseguir até alcançar o rio Xingu. No nível de veiculação imagética, era um lugar

NO RUMO DOS SERTÕES INEXPLORADOS

O apello feito pelo chefe da "Bandeira Anhangüera", ao microphone da Radio Bandeirante — Na proxima semana falarão os componentes da Commissão de Honra

Afim de que a partida da "Bandeira Anhangüera", patrocinada pela Radio Bandeirante não venha a soffrer qualquer retardamento, de sorte que durante a estação da sessão amazonica, possa ser executado todo o seu programma estabelecido e já divulgado — falou hontem ao microphone daquela estação na hora do programma nocturno dedicado ao empreendimento, o chefe da expedição, sr. Hermano Ribeiro da Silva, o qual dirigiu ao nosso povo o seguinte apello:

"Meus patricios!

O plano que nos cumpre executar, como componentes da "Bandeira Anhangüera", tem um caracter nitidamente, logicamente nacionalista, pois foge, pela propria essencia das suas complexas finalidades, de quaesquer idéas do regionalismo estreito e obscuro.

E assim é que sentimos vibrar nas nossas almas, apenas e honrosamente, a força fecunda e inabalavel do imperativo historico, transmittida pelo maravilhoso passado que os devassadores piratininganos souberam edificar. E sentimos, de tal forma, que nos assiste, de inicio, um dever primordial, collocado multissimo acima de todas as momentaneas paixões, de todos os dissabores e de todas as injustiças: o dever de reencetar aquella estupenda missão de descobrimento, effectuada através das rudes e estolcas jornadas dos nossos maiores, e sem as quaes o territorio brasileiro estaria profundamente reduzido na sua superficie, deixando de nos dar, agora, esse justo motivo de orgulho pelo afortunado poder da sua formidavel dimensão.

Sabemos, entretanto, que cerca de um terço do patrimonio nacional, composto sem duvida das suas mais generosas terras, se encontra ainda mergulhado nas trevas absolutas da nossa ignorancia. Um verdadeiro mundo, comprehendido pelo extremo norte de Mato Grosso e por enormes parcelas dos sertões do Pará e do Amazonas, o distanciado mundo exuberante, que os paulistas de outróra não chegaram a abrir diante dos nos-

sos olhos, continua na plena somnolencia da sua barbária, como que imitando incalculavel riqueza esbanjada por perdulários inconscientes.

Aqui está, pois, a inicial, a incontestavel razão que nos moveu para pedir o vosso patriotico apoio, tanto no sentido moral com, principalmente, no sentido material, afim de que não venham dissipar-se os bellissimos castellos das aspirações desse grupo de moços brasileiros e paulistas, dos quaes tenho a honra de ser, antes o chefe, o amigo leal para todas as horas amargas que nos promettem as caminhadas pelas selvas, ignoradas, mas sempre repletas de presalias e de vinganças cruels.

De resto, dando á entrada moderna o caracter inédito dos objectivos de ordem cultural, com a preocupação maxima de colher todos os possiveis elementos scientificos que possam clavar ensombramento da região, nós estamos convictos, assim, da contribuir utilmente, valiosamente, com um largo passo ponderavel, para maior gloria da terra que nos deu o berço.

Para tanto, cumpre, porém, que toda a população, sem distincções de classes e de condições economicas, concorra effizamente com o seu subsidio financeiro, sem o que, a nossa iniciativa tão galhardamente patrocinada pela Sociedade Bandeirante de Radio Diffusão e pelo "O Estado de São Paulo", permanecerá apenas no doloroso realismo das autopias a pedir as gerações futuras a decifração do seu tristissimo mysterio".

— No decorrer da semana proxima, na estação da Radio Bandeirante, no programma diario das 20 horas e 20, deverão usar da palavra, successivamente, os componentes da commissão de honra da "Bandeira Anhangüera", os quaes devem dizer suas impressões particulares a respeito da valiosa entrada pelas nossas selvas.

Na administração deste jornal continua aberto o livro para a assignatura de donativos, com que se reunirá a quantia necessaria ao financiamento da caravana paulista.

genericamente definido como *território Chavante*³, cujas terras estavam delimitadas pelos rios Araguaia e Xingu⁴.

No contexto da década de 30, o *espaço* ao qual a *Bandeira Anhangüera* anunciou a entrada ganhou ênfase como lugar mitológico, tanto no que diz respeito a sua descrição quanto na representação de *sertão* que a ele era atribuída. Realimentado pela representação simbólica de último espaço a ser vasculhado, aparecia como uma conquista do homem branco e seu modelo civilizatório. Para tanto, prescrevia-se um movimento em direção a uma linha divisória, ainda não oficialmente sedimentada do ponto de vista físico, mas, do ponto de vista simbólico, fortemente contrastada. A própria classificação recorrente “sertões indevassados de Mato Grosso” era fruto de uma concepção histórica fundada no pensamento expansionista ibérico⁵. Para a iniciativa que se anunciava, tinha muita importância a recuperação das experiências e representações culturais⁶ anteriores sobre esse território. A elas, caberia o papel de seduzir e ocupar o imaginário da população de São Paulo e, na mesma medida, estimular o desejo de que a bandeira fosse descortinar um mundo desconhecido de todos.

³ As questões do território Xavante serão contempladas no cap. 2, tomando como referências os trabalhos de Lopes da Silva, Maria Aracy de Pádua. *Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986; Cunha, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapespe/Cia das Letras, 1992. E também Wamrême Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante / Sereburã... et al. Tradução Paulo Supretapã Xavante e Jurandir Siridiwê Xavante. São Paulo, Editora SENAC, 1998.

⁴ Ver mapa no capítulo 2. p.

⁵ Para um estudo detalhado enfocando os termos usualmente empregados para designar os espaços vastos interiores ver Amado, Janaina. “Região. Sertão. Nação”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, 1995. p. 147.

⁶ Minha análise neste ponto faz uso do trabalho de Reichel, Heloisa Jochims. *Relatos de Viagens Como Fonte Histórica Para Estudos de Conflitos Étnicos na Região Platina (séc. XIX)*. In: Vécio, Luiz Eugênio. e Santos, Pedro Brum. *Literatura e História: perspectivas e convergências*. SP; EDUSC, 1999. pp. 55-75., em que a autora utiliza-se do conceito de representação de Roger Chartier.

Essa imagem de *sertão*, uma representação incorporada pelos integrantes da *Bandeira Anhangüera* e da *Comissão de Honra da Bandeira Anhangüera*, como artefato, fazia parte de uma herança cultural que regulava as relações da elite paulista com o território nacional. Porém, mais ainda, no campo do saber, havia sido produzida pelos Institutos a partir do momento em que no Brasil se começou a elaborar uma História do Brasil. Os membros da bandeira e da comissão de honra falavam em seu próprio nome, como sertanistas herdeiros do “espírito” dos bandeirantes, e também falavam institucionalmente como detentores do conhecimento científico, em nome de uma representatividade conferida por importantes órgãos privados e públicos de São Paulo⁷. Um saber que autorizava iluminar esse território focalizado, dando visibilidade a esse espaço que, aos olhos da coletividade, apresentava-se “*um vazão inculto, onde impera a barbárie do homem primitivo*”⁸. Os homens da Comissão de Honra compunham uma corrente de intelectuais, membros da elite paulista, que, em princípio, se movia orientada pelo universo do pensamento iluminista do século XVIII.

Naquele cenário, as inquietações mais visíveis dos intelectuais, agrupados em torno do IHGSP e do Museu Paulista⁹, traduziam-se em sentimento patriótico de construção e afirmação de identidade, e ainda, progresso do conhecimento científico, a partir da utilização dos métodos de conhecimento, classificação e ordenamento das potencialidades

⁷ Museu Paulista, Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Academia Brasileira de Letras, Academia de Letras de São Paulo, Associação Comercial de São Paulo, Jornal *O Estado de São Paulo*, Rádio Bandeirante, entre outros.

⁸ Jornal *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição 13 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁹ Sobre o tema Institutos Históricos e Museus brasileiros, ver: Schwarcz, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo, Companhia da Letras, 1993; Lopes, Maria Margaret, *O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Huicitec, 1997.

naturais da nação. Em momentos assim, chamavam para si a tarefa dessa edificação: “*Na retaguarda desse grupo, decidido e apto, ficam as instituições nacionais que completarão as suas investigações. E dessa comunhão de interesses e de vistas, resultarão certamente para o acervo de nossa terra, maiores riquezas, melhor conhecimento dos nossos valores, maior glória para S. PAULO*”¹⁰.

A *Bandeira Anhangüera*, observada sob esse ângulo e no contexto das crises políticas de 30, 32 e do Golpe de 1937, poderia ser uma ótima oportunidade para intelectuais paulistas de ascendência agrária recuperarem a crença na exequibilidade do seu projeto civilizatório. A quebra da hegemonia política e social da oligarquia cafeeira pela Revolução de 1930, foi, no contexto dos movimentos culturais, (observa-se aí a influência da decadência herderiana¹¹), interpretados como agravamento da situação moral da nação. Como chama a atenção Boris Fausto, ao analisar o movimento revolucionário de 1930: “*A Revolução de 30 põe fim à hegemonia da burguesia do café, desenlace inscrito na própria forma de inserção do Brasil, no sistema capitalista internacional*”¹².

A representação cultural de *sertão* projetada pela bandeira era uma imagem recorrente, largamente utilizada pela historiografia do final do século XIX, mas naquele momento, por circunstâncias conjunturais, impunha-se desenvolvê-la numa dimensão mística regional e nacional. Sua utilização prática visava o engrandecimento dos mitos que

¹⁰ Cf. *O Estado de São Paulo. No Rumo dos Sertões Inexplorados*, entrevista de Geraldo de Paula Souza, diretor do Instituto de Higiene de São Paulo, em 30 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

¹¹ Johann Gottfried Herder, pensador alemão que observava a realidade de cada povo, através de sua própria cultura.

¹² Fausto, Boris. *A Revolução de 1930: Historiografia e História*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983. p. 112.

envolviam a região do Araguaia, e de maneira mais objetiva a valorização do empreendimento. Evidencia-se, nesse sentido, uma trama astuciosa, recorrendo a uma categoria cultural e seu aparato simbólico, com a intenção de mobilizar o sentimento de identidade da sociedade paulista com a bandeira. Logo no início de maio de 1937, foi aberta pela *Rádio Bandeirante* uma *subscrição popular*, disponibilizando em pontos estratégicos, *livros ouro* para arrecadar contribuições e donativos de “pessoas do povo”¹³. Esperava-se respostas positivas, o que, de certo modo, era previsível, na medida em que a iniciativa acenava com uma proposta de reencontrar o personagem construtor da nação, o *bandeirante*¹⁴. Nessa direção, reinventava-se o lugar das possibilidades, o *Eldorado*.

Reinventar esse espaço mítico, expressa a razão maior, pela qual se recorreu ao *período de ouro* da história de São Paulo, e que se constitui em uma questão central, neste capítulo. A utilização do passado enquanto artifício para a reinvenção de um lugar mítico, um lugar idealizado para uma nova etapa bandeirante: uma atmosfera perfeita, de onde haveria de emergir o homem que se queria recuperar, com as características do *paulista* dos séculos XVII e XVIII, do *herói bandeirante*. Nesse sentido, a *Bandeira Anhangüera* simbolizava o reatamento com o passado.

Compunham a *Comissão de Honra da Bandeira Anhangüera*, segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, “*pessoas de relevo social e cultural de São Paulo*”, dentre as quais,

¹³ Cf. *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição de 19 de junho de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres – MT.

¹⁴ A esse respeito ver os seguintes autores e obras: Abud, Katia Maria, *A Construção das Fronteiras Brasileiras: uma tarefa de historiadores*. In: Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, FFLCH/USP, São Paulo, 1999, texto completo, pp. 379-388; Machado, A. J. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo, Martins Ed., 1965; Oliveira Jr., P.C. “Affonso d’E.Taunay” e a construção da memória bandeirante”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 387, abr./jun. 1995, pp. 343-457.

destacavam-se: Afonso d'Escragolle Taunay, diretor do Museu Paulista e membro da Academia Brasileira de Letras; Adriano Marchei, diretor do Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado; Alarico Silveira, autor da Enciclopédia Brasileira (em elaboração); Agenor Couto de Magalhães, chefe da Secção de Caça e Pesca do Departamento de Indústria Animal; Geraldo de Paula Souza, diretor do Instituto de Higiene do Estado; José Pires de Oliveira Dias, secretário da Associação Comercial de São Paulo; José Torres de Oliveira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Júlio de Mesquita Filho, diretor de *O Estado de São Paulo*; Plínio Ayrosa, professor de Tupi-guarani da Universidade de São Paulo e membro da Academia de Letras de São Paulo, e ainda, Samuel Barnsley Pessoa, professor de Parasitologia da Universidade de São Paulo¹⁵.

Esta expedição tinha como chefe e organizador o sertanista e escritor Hermano Ribeiro da Silva, que já tinha percorrido a *região garimpeira* do leste de Mato Grosso, compreendida no vale dos rios Garças e Araguaia, na década de 1920. Pode-se verificar pela publicação do livro *Garimpos de Mato Grosso*¹⁶, que nesta viagem Hermano viveu intensamente o cotidiano das grupiaras, dos monchões, da cata do diamante, das currutelas, das formas de organização e disputa de poder, da movimentação de pessoas, de famílias migrando e de sonhos se desfazendo e sendo reconstruídos. No ano de 1932, em companhia de outros três jovens paulistas, Francisco Brasileiro, Cássio de Campos (filho do ex-presidente da Província de São Paulo, Carlos de Campos) e Oscar de Campos Viana, Hermano Ribeiro empreendeu viagem à região *do médio Araguaia*. Como resultado dessa

¹⁵ Cf. *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição de 13 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres – MT.

¹⁶ Silva, Hermano Ribeiro da. *Garimpos de Mato Grosso*. São Paulo, Editora Comercial, 1936.

viagem, Hermano publicou o livro *Nos Sertões do Araguaia*¹⁷. Uma das experiências mais significativas dessa narrativa se dá, após ele ter se separado do grupo inicial, lembrando Malinowisk¹⁸ (quando viu, na ilha do pacífico ocidental, logo que chegou, o navio que o trouxera, afastar-se). Assim ocorreu com Hermano, segundo o seu relato, ele, a *Muiraquitã* (a canoa), o lendário Araguaia e a pergunta “...para onde me levarão os fados?”¹⁹. O certo é que os acontecimentos que se deram nessas águas marcaram sua vida e seus projetos no mesmo ritmo, fluxo e refluxo dos pantanais e meandros desenhados pelo Araguaia, configurando imagens, lembrando que, nessas paragens, encontravam-se embrenhados ou caminhando pelas praias, povos *Carajá* e *Javahé*²⁰.

Dadas as experiências de Hermano Ribeiro com a região do Araguaia como um todo, tempos depois, lhe valeu a inclusão do seu nome na lista de nomes dos *amantes do Araguaia*²¹, concretizando sua projeção como um *bandeirante paulista*. Delineiam-se aqui outros interesses, o da editoração de livros e ainda, o desejo do reconhecimento do autor e sua obra.

Para a *Comissão de Honra da Bandeira Anhangüera*, a viagem realizada por Hermano Ribeiro da Silva, em 1932, à região do rio Araguaia, deveria ser entendida como

¹⁷ Silva, Hermano Ribeiro da. *Nos Sertões do Araguaia*. São Paulo, Cultura Brasileira, 1935.

¹⁸ Malinowisk, Bronislaw Kasper. *Argonautos do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*; traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo, Abril Cultural, 1978. p. 19.

¹⁹ Silva, Hermano Ribeiro da. *Nos Sertões do Araguaia*. Op. cit., p. 158.

²⁰ Sobre as etnias citadas, fazem referências os seguintes autores e obras: Silva, Hermano Ribeiro da. *Nos Sertões do Araguaia*. São Paulo, Cultura Brasileira, 1935; Mello, Darcy Bandeira de. *Entre Índio e Revoluções: Pelos sertões de São Paulo, Mato Grosso e Goiás de 1911 a 1941*. São Paulo, SOMA, 1982; Petesch, N. “A trilogia Karajá: sua posição intermediária no continuum Jê-Tupi”. In: *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo, NHII/USP FAPESP, 1993.

²¹ Borges, Durval Rosa. *Rio Araguaia Corpo e Alma*. Prefácio de Gilberto Freyre. São Paulo, IBRASA: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 121.

uma viagem de reconhecimento do espaço, a primeira parte do projeto maior. A comissão de honra demonstrava ter um papel bem maior do que dar notoriedade e contribuir na captação de apoio financeiro e logístico ao empreendimento. A atualização do aparato simbólico e a aprovação das linhas gerais do projeto, passavam por ali. Esses intelectuais atuavam com a autoridade de detentores do saber histórico e de interpretes das aspirações materiais do povo. O trecho a seguir é uma boa demonstração do pensamento e da influência da comissão de honra:

“A excellencia do resultado primeiro da excursão demonstra-se diante da simples exploração do enorme patrimônio. Visivelmente surgem aos espiritos os frutos presentes e futuros da iniciativa, sendo certo aproveitarem-se da mesma, pelo menos, observações geographicas de real alcance e ainda observações de um caracter economico geral, no que respeita ás condições de utilidade da terra e do seu aproveitamento para a colonização posterior. A flora e a fauna locais também devem ser abarcados nesses estudos. De tal forma sobrarão revelações, de incedível valor, como elementos iniciais para as vindouras actividades das referidas sciencias indigenas, ainda em flagrantes defalques nesse particular”. Patenteia-se ainda á claridade, a viavel reunião de uma preciosa copia de investigações ethnographicas e a respectiva coleta e classificação do complexo material aborigene de diferentes agrupamentos. Somente por semelhante aspecto, evidenciado estaria um dos elevados motivos da penetração, pois ninguem duvida do obrigatorio e imprescindível dever que temos quanto á realização das mais diversas pesquisas indianistas, principalmete na vasta região de que cuidamos, onde o absoluto primitivismo de seus habitantes, arredados na idade da pedra, dá margem a esplendidos estudos ineditos, e isso accrescido da circumstancia admissivel de não pertencerem ao grupo tupi-guarany do litoral e das ribas do rio Amazonas, já cuidado a contento pelos especialistas da materia. De resto, lucrariam imensamente com a empresa os museus nacionaes, que,

como se sabe, dia a dia vêm sentindo desfalcados nas suas desoladoras e paupérrimas mostras das peças indígenas, as quaes nunca cessam de ser canalizadas pra os admiráveis arquivos dos departamentos científicos de muitos paizes amantes da cultura universal”²².

Evidentemente, o papel da comissão de honra transcendia a simples facilitação de caminhos. O discurso acima transcrito permite a leitura de imagens, reconstruídas, em profusão, e permite verificar a concorrência de uma rede de fatores, orientando a iniciativa. De imediato, podemos agrupá-los em dois grandes eixos interrelacionados: observações de interesse econômico e observações de interesse científico. Ligados ao primeiro eixo destaca-se; “...no que respeita às condições de utilidade da terra e do seu aproveitamento para a colonização posterior”. Quanto ao segundo eixo destaca-se; “a flora e a fauna locais devem ser abarcados nesses estudos”, e ainda “...dever que temos quanto à realização das mais diversas pesquisas indianistas, principalmente na vasta região que cuidamos, onde absoluto primitivismo de seus habitantes, arredados na idade da pedra...”.

O espaço como um todo é visto como lugar da revelação de possibilidades provenientes da natureza. No que diz respeito à utilização da natureza, Isabelle Vidal Giannini coloca: “*o conceito de natureza e sociedade se exprime essencialmente por uma construção cultural. A idéia de natureza é algo específico de uma dada sociedade, isto é, depende da forma como uma sociedade humana recorta o mundo natural como sendo “da natureza”*”²³.

²² Jornal *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição de 13 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres - MT.

²³ Giannini, Isabelle Vidal. *Os índios e suas relações com a natureza*. In: *Índios no Brasil*. Grupioni, Luiz Donizete Benzi. São Paulo, Global, 1998. pp. 145-152.

Os argumentos do discurso transcrito acima orientam para a conquista de um outro mundo que está do outro lado dos limites do conhecimento, repetindo cenas do imaginário e das representações culturais dos viajantes estrangeiros de meados do século XVIII, semelhantes ao anseio que Tavares Bastos expressa em relação ao Brasil “*de que o sol ocidental viesse aquecer as paragens mais remotas do Império nas quais as sombras do selvagem continuavam a acusar a fragilidade da civilização. Sol ocidental que emanaria seus raios benfazejos, concretizando-se num programa de construção de uma nação moderna e progressista*”²⁴.

É preciso destacar, o papel essencial do jornal *O Estado de São Paulo* e da *Rádio Bandeirante* como empresas patrocinadoras e participantes do debate intelectual que orientava a expedição. Juntas promoveram uma verdadeira “*cruzada*” em favor da *Bandeira Anhangüera* e da concepção de identidade nacional que ela encarnava. Atuaram no projeto desenvolvendo um trabalho de divulgação de iniciativa e sensibilização da população, a partir de uma elaborada estratégia de propaganda.

A propaganda, a “porta estandarte” da *bandeira*, que ao lado da *tradição*, valor cultural reclamado pelos formadores da história do Brasil, sustentou a trama mítica necessária como recurso discursivo de um projeto de hegemonia nacional, evidenciado no reconhecimento de que São Paulo construía a Nação.

²⁴ Machado, Maria Helena P. T. *O olhar imperial sobre a América*. In: Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, 1999. texto completo, pp.437-451.

Nesse sentido, pensaram e desenvolveram estratégias de divulgação objetivando dar visibilidade pública à iniciativa. Construíram as relações de envolvimento e o comprometimento da população de São Paulo, ficando visíveis, nas publicações diárias, matérias relacionadas aos preparativos da *Bandeira*. O jornal, *O Estado de São Paulo*, divulgou o empreendimento numa seqüência, semelhante aos capítulos de uma rádio-novela veiculada na época com altos índices de audiência. O discurso do organizador da *Bandeira* abre as cortinas para uma demonstração de fé²⁵: “*Para tanto, cumpre, porém, que toda a população, sem distinções de classes e de condições econômicas, concorra eficazmente com o seu subsídio financeiro, sem o que, a nossa iniciativa tão galhardamente patrocinada pela Sociedade Bandeirante de Rádio Difusão e pelo O Estado de São Paulo, permanecerá apenas no doloroso realismo das utopias a pedir às gerações futuras a decifração do seu tristíssimo mistério*”²⁶.

Do ponto de vista estrutural, não podemos deixar de refletir sobre o destaque que Alcir Lenharo faz do livro de Cassiano Ricardo, *Marcha para Oeste*, “*as cores, os sons, a poesia, um especial clima de religiosidade são instrumentalizados para compor o itinerário mítico que vai das bandeiras paulistas ao Estado Novo. A bandeira já criara em si os germes do novo regime; ela cimentara a base da nacionalidade, como criara a comunidade imune às diferenças sociais...*”²⁷.

²⁵ Segundo Francisco Brasileiro, companheiro de aventura de Hermano Ribeiro, eles depositaram esperanças na captação de apoio financeiro através de uma *subscrição pública*, livro designado para registro de donativos: *...apelando do bom povo paulista o auxílio financeiro necessário*. In: Brasileiro, Francisco. *Na Serra do Roncador: a vanguarda da Bandeira Anhangüera*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1938. p. 6.

²⁶ Discurso de Hermano Ribeiro da Silva na *Rádio Bandeirante*, publicada no jornal *O Estado de São Paulo*. *No Rumo dos Sertões Inexplorados*, edição de 15 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres - MT.

²⁷ Lenharo, Alcir. *Sacralização da Política*. Campinas – SP., Papyrus, 1986. p. 15.

Nas transmissões da *Rádio Bandeirante de Difusão PRH-9*, todas as noites, das 19:30 às 20:00 horas, iam ao ar, na onda 357 metros, frequência 840 quilociclos, agradecimentos e informações completas sobre os preparativos referentes à viagem que os seus idealizadores classificavam: “... tão elevado empreendimento que visa reviver em pleno século XX, a era gloriosa das bandeiras paulistas”. No encerramento da programação, era comum, fazer chamada para a próxima: “Na semana entrante, figuras de grande projeção intelectual de São Paulo ocuparão o microfone da Rádio Bandeirante para falar aos paulistas sobre os objetivos de alcance dessa entrada nos sertões matogrossenses”²⁸.

A cada coluna publicada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, a cada boletim da bandeira veiculado pela *Rádio Bandeirante*, aos poucos, reinventava-se uma *espacialidade* própria. Dava-se projeção ao significado da expedição e na mesma medida glorificava-se o mito do espírito de bandeirismo dos paulistas. No centro das matérias, havia um forte apelo a um conteúdo simbólico, calcado “na crença de superioridade de São Paulo”²⁹, focalizando os feitos épicos dos paulistas dos séculos XVI, XVII e XVIII. A partir do interesse do grupo envolvido procurava-se alinhar pontos com uma memória passada: tecendo uma operação cultural de recuperação da identidade paulista como um modelo, exemplar para a nação.

²⁸ Jornal *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados. Edição de 13 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

²⁹ Jornal *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados. Edição de 19 de junho de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres –MT.

Segundo Sirlei Silveira³⁰, o jornal *O Estado de São Paulo* intensificou, a partir de 1922, o debate sobre a necessidade premente de uma ação política voltada para a “Regeneração dos Costumes da Nacionalidade”, em direção à superação da crise oligárquica. Para isso, foi desencadeada uma série de campanhas e movimentos, contando com a participação e liderança de eminentes políticos e intelectuais, muitos dos quais integrantes do Movimento Modernista.

A São Paulo dos anos 30, após a Revolução Constitucionalista, respirava a possibilidade de coesão em torno de um projeto de hegemonia paulista que reunisse as principais aspirações nacionais e regionais. O reavivamento do bandeirante, como um símbolo paulista, cabia perfeitamente para justificar tal projeto.

Este argumento, encontra amparo mais uma vez nos estudos de Sirlei Silveira, que ajudam a compreender São Paulo e seu “grande projeto de *reconstrução nacional*”³¹, no qual *O Estado de São Paulo* era um dos seus principais articuladores e onde “caberia a São Paulo uma segunda etapa bandeirante, desta vez, atuando como centro irradiador de civilização. Nesse sentido, o Estado reivindicava para si o *status* de laboratório da produção da entidade brasileira”³².

Somando-se a isso, no decorrer da década de 1930, ainda havia o interesse pela mineração, embalado pelo mito do *Eldorado*, povoando a imaginação desses “bandeirantes modernos”, empurrando-os em direção ao que eles chamavam de *sertões* de Mato Grosso, à

³⁰ Silveira, Sirlei. *O Brasil de Mário de Andrade*. Mato Grosso do Sul, Ed. UFMS, 1999. p. 60.

³¹ Idem, p. 68.

³² Ibidem., p. 68.

procura do ouro da *Serra dos Martírios*. Um verdadeiro “acervo cultural” de imagens exóticas, reconstruídas na historiografia brasileira, com o propósito de constituir a idéia de nação, com identidade própria. As narrativas dos viajantes descreviam roteiros, traçados geográficos, rios, arraiais garimpeiros, territórios indígenas, línguas e costumes, a exemplo de Karl Von Den Steinen³³.

Desde a descoberta do “Novo Mundo”, tem sido grande a importância dos relatos de viajantes, das crônicas e dos diários enquanto *corpus* que noticiam a existência de espaços exóticos, imagens de riquezas, paraísos terrestres, aguçando as mais diversas categorias de exploradores.

No caso das terras do Araguaia, corriam notícias, através de outros canais, também difusores de conteúdos políticos e simbólicos, que promoviam uma verdadeira dinâmica de reocupação desse espaço.

Em trabalhos mais recentes, encontram-se as análises dos deslocamentos migratórios em direção aos garimpos de diamantes do *leste* de Mato Grosso, na primeira metade do século vinte. A existência de cidades que surgiram como resultado da exploração diamantífera, no vale do rio Araguaia e de seus afluentes, indicam a ocorrência de um universo marcado pela presença de grupos em constantes deslocamentos. Tais grupos, em

³³ Ver: Steinen, Karl Von Den. *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo; 1938, nº 49. pp. 161-188.

busca de riquezas, representadas pelos garimpos de diamante e de ouro, projetam, sobre a região, fortes imagens de uma *espacialidade* que oferece sempre novas possibilidades³⁴.

A região do Araguaia aparecia focalizada, sobretudo, a partir de informações que circulavam construções imaginárias, descrevendo os pontos de exploração localizados em toda a área, como a *Serra dos Martírios*³⁵. Estimulavam, ainda, a criação de novas lendas e especulações acerca da provável localização do *Eldorado*, nesta parte do Mato Grosso. Projeção que acabava envolvendo a opinião pública, como se a obra fosse de todos os construtores da nação, “brasileiros em marcha”. Segundo Lenharo: “*O movimento de conquista, de expansão visa estimular a sensação de participação de todos na política, na qual, por sinal, os canais institucionais de participação coletiva se encontravam vedados. O alargamento do território nacional, obra dos trabalhadores, operava com a idéia de conquista do espaço físico, de modo a que todos, simbolicamente, se sentissem co-proprietários do território nacional*”³⁶.

No panorama da preparação da *Entrada*, um dos momentos mais significativos e que revelou, entre outras questões, a existência de um campo ideológico-cultural estabelecido, atuou no sentido de definir práticas sociais e estratégias de *reinvenção* de imagens produzidas anteriormente sobre esse espaço. Foi marcante, nessa perspectiva, a presença de Hermano Ribeiro da Silva proferindo palestra no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Neste momento, demarcava os *sertões desconhecidos* ou

³⁴ Sobre garimpos de diamante e o povoamento da região *leste* de Mato Grosso, ver Guimarães Neto, Regina Beatriz. *Grupiaras e monchões - Garimpos e cidades na história do povoamento do Leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte*. Campinas, UNICAMP/IFCH, 1996. (Tese de Doutorado).

³⁵ Lendária mina de ouro dos sertões de Mato Grosso e Goiás (ver introdução).

³⁶ Lenharo, Alcir. Op. cit., p. 15.

inexplorados, observado e indicado sob o olhar eivado de idéias evolucionistas, que privilegiava o predomínio branco nas relações interétnicas, funcionando, aliás, como um manto destinado a encobrir uma rede de conflitos, fruto de contatos anteriores. Deixava claro o modelo de sociedade que deveria triunfar, com o não-reconhecimento das sociedades indígenas ali estabelecidas, colocando em destaque um aspecto simbólico de contorno ficcional:

“Observemos e calculemos a seguir, o importante sector material das reservas do sub-solo do norte matogrossense. Logo transparece aos nossos espiritos aquillo que poderá significar para o erario econômico do Brasil o desvendamento de riquezas mineraes idênticas ás que daqui, na época do domínio portuguez, foram conduzidas para as côrtes de Lisboa, concedendo-lhes um poderio e um fausto invejáveis.

O commettimento das buscas mineralógicas, de resto, não traz consigo qualquer manifestação de condemnavel cobiça, como talvez incriminarão almas condemnadoras e facciosas. Ao inverso, restaria a razão da censura se acaso sobrasse, no sentimento dos expedicionários, a restricta e desairosa fome do precioso metal., isto é, se acaso a empresa não se revestisse da hodierna moral do respeito á vida dos indigenas, ou ainda, se acaso outras bellas e proveitosissimas finalidades não se addicionassem ao escopo da bandeira. Ademais, como indice das rijas lutas e dos rijos obstaculos que em regra acompanham o aclaramento das lavras, convem lembrar as bem avisadas palavras de João Leme do Prado, inscriptas no curioso officio que em 1774 enviava ao capitão-general Luiz de Albuquerque: “...como nem todos os que se mettem em minas acham o cabedal que procuram sahindo muitas vezes mais necessitados como aconteceu ao dito Bueno (Anhanguéra), que se viu tão pobre como nunca esteve e com nove filhas para casar...”

Todavia, repito, apreciando-se o designio das explorações das terras destes ignorados pagos pela emancipação da economia nacional, ressalta á evidencia o vulto

grandiloquente de seus prováveis resultados futuros. Trata-se de imensa região comprovadamente afortunada nesse particular, tomando-se por base os estudos já efetuados na sua periphéria. De tal fôrma, a homogeinidade do feitio geologico do planalto de Mato Grosso, que vão se findar nas cercanias, dos limites com os Estados do Pará e o Amazonas, pelo que vimos demoradamente, serve por si só para assegurar esplendidos depositos de minerios e em destacado relevo os que concernem ao ouro, aos diamantes e a outros corpos nobres. Devemos entanto restringir a nossa conversa, prendendo-a á questão daquelle primeiro metal, que até hoje continua a fornecer o lastro ambicionado para a riqueza de qualquer paiz.

As prodigiosas minas do chamado “Sertão do Cuyabá”, que durante o cyclo bandeirante produziram imensas riquezas, como, por exemplo, a de “Miguel Sutil”, da qual foram retirados a mão limpa 6.000 kilos de ouro em um mez (segundo rezam o mais honestos documentos de então) – aquelles achados logicamente não constituíam os exclusivos thesouros das remotas paragens. A’ saciedade narram-nos todas as antigas noticias a verificação, nas extremas septentrionaes da unidade federativa, de iguaes fortunas, fortunas que até o momento actual lá perduram nas suas camadas alluvionaes virgens, adormecidas dentro dos caldeirões e das reintrancias das lajas dos leitos fluviaes, á maneira do que sempre succedeu ao tempo das velhas celebradas descobertas. Devido a razões complexas, não se arrojaram porem as monções paulistas para além das lindes cuyabanas, exceptuando-se apenas poucas e esparsas investidas passageiras. E um dos motivos originários de tal parada, talvez o principal, explica-se em delongas: as minas situadas na zona delimitada bastaram para determinar o sedentarismo dos aventureiros, fornecendo-lhes bellas recompensas durante o transcorrer do século 18, o século particularmente tomado pelas conquistas das lavras e pelo fervoroso intuito das suas explorações. Entretanto, de entre aquelas avançadas dispersas, uma houve, certificada por numerosos e verídicos documentos de antanho, que assevera e comprova a existencia de um estupendo reservatorio aurifero nas raias

septentrionaes, certamente localizado ou na mesopotamia do Araguaia e Xingu' ou na mesopotamia do Xingu' e do Tapajoz.

Trata-se da tão celebrada mina dos Martyrios, avistada uma vez por estes dois notaveis e respeitados pioneiros do bandeirismo de Piratininga – Manuel de Campos Bicudo e Bartholomeu Bueno da Silva, e ainda pelos seus filhos menores Antonio Pires de Campos e Bartholomeu Bueno, este, annos depois, cognominado o “Anhanguera”, os quaes meninos, bem mais tarde quando já homens feitos, nunca puderam reencontrar a róta decisiva do achado dos seus paes, indo o ultimo delles descobrir, em uma das taes empresas, as minas em que fundou a capital de Goyaz.

As notícias, os roteiros e outras affirmações conservadas acerca dos Martyrios, como declarei, constituem archivo deveras extenso, cujos elementos requerem meticolosa e pacientissima decifração, afim de que se chegue a arrancar alguma luz das trevas que envolvem a precisa localisação do encantado thesouro.

Assim, diante da difficuldade de reunirem-se com amplitude os depoimentos referentes a questão, coisa em que tenho empregado a paciência de vários annos diante da posterior maior difficuldade de averiguar designações geographicas regionaes contidas nos velhos escriptos, bastante mudadas e desconhecidas com o decorrer do tempo; e, por isso mesmo, diante ainda de certas fortes contradicções gravadas nos papeis em apreço - diante de tantos obices apparece a causa das repetidas conclusões erradas a que têm chegado diversos apressados exegetas desse mystério fascinante.

E uma dellas reside no fato de confundir-se Martyrios com Araés, uma outra jazida aurífera plantada no contorno de suléste da esquecida região se que mereceu, nas épocas distantes, ser trabalhada regularmente pelos desbravadores. Ora, vale a pena, á vista de semelhante confusionismo, reviver aqui alguns capitulos da excellente “Memória” apresentada pelo Dr. João Barbosa de Faria, membro da delegação matogrossense ao passado Sexto Congresso de Geographia de Bello Horizonte. Realmente, reflecte a sua argumentação, dentro da synthese imposta pela vasta

bibliographia que cuida do palpitante assumpto, tudo quanto pôde retirar-se dos dados históricos; e dahi, sem dúvida, a viabilidade da transcrição.

“As minas de Goyaz – refere o citado estudo – ligadas agora a Cuyaba pelo caminho que Antonio de Pinho Azevedo acaba de abrir (1736), tinham sido descobertas pelo sertanista Bartholomeu Bueno, no anno de 1725. Merecem relevância os antecedentes desse descobrimento.

Anhanguéra - antonomásia que se deu a esse cabo dos sertões – era, como o seu contemporâneo Antonio Pires de Campos, adolescente quando o seu progenitor o conduziu aos Martyrios, na expedição feita em companhia de Manuel de Campos Bicudo, em 1670. Nem o tempo, nem as vicissitudes que posteriormente lhe desencadearam na vida eclipsaram as fulgurantes reminiscencias que Bartholomeu Bueno guardava dos Martyrios, cujos thesouros auríferos elle celebrava fervorosamente. O descobrimento das minas de Cuyaba inflammou-lhe a ambição; e o capitão-general de São Paulo amparou os estímulos de Anhanguéra, proporcionando-lhe meios para ir procurar as minas dos seus sonhos.

Em 1722 partia Bartholomeu Bueno. Relegára, porém, a derrota das bandeiras que seguiam a Manuel de Campos Bicudo, no século anterior. Tomou de São Paulo, directamente a procurar as minas. Fizera-o para desviar-se das minas de Cuyaba, “afim de evitar deserções na sua tropa”, dizem os roteiros. O certo é que “andou três annos e dois mezes sem poder acertar com a paragem que buscava, por haver quarenta annos antes que tinha visto” (Carta de d. Rodrigo César), rematando a jornada com descobrimento de cinco ribeiros nas terras dos índios goyasis.

Criticou-se acerbamente a insanía entre os mais autorizados sertanistas, “mofando Pires de Campos das aventuras de Bartholomeu, quando tentou achar os Martyrios por veredas tão desconhecidas” (Memórias do padre José M. de Siqueira).

Os descobrimentos que fizeram em Goyaz, depois de 1725, porém, desviaram completamente dos Martyrios a attenção dos sertanistas, apesar das exhortações de Bartholomeu Bueno, que não cessava de celebrar a riqueza dos sertões dos índios

Coroás, D. Luiz de Mascarenhas, governador de S. Paulo, na sua viagem a Goyaz, onde chegára em Agosto de 1739, para alli eregir villa e outras diligencias – acolheu com entusiasmo as revelações de Anhanguéra e influiu decisivamente para que fosse apresentada uma expedição afim de descobrir os Martyrios. Foi a tropa mais numerosa que se engajou em Goyaz, com tal objectivo: orçava por trezentos homens, e o commando delles foi dado a Amaro Leite e a João da Veiga Bueno. Logo ao chegar ao rio Caiapó, os dois chefes desavieram-se, e a expedição fragmentou-se: João da Veiga estacou ahi, e Amaro Leite, só com uma parte do séqüito, tomou pelo rio Araguaia abaixo, guiado por duas índias da tribu Araés. Muitos annos errou elle pelas ribas desse rio, até foi á foz de um dos seus affluentes, onde estacionou. Neste ponto, perdeu Amaro Leite a maior parte dos seus companheiros, victimados por moléstias. Estigmatizou esse tributario do Araguaia com a denominação de rio das Mortes – e, com o animo inquebrantavel, penetrou-lhe pelas águas lethaes, até onde deparou a primeira cachoeira.

“A vagar, a esmo, por invios sertões, elle preferiu dar por finda essa peregrinação já assás longa, tão fértil de amargas provações. E estabeleceu-se á margem do rio Santo Antonio, que desagua na margem esquerda do rio das Mortes, e assim se fundou o arraial dos Araés, também chamado de Amaro Leite, e de tudo deu o sertanista sciencia ás autoridades de Cuyaba, que, em seguida, nomearam a Antonio Ribeiro de Brito para o cargo de guarda-mór e primeiro juiz das minas (Chronica de Cuyaba de J. Costa Siqueira)”.

Pela leitura das citações acima, frisadamente está disposta a claríssima distincção que existe entre Martyrios e Araés. Mas é mister caminhar para adiante.

Emquanto o primeiro deposito alluvionar legou a posteridade a mais farta copia de documentos referentes á sua riqueza, Araés transmittiu-nos noticias justamente oppostas, afiançando, todas ellas, a desvalia economica da gleba. De modo diverso, trata-se de uma zona perfeitamente accessivel, e perfeitamente localisada, tanto no seculo passado, como no seculo presente, quando nos cinco derradeiros annos

o rio das Mortes e muito dos seus tributarios attrahiram novamente as vistas dos amantes da aventura. Mas abandonemos as explorações que nós outros reiniciamos em 1932 no rio das Mortes, seguida successivamente por empreendimentos mais demorados de outras comitivas, pois são factos recentes que prescindem de commentrios. E retornemos ao preterito, procurando, de uma vez para sempre, derruir as impertinentes fantasias que obrigatoriamente surgem no paiz acerca dessa jazida mineral, tal como acontece quanto aos demais depositos de que os longinquos, certificados nos dão vagas noticias.

Referindo-se aos alluviões dos Araés, diz o Barão de Melgaço, Augusto Leverger, nos “Appontamentos para o Dicionário Chorographico“ Em 1819, a Companhia de Mineração de Cuyabá faz abrir caminho, e, conseguindo descobri-la tapera dos Araés, manda fazer roça para começar novo estabelecimento. Tirou-se uma amostra de ouro, que mostrou ser de 19 quilates e 3 grãos. Porém afinal nada se fez”.

Além disso, rebuscando-se os “Annaes do Senado da Câmara de Cuyabá” toparemos allí as seguintes linhas, que, de maneira cabal, confirmam aquillo que vimos asseverando: “Aquelle arraial Araés descoberto de pouco tempo por um paulista Amaro Leite Moreira, e, como o ouro era limitado, foi-se somente povoando em seus princípios por alguns foragidos por dividas ou crimes, pois o logar é remoto e próprio para semelhantes indivíduos, porque como já se disse, dista desta Villa (Cuyabá) o melhor de cem léguas e outras tantas da de Goyaz, invadido do gentio barbaro, e esta junto ao rio das Mortes”. “O ouro era de baixo toque, pois, o melhor chegou a 17 quilates, e tantos grãos, que o mais ordinário eram 16 quilates, por causa para fazer conta era preciso verem avultados os jornaes”.

E finalmente, para terminar este punhado de notas sobre o interessante assumpto, transcrevo adiante um período da carta enviada em 1761 por d. João Manuel de Mello, governador de Goyaz, a d. Antonio Rolim de Moura, governador de Mato Grosso, e em que retransmittia as informações que pedira ao guarda-mór Balthazar de Godoy Bueno e ao capitão-mór da conquista do gentio João de Godoy Pinto da

Silveira : “Descobrimo a bandeira de Amaro Leite umas faisqueiras nas cabeceiras além do rio das Mortes, no anno de 1752, mudou-se o sitio alagado (da barra) a povoação naquella parte; a cuja noticia mandou o illm.o e exmo. sr. conde ao juízo ordinario desta Villa (Guanicuns, em Goyaz), que então era Braz Seixo de Britto, examinar juridicamente o dito descobrimento, que , por ser de pouca utilidade e extensão apenas serviu para entretenimento dos descobridores, sem que mais povo de casa quizesse aproveitar delle”.

Admitta-se portanto que depois de tantas indiscutíveis comprovantes nada mais se torne necessário dizer afim de estatuir-se o desvalor e a inoportunidade de quaesquer novas tentativas de explorações nos Araés. As miragens das lendas que os seus ambicionados thesouros não mais têm razão de existir. E é por isso que deixaremos de comprehender o escopo que moveu a recente chamada expedição Morbeck ao intuito de procurar acercar-se do supposto eldorado encravado em terras suppostamente impenetráveis por christãos. Todavia a respeito dessa celebrada caravana de penetração longamente falaremos em breve tempo em opusculo separado, dado que a questão foge bastante do quanto condiz com a ethica imperativa nas collumnas de collaboração da imprensa.

Não basta porém o desmerecimento dos Araés para diminuir as probabilidades de achados de minérios preciosos que se afiguram resguardados nas glebas inhospita do norte matogrossense. E, se acaso quisermos abandonar de lado os deslumbramentos dos Martyrios, já na zona do poente do Estado, situada nos limites do rio Madeira, adivinharemos o adormecimento da riqueza virgem nas minas de Urucumacuan, minas fabulosas de que o notavel sertanista general Rondon nos conta estas promissoras palavras: “Em uma faixa de mais de cinco léguas de largura, cortada pelos rios Barão de Melgaço e Pimenta Bueno, e que se estende do Gi para o sul, até alcançar as cabeceiras do Corumbiára, existe o ouro á flor da terra, exatamente como, nos tempos coloniaes, Sutil o encontrou nos arredores de Cuyabá”.

Voltemos todavia das paginas realistas do projecto que estivemos a enredar. Voltemos para este desolador esquecimento, para este inexplicavel perdularismo em que nos plantamos com referencia ás immensas e ricas paragens sertanejas da patria.

E seremos forçados a concluir, agora, que a inexcedível fibra devasadora dos palmilhadores do pretérito esta a dissipar-se pela estrada do tempo, muito embora em outras innumeradas e utilíssimas actividades perdure hoje, entre os piratininganos, a herança das iniciativas arrojadas e inteligentes, do trabalho sem desfalecimento e repleto de fecundidade. Dahi não ser demais lembrar que a infallivel rhetorica dos elogios, proclamada em torno dos feitos dos bandeirantes, mereceria ser substituída, ao menos algum pouco, pelo imperativo do prosseguimento das suas conscientes ambições de desbravamento e de domínio. Se assim o digo, é porque não vislumbro e nem adivinho remédio diverso afim de enfrentar a vasta conquista economica estrangeira que já se opera nos grandes sertões, perturbando e subvertendo, pelos tentaculos do mal cada vez mais accentuado, a justa evolução da politica sociologica que todos nós almejamos para a emancipação do patrimônio nacional.

Dentro da desalentadora contingência que expuz ao principio desta palestra, transparece como nossa inadiavel obrigação o romper as miragens fantasistas por cujo prisma, unilateal e erroneo, os habitantes do litoral progressista se nirvanizam no julgamento dos mysterios e das riquezas do mundo distanciado. De tal modo, se a realidade objectiva golpeia e consterna os nossos corações, por isso mesmo os brasileiros não podem prostrar-se na inercia. E principalmente e cumpre aos paulistas reagir contra semelhantes prodigalidade.

Radicados aos primevos troncos de São Vicente e do Piratininga, plasmados no sangue daquelles bravos homens que demarcaram as raias do Brasil, aos paulistas impoz o destino o honrosissimo dever de vigilantes sentinellas do formidavel legado dos verdadeiros descobridores da gleba de Santa Cruz. Respeitando tão glorioso determinismo, não nos é licito continuar na apathia, ou apenas na veneração subjectiva e idyllica, ainda mais quanto, agora, se contam outros ponderáveis factores

determinantes de novas entradas, afim de dar-se vida, afinal, ás indeleveis sementes das monções.

Nesta ocasião propicia, portanto, eu vos concito, brasileiros e paulistas, para uma fervorosa concentração das vossas almas. Lembrae que os manes dos nossos maiores aqui pairam como que a ordenar não sejam esquecidas as suas épicas peregrinações, traçadas na esteira dos roteiros inclementes onde os soffrimentos, as lagrimas, as tragédias irremediáveis coroavam sempre e sempre a admiração edições a.....(trecho inelegível) alevantada mystica em que o natural fascino das riquezas não era, comprovadamente, o motivo restricto, ou mesmo, preponderante, que os impellia para as tremendas lutas de tantos feitos de gigantes.

Sob semelhante aspecto, o cyclo das bandeiras tem sido escalpellado de forma extenuante pelos mais insignes historiadores patricios. E na sua totalidade concluem elles pela affirmativa da existencia, entre os mentores e os chefes das tropas de “barbaçudos”, de um espirito de conquista nitidamente consciente, no qual desabrochava, invencivel o opulento, o claro ideal da criação da nova pátria americana.

Eram brancos puros alguns desses ousados pioneiros, porém já aqui nascidos e assimilados pela attracção da terra virgem ; outros muitos já se haviam baptisado com o sangue indigena das linhagens dos caciques Piqueróbi, Tibiriçá e Caiubi, poucos tinham avistado a luz em Portugal. Da inicial colonia dos atirados aventureiros, em que também enquadravam os de alta estirpe lusitana, vindos principalmente na armada de Martim Affonso de Souza – do seu cruzamento e da sua comunhão com o elemento aborigene fundiu-se então o typo do paulista, cujo character de acentuada independência e de atrevida audacia desde logo iria causar serios aborrecimentos á própria côrte lisboeta. Ainda importantes e diversos factores ajudaram a alicerçar esses fundammentos typicos de emancipação e de iniciativa, entre os quaes o da situação geographica do planalto local, conforme tão bem investiga Paulo Prado no seu livro “Paulistica”. De sorte que a caça ao silvicola, e depois a caça do ouro, traziam comsigo, de maneira que se não póde duvidar, o germe da futura formação territorial.

Aliás, os antigos documentos dão pleno testemunho disso, bastando rememorar, de momento, este breve episódio comprobatorio:

No anno de 1680, em uma das accasiões em que a Hespanha costumava protestar contra a violação do celebre Tratado de Tordesilha, respondia o principe regente de Portugal, ao embaixador Masseratti, que as nossas actuaes regiões de facto pertenciam á sua soberania, pois os paulistas as haviam conquistado e defendido, e acrescentava textualmente “em porfiadas guerras, disputando aos iberos a injusta occupação”.

Parece-me, entretanto, que nunca será desarrazoado repetir nesta oportunidade certos depoimentos de nomes de precisa evidencia na cultura do paiz, propositalmente escolhidos entre os originários de outros Estados, dado que não poucos negativistas ainda se obstinam em depreciar os nossos maiores, empregando para tanto subtilezas de raciocínios que fogem da pesquisa da historia dentro do ambiente do seu tempo, tal como acontece quanto ao escravismo dos incolas.

Assim, é que nos assevera Oliveira Vianna: “Não ha, pois, hyperbole em dizer que as divisas geographicas da patria foram tracejadas pelas botas dos bandeirantes paulistas”. “Na phase mais intensa, já não diremos da descoberta, mas mesma da exploração effectiva dos campos auriferos, vemos uma larga e tranquilla migração dos colonisadores paulistas para rumos diversos dos das regiões do ouro”.

E escreve Rocha Pombo: “Durante esse período (1680) succederam-se nos sertões as bandeiras mais fortes e temerosas; e não houve uma só família de nota em S. Paulo que não contasse ao menos uma dessas grandes provas, que passaram logo a ser não só de coragem mas de amor á pátria”.

E Pandiá Calogeras adianta: “A bandeira torna-se tambem a expedição guerreira que vae conquistar terras sobre a gente inimiga (hespanhóes). Sáe a repellir o adversario tradicional, afugentando-o para longe. Nessa peleja patriótica e conscientemente conquistadora, rolam, sertão a dentro as vagas da pororóca bandeirante”.

E finalmente é Pedro Calmon quem fala: “O paulista era um guerreiro, mas com faculdades de fixação perfeitamente patriarchaes. Em geral a sua idade aventureira correspondia aos annos da robustez; na velhice, elle se afazendava, como um colono sobrio e productivo, vamos porisso encontrar “clans” paulistas no século 17 nos campos de Curityba, no rio das Velhas, no Valle do São Francisco, no Piauhy, no Maranhão, no Parahyba. Arraiaes com o nome de “Paulista” permanecem, na maioria das capitánias, por vestigio do bandeirante. Em geral a sua padroeira era Nossa Senhora da Conceição . Pois com essa invocação, havia no Brasil, há meio século, 213 localidades”.

Senhores!

Depois desta já assás longa jornada pelas remotas e esquecidas distancias do nosso Brasil, que mais terei para dizer-vos?

Creio que a despretenciosa novella indigena que vos contei, cheia da intrinseca poesia deslumbradora das suas peripecias, ha de te plantado, no intimo dos vossos espiritos, as bellas sementes de um affecto positivamente decisivo no sentido de apoiarem-se todas as honestas aspirações desbravadoras dos sertões incultos. As vozes mysteriosas dos seus arcanos, as promessas alviçareiras do selo virgem do seu sólo, a própria e magnífica aventura do desvendamento dos patrimonios ignorados – tudo isso ainda existe latente naquelle mundo da miragem, como que a suplicar piedade dos vossos olhares e dos vossos pensamentos, na mesma imitação de fé da magnifica conquista que os nossos avós não puderam terminar.

E eu aqui termino, convicto de que os paulistas de hoje nunca deixarão de corresponder ao seu invejavel passado de glorias³⁷.

Nessa palestra, Hermano Ribeiro expressou sua inserção no ideário do bandeirismo paulista, reconstruindo os mitos, e colocando, agora, o território do Araguaia, de acordo

³⁷ *Jornal O Estado de São Paulo, Os Sertões Desconhecidos do Brasil*. (Conclusão) Edição de 28 de abril de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres - MT.

com suas pretensões, no centro das atenções. Tratou, portanto, de ir buscar no passado elementos que permitissem a atualização desse mito. Nesse caso, para atingir tais objetivos, o palestrante empreendeu esforço intelectual e selou compromisso de sacrifício físico. Com base nesse discurso, é possível perceber que o território para onde ele aponta e quer se dirigir, foi eleito para ser revelador de riquezas. A *Serra dos Martírios* é a manifestação do mito da fartura. Hermano professa a fé de que essas riquezas foram descobertas graças à coragem e ao heroísmo dos *bandeirantes*. Este pensamento tem como base, a crença de que esse território foi construído por esses homens e se a questão para a sociedade paulista, nesse momento, é o desafio de promover o desenvolvimento econômico e cultural da nação, basta guiar-se pelo exemplo dos *bandeirantes*, portanto, é mais uma tarefa para os paulistas.

Levando-se em conta o lugar de onde se fala para a interpretação do passado, neste caso, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo³⁸, as palavras de Michel de Certeau são esclarecedoras: “*Um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência*”³⁹. O objetivo do IHGSP, juntamente com outras instituições paulistas, era marcar a relevância do estado de São Paulo na *produção de cultura e valores históricos* do país, a partir da construção de uma identidade nacional, fincada em sentimentos patrióticos e cívicos. Uma boa síntese do pensamento e do conhecimento produzidos nessa instituição, é a frase *A história de São Paulo é a própria história do Brasil*, colocada no primeiro volume da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. O IHGSP ao lado de outras instituições de São Paulo, como por

³⁸ IHGSP – Fundado em 1894, ver Schwarcz, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870–1930*. São Paulo, Cia. das Letras, 1995. pp. 125-140.

³⁹ Certeau, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1996. p. 201.

exemplo, Museu Paulista, colocou-se à frente nessa tarefa de *pensar e dar a conhecer a nação brasileira*, portanto, alardear, produzir vozes sobre esse espaço, garantir o referendo da elite paulista e o estatuto de cientificidade à iniciativa. Em outro sentido, confere aos *letrados*, representados pelo Instituto, a legitimidade de condutores de um *padrão civilizador* para o presente, com a atribuição de, ao mesmo tempo, delinear as cores e os tons do futuro.

Que lugar era esse? Há exatamente um século antes, o Mappa Chorográfico da província de São Paulo, desenhado em 1837, por Daniel Pedro Müller, dedicado ao presidente da província Bernardo José Pinto Gavião, fazia referência à região mais ao centro do país como *sertão desconhecido*, caracterizando a demarcação de limite entre o conhecido, a civilização e o que ainda estava por descobrir. Demarcava claramente uma idéia de *fronteira*, ainda assinalada por uma visão de mundo que abria espaço para uma configuração imaginária dos *interiores*⁴⁰. A fronteira, essa categoria cultural, enreda história, práticas culturais, políticas econômicas e sociais, as tradições e mitos, compondo uma espacialidade suscetível a fenômenos de contato. Ver o trabalho de Denise Maldí sobre territorialidade e fronteira enquanto *categorias culturais*⁴¹.

No contexto político, Mato Grosso e Goiás, nesse momento, passavam por um acirrado debate em torno de suas fronteiras políticas, *áreas de litígio*, expressando interesses de disputa de territórios.

⁴⁰ Amado, Janaina. Op. cit.

⁴¹ Maldí, Denise. *De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígena (séculos XVIII e XIX)*. In: *Revista de Antropologia*, DAFFLCH/USP, São Paulo, 1977, vol. 40 n° 2. pp. 183-221.

A Serra do Roncador situada no interflúvio Araguaia-Xingu, para os de Goiás era compreendida como *divisa natural*, argumento este, que por sua vez, não era aceito do lado matogrossense, constituindo-se em *alvo de litígio* entre os Estados de Goiás e Mato Grosso. Essa questão, era debatida desde 1919, tornando-se possível, depois, um acordo que celebrou a nova linha divisora em 28 de agosto de 1937, com a presidência de Dom Francisco de Aquino Corrêa, tendo como árbitros de Goiás: conde de Affonso Celso e Joaquim Silva. De Mato Grosso: General Cândido da Silva Rondon e Senador Antonio Azeredo⁴².

Outra grande questão que se colocava nesse momento, no país, era a necessidade de se obter conhecimentos científicos sobre a região da Serra do Roncador, a correspondência enviada pelo Diretor do Museu Nacional, Alberto Betim Paes Leme ao interventor de Mato Grosso, capitão Manoel Ary Pires de Campos, falava da necessidade do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em coletar material científico naquela região, e que, para tanto, não dispunha de pessoal, solicitando a disponibilidade do professor do Liceu Cuiabano, J. Jacob⁴³. O mapeamento era um pressuposto imprescindível para um futuro de ocupação. Assim é que deve ser visto a criação do Museu Nacional do Rio de Janeiro, em 1818, segundo Maria Margaret Lopes, tendo suas origens associadas a dois momentos conjunturais apontados exaustivamente pela nossa historiografia como marcos referenciais da cultura brasileira: a transição para o século XIX, caracterizada pela crise do antigo sistema Colonial e a transferência da sede da monarquia portuguesa para o Brasil...”⁴⁴.

⁴² Jornal *O Estado de São Paulo*. Edição de 22 de setembro de 1937, s/nº página, APMT, Lata 1937-C.

⁴³ Idem, s/nº página.

⁴⁴ Lopes, Maria Margaret. *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, HUCITEC, 1997. p. 11-12.

Percebe-se a partir desses dados, como esse território, sob a mira dos interesses da Expedição, era foco de atenções e conflitos políticos. Contudo o que mais aparece das falas de Hermano Ribeiro da Silva, o chefe da expedição, e mesmo de Affonso d'Escragnolle Taunay, do Museu Paulista, são as importantes mensagens como expressão do movimento de conhecimento científico, exploratório, que só uma espécie de bandeira intelectual poderia, a partir de orientação científica, decifrar. A *Bandeira Anhangüera*, representa o desafio de adentrar os limites da civilização. Anuncia uma nova ordem cultural, fundamental ao processo de *integração nacional*. Nessa construção imagética, o desenvolvimento dar-se-á na oposição entre civilização e barbárie, por isso, ela é uma bandeira intelectual. O que demonstra que havia toda uma teoria a orientar o caminhar da comitiva. Taunay, anuncia a Entrada: *“É para o alargamento do Brasil, agora sob outra forma que não o do alargamento territorial, que outros filhos de São Paulo vão embrenhar-se no sertão. Visam o alargamento cultural da nação que os seus antepassados aquinhoaram com milhões de quilômetros quadrados. Estes bravos moços, que vão arrostar extensos perigos, e dos mais sérios, em prol do conhecimento do solo e das gentes autochtones do Brasil, e que visam o máximo desenvolvimento possível da área nacional á civilização, certamente merecem o mais decidido apoio dos poderes públicos, dos particulares e de quanto se interessam pelo avanço da cultura em geral”*⁴⁵.

É importante observar a relação entre cultura e nacionalidade, quando Affonso d'Escragnolle Taunay, diretor do Museu Paulista, membro da Academia Brasileira de

⁴⁵ Jornal *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição de 30 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres – MT.

Letras e da *Comissão de Honra da Bandeira Anhangüera*, apresenta os seguintes argumentos:

“A voz do sangue impelle Hermano Ribeiro da Silva e seus companheiros a um esforço que bem sabem quanto lhes exigirá em matéria de resistência e abnegação. É para o alargamento do Brasil, agora, sob outra forma que não a do alargamento territorial, que outros filhos de S. Paulo vão embrenhar-se no sertão. Visam o alargamento cultural da Nação a que os seus antepassados aquinhoaram com milhões de kilometros quadrados. Assim, sempre lhes caibam as maiores venturas durante essa jornada, que se estriba no espírito de sacrificio e no idealismo patriótico em prol do nosso nome nacional. Que o Brasil, nos últimos territórios a revelar ao mundo civilizado, seja, de ponta a ponta, desvendado sobretudo pelos esforços dos seus filhos, como outrora o foi”⁴⁶.

Os argumentos de Taunay são demonstrativos do seu trabalho enquanto historiador, empenhado na valorização do processo de ocupação do território e na história dos homens que ele acreditava serem os protagonistas do alargamento territorial, configurando um novo mapa do Brasil, muito diferente daquele proposto pelo Tratado de Tordesilhas. Katia Maria Abud, ao se referir a Taunay em seu texto *A construção das fronteiras brasileiras: uma tarefa de historiadores*, escreve: “Os sujeitos de sua história foram os chefes das

⁴⁶ Discurso de Afonso d'Escagnolle Taunay diretor do Museu Paulista na *Rádio Bandeirante*, em 09 de maio de 1937. In: *O Estado de São Paulo. Revivendo As Epopeas Dos Paulistas*, edição de 23 de maio de 1937, s/nº página. Acervo de Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁴⁶ Abud, katia Maria. Op. cit., (texto completo/ pp. 379-388) p. 386.

bandeiras, que são identificadas pelo nome dos seus líderes. Porém o grande sujeito da história das bandeiras é o sertão”⁴⁷.

Hermano Ribeiro da Silva, chefe da expedição, partindo dessas representações, da imagem que está sendo montada no imaginário popular, colocar-se-á a serviço das questões nacionais, valorizando o conteúdo mítico para garantir aos paulistas mais uma vez a condução do processo civilizatório.

“Meus patrícios!

O plano que nos cumpre executar, como componentes da “Bandeira Anhangüera”, tem um caracter nitidamente, logicamente nacionalista, pois foge, pela própria essência das suas complexas finalidades, de quaesquer idéas do regionalismo estreito e obscuro.

E assim é que sentimos vibrar nas nossas almas, apenas e honrosamente, a força fecunda e inabalável do imperativo histórico, transmitida pelo maravilhoso passado que os devassadores piratininganos souberam edificar. E sentimos, de tal forma, que nos assiste, de início, um dever primordial, collocado muitíssimo acima de todas as momentaneas paixões, de todos os dissabores e de todas as injustiças: o dever de preencher aquella estupenda missão de descobrimento, effectuada através das rudes e estóicas jornadas dos nossos maiores, e sem as quaes o território brasileiro estaria profundamente reduzido na sua superfície, deixando de nos dar, agora, esse justo motivo de orgulho pelo afortunado poder da sua formidável dimensão.

Sabemos, entretanto, que cerca de um terço do patrimônio nacional, composto sem duvida das suas mais generosas terras, se encontra ainda mergulhado nas trevas da absoluta da nossa ignorância. Um verdadeiro mundo compreendido pelo extremo norte

de Mato grosso e por enormes parcellas dos sertões do Pará e do Amazonas, o distante mundo exuberante, que os paulistas de outróra não chegaram a abrir distante dos nossos olhos, continua na plena sonolência da sua barbaria, como que imitando incalculavel riqueza esbanjada por perdulários inconscientes.

Aqui esta, pois, a inicial, a incontestavel razão que nos moveu para pedir o vosso patriótico apoio, tanto no sentido moral como, principalmente, no sentido material, afim de que não venham dissipar-se os bellissimos castellos das aspirações desse grupo de moços brasileiros e paulistas, dos quaes tenho a honra de ser, antes o chefe, o amigo leal para todas as horas amargas que nos promettem as caminhadas pelas selvas, ignoradas, mas sempre repletas de represálias e de vinganças cruéis.

De resto, dando a entrada moderna character inédito dos objetivos de ordem cultural, com a preocupação máxima de colher todos os possíveis elementos scientificos que possam clarear ensombramento da região, nós estamos convictos, assim, de contribuir utilmente, valiosamente com um largo passo ponderável, para maior gloria da que nos deu o berço.

Para tanto, cumpre, porém, que toda a população, sem distincções de classes e de condições econômicas, concorra efficazmente com o seu subsidio financeiro, sem o que, a nossa iniciativa tão galhardamente patrocinada pela Sociedade Bandeirante de Radio Diffusão e pelo “O Estado de São Paulo”, permanecerá apenas no doloroso realismo das autopias a pedir as gerações futuras a decifração do seu tristissimo mysterio”⁴⁸.

Aqui está presente o discurso de apropriação do conhecimento científico enquanto pressuposto de civilização e, ao mesmo tempo, estratégia de combate ao “imperialismo”, também presente nos discursos veiculados pelos meios de comunicação. A questão,

⁴⁸ Discurso de Hermano Ribeiro da Silva na *Rádio Bandeirante*. In: *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, edição de 15 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres - MT.

consiste em garantir para São Paulo o processo de construção da *nação*. Para isso, os argumentos arrolam motivos de ordem econômica, social e política, sem disfarçar as conexões com o pensamento científico que, ao contrário, fornece a base de sua sustentação.

Deve-se anotar que, entre a segunda metade do século XIX e os primeiros anos do século XX, expedições científicas, compostas de indivíduos ligados a iniciativas públicas ou privadas, nacionais ou estrangeiras, portadoras de múltiplos interesses, percorreram espaços ditos indevassados, denominados de *regiões desconhecidas*. Regiões diferenciadas de Mato Grosso, foram percorridas: nos anos compreendidos entre 1826-1845, pela Expedição Naturalista russa, chefiada por Georg Heinrich von Langsdorff⁴⁹; nos anos compreendidos entre 1844-1845, pela Expedição Geográfica de bandeira francesa, chefiada por Francis Castelnau de La Porte; a Expedição Etnográfica alemã, chefiada por Karl von den Steinen em 1884 e 1887; e ainda, a Expedição Etnográfica alemã de Max Schmidt, que veio no período compreendido entre 1900-1901.

As viagens científicas no Brasil surgem sob os auspícios da Ilustração, influenciando inúmeros pesquisadores a empreenderem expedições ligadas aos interesses da história natural e de outros ramos do conhecimento enciclopedista, contribuindo para constituir as representações européias do mundo não europeu⁵⁰. A pesquisa naturalista e a

⁴⁹ Consultar entre outros: Costa, Maria de Fátima et al. *O Brasil de Hoje no Espelho do século XIX – artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995; Costa, Maria de Fátima e Pablo Diener, *Viajando nos bastidores: documentos de viagem da expedição Langsdorff*. Cuiabá: EdUFMT, Mato Grosso, 1995.

⁵⁰ Ver Pratt, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Tradução de Jézio Hernani Bonfim Gutierrez, Bauru: EDUSC, 1999.

visão de mundo moldada pelo Romantismo definiam o foco do olhar dos viajantes, orientando a apreensão da vida social, econômica, política e histórica⁵¹.

A *Bandeira Anhangüera*, por tudo que foi dito em sua defesa, traz como matriz o pensamento do século XIX, em que, para os viajantes, o espaço percorrido, o *sertão desconhecido*, era a materialização do limite entre dois mundos, o do homem branco civilizado e dos índios bárbaros.

Do ponto de vista dos movimentos culturais, as práticas discursivas em defesa da *Bandeira Anhangüera*, pelo menos, aparentemente, acomodam uma pleiade de influências intelectuais possíveis de serem identificadas. O Romantismo e o Modernismo têm uma contribuição fundamental na configuração da Expedição, mas, é possível verificar que o paulista que está falando dos *sertões* incorporou elementos estéticos e políticos de ambos movimentos culturais, que se manifestam no sentimento de nacionalidade.

Observa-se ainda que, essa espécie de “força da tradição”, uma representação social que transcende a descoberta de riquezas e de alargamento territorial é decorrente das influências da construção da mística paulista. São Paulo por todo o tempo alimenta a crença de sua superioridade com relação aos demais estados da Federação.

Renato Ortiz no texto “Cultura Popular: Românticos e Folcloristas”, cita Hobsbawm e seu livro “A invenção da tradição”, em que ele se refere ao processo de construção de

⁵¹ Ver Lisboa, Karen Macknow. *A nova atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, Editora Hucitec, 1997. (Sobretudo a conclusão).

tradições, como um conjunto de técnicas que criam rituais e regras que procuram implicar automaticamente uma continuidade com o passado. Para Ortiz “A tradição criada dá a impressão de perenidade e possibilita estabelecer uma ponte entre o presente e o passado reconstruído”⁵².

Ainda que as razões que movem a *Bandeira Anhangüera*, encontrem sua referência mais forte no ideal de progresso e racionalidade, com base no pensamento Iluminista, torna-se importante perceber que o movimento modernista imprimiu características fundamentais à noção de *povo brasileiro*, que agora será uma alavanca básica para a “conquista dos interiores” do Brasil. A visão mais marcante é a de que é necessário *descobrir* o Brasil.

Mas, o que é ser Modernista no Brasil? Margarida de Souza Neves, procurando compreender o caráter da obra e o pensamento de Mário de Andrade, escreve, “*Mário vive em profundidade as contradições dos que, por um lado intuem a força do povo – esse coletivo tão indefinido – e o respeitam e, por outro lado, cumprem o destino dos letrados sempre convencidos da sua missão de intérpretes e descobridores*”. E continua, “*...talvez porque só a si mesmo atribua a missão de despertar no povo brasileiro uma consciência social de raça e o mais assustador dos problemas brasileiros que identificava em seu tempo, o da construção da consciência de uma nacionalidade*”⁵³.

⁵² Ortiz, Renato. *Cultura Popular: Românticos e Folcloristas*. TEXTO 3. São Paulo. PEPGCS/PUC/SP., 1985. p. 29.

⁵³ Neves, Margarida de Souza. *Da Maloca do Tietê ao Império do Mato Virgem*. In: Chalhoub, Sidney. e Pereira, Leonardo Affonso de Miranda. (org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1998. p. 292.

O Modernismo brasileiro⁵⁴, como um movimento estético, incorpora elementos de construção de nacionalidade a exemplo do Romantismo alemão, influenciado pelo pensamento de Johann Gottfried Herder. Segundo Denys Couch, Herder se colocou em contraposição ao “universalismo uniformizante do Iluminismo, que ele considerava empobrecedor. Herder pretendia devolver a cada povo o seu orgulho, começando pelo povo alemão”⁵⁵.

Para aquela conjuntura, a defesa desse empreendimento “bandeirante” para buscar conhecimento científico, aliado à idéia de constituição da identidade nacional, por parte do poder legislativo de São Paulo, poderia expressar entre outras questões, a nova composição da sociedade paulista reconfigurada em 1932.

A Constituição Federal de 1932 trouxe novidades na área eleitoral. O voto tornou-se secreto, as eleições deixaram de ser distritais e as mulheres conquistaram o direito de voto. A velha aristocracia do Partido Republicano Paulista deixou de ser absoluta no Legislativo.

Havia novos personagens: industriais, operários, camponeses, diversas categorias de trabalhadores urbanos, e, diversas siglas estavam representadas no plenário da Assembléia, o jogo político parlamentar poderia ter outra dinâmica. Em 1935, foram eleitas as duas primeiras deputadas estaduais, Maria Thereza Silveira de Barros Camargo e Maria Thereza Nogueira de Azevedo. A primeira compôs a Comissão de Finanças e Orçamento que reunida exarou parecer acatando parte a emenda do deputado Miguel Coutinho, ampliando

⁵⁴ Sobre Movimento Modernista ver entre outros: Silveira, Sirley. Op. cit.

⁵⁵ Couch, Denys. Tradução de Viviane Ribeiro. *A noção de cultura nas ciências sociais*. São Paulo, Edusc, 1999. p. 27.

para 40:000\$000 (quarenta contos de réis) o auxílio à *Bandeira Anhangüera* “ *que vae arrostar o incógnito dos nossos sertões, afim de conhecel-os e estudal-os convenientemente, com carinho de authenticos bandeirntes hodiernos*”⁵⁶.

O referendo do parlamento provavelmente, como desdobramento, despertaria maior envolvimento do setor empresarial, na medida em que a Expedição apontasse com possibilidades de novas descobertas para o mercado capitalista e de terras para colonização.

O discurso do deputado Miguel Coutinho, autor da Emenda ao Projeto de Lei nº 104 de 1937, da Assembléia Legislativa de São Paulo⁵⁷, propondo a alteração dos valores destinados à *Bandeira Anhangüera*, é a melhor expressão dessa questão. Para ele: “Conhecedor prático do Sertão, amando extraordinariamente, a sua vida de perigos, de emoções, de poesia e de silencio, dou, com a emenda que tenho a honra de appensar ao referido projecto, aos valentes exploradores do nosso paiz um testemunho da minha fé no seu empreendimento e da minha crença absoluta na honestidade de propósitos que alimenta a joven caravana”. E continua: “Conheçamos o nosso paiz. Elle é um império territorial. As suas riquezas existem latentes. Foram exploradas, rusticamente, por processos empíricos e primitivos, pelos nossos antepassados, bandeirantes gloriosos que encheram o mundo, com o peso de nosso ouro e com o quilate das nossas pedras preciosas. Estamos certos que há muito por explorar, muito por descobrir”.

⁵⁶ Annaes da 102ª Sessão Extraordinária em 1937. Assembléia Legislativa de São Paulo. Livro nº 493. p. 1038-1039.

⁵⁷ Annaes da 97ª Sessão Extraordinária em 1937. Assembléia Legislativa de São Paulo. Livro nº 493. p. 901.

Assim calculando, sr. presidente, digo que a verba do referido projecto é mínima. Apenas por desengano de consciência, trarei alguns exemplos que confirmam minhas palavras.

São por demais conhecidos:

A expedição Iglezias conseguiu um milhão e meio de pesetas, por subscrição pública, um milhão dado pelo Poder Executivo e um vapor - o "Artabro" - com o intuito exclusivo (apparentemente pelo menos) de Explorar a Alta Amazônia;

A expedição destinada à explorar o deserto de Ghobi, na Ásia, foi regiamente amparada pelas fábricas de automóveis Citroen, pelo perfumista Coty, por outros industriaes, por instituições científicas e pelo governo francez.;

A expedição "Mato Grosso Expedition", custeada pelo capitalista americano Johnson, esteve, em 1932, explorando o alto Xingú, com o escopo exclusivo (apparentemente, pelo menos), de uma filmagem completa daquelles sertões. Conheço um de seus componentes, que afirma ter custado - a exploração - mais de duzentos mil dollares;

A expedição "British Expedition for Matto Grosso", o já tão tristemente celebrado grupamento do jornalista Peter Fleming, em 1932, desceu, em uma viagem esportiva (apparentemnete pelo menos), o curso do Araguaya. Gastou nessa viagem ... esportiva, a ninharia de quatrocentos contos, para escrever um livro, "Brazilian adventures", que detrata e despreza a nossa terra;

E, as expedições não cessam, sr. Presidente. Por isso ou por aquillo, atraz de borboletas ou bichinhos... raros, ellas vêm; umas discretas, sem apparatus; outras, com verdadeiras organizações de occupação, onde nem sequer faltam as estações meteorologicas, nem os mais possante e modernos aviões.

Umas, com o conhecimento das nossas autoridades, outras, mimetizadas, com os mais innocentes propósitos...

Felizmente para nós, sr. Presidente, o sertão reage. Reage valente, enérgica e tragicamente!

Lá vive a sua magestade a phatologia tropical - com a sua vassalagem numerosíssima e de uma fidelidade symbolica; lá, dominam, senhores absolutos, déspotas indomáveis, os Chavantes, os Caiapós e milhares de outros guerreiros subtis, entrincheirados nos cipós, nas barrancas fundas dos corrichos ou nas suas margens serenas e frondosas dos caudae famosos, mantendo integras as nossas terras e as nossas riquezas.

Pra essas expedições, não faltam meios pecuniários nem o aparelhamento indispensavel ás difficeis pesquisas scientificas, que são leva a cabo, ás vistas da nossa criminosa complacencia ou indifferentismo consciente.

E' assim, senhor presidente, que os museus estrangeiros possuem, em apreciável copia, para nós desconhecidas, especimens, dos mais raros, da nossa fauna, além de amostras de nossa riqueza mineral.

De quem é a culpa? Das nossas fundações scientificas? – Não, absolutamente não!

Melhor do que eu, sr. Presidente, sabe v. excia, que as boas descrições dos invios sertões brasileiros estão nos livros estrangeiros cuidadosa e fartamente documentadas.

Vou terminar, sr., as minhas já longas considerações, sobre a emenda, por mim feita, ao utilissimo projecto de lei nº 104, de 37, da autoria dos illustres collegas Paulo Duarte e Pinto Antunes⁵⁸.

O discurso forte e decidido do deputado, colocou em evidência, de maneira harmônica com o seu pensamento, valores a serem preservados; elementos de identidade

⁵⁸ Idem, p. 905.

nacional, de compromisso patriótico e de abnegação espiritual, de fascínio e deslumbramento pelos mistérios das imensas regiões brasileiras. Para o deputado, essa região ainda perdura desconhecida da cultura nacional e abandonada na inércia desoladora da falta de aproveitamento econômico. A força da argumentação discursiva não deixou outra possibilidade de atitude, coube aos parlamentares demonstrar *“amor de verdade por esta terra, envidando os maiores esforços, empenho de salvação”*. Francisco Brasileiro o subchefe da *Bandeira Anhangüera* em sua obra *Na Serra do Roncador: a vanguarda da Bandeira Anhangüera*, analisa o papel da Assembléia Legislativa de São Paulo para a viabilização da iniciativa e reconhece: *“Iniciamos a campanha pela Rádio Bandeirante e pelo O Estado, apelando do bom povo paulista o auxílio financeiro necessário, através de uma subscrição pública”*. E continua, *“Foi porém o legislativo estadual que, quase exclusivamente concorreu para o sucesso da nossa iniciativa. Em momento de crises políticas apaixonadas e dissidências partidárias, tivemos a satisfação de ver por unanimidade a aprovação do projeto nos concedendo um auxílio de quarenta contos”*⁵⁹.

Neste ponto, já caracterizado o caráter civilizador da iniciativa, convertendo-se numa tarefa obrigatória do sentimento patriótico: *“Seguros da elevação dos seus propósitos, escudados na nobreza dos seus intuitos, fiados na justiça e na generosidade dos seus patrícios, crentes de realizarem um trabalho de sã patriotismo, ufanos com a satisfação de quem cumpre um dever, lá vão, rumo ao desconhecido, os nobres moços de São Paulo, bandeirantes do século 20, continuar a obra gloriosa dos seus ancestraes,*

⁵⁹ Brasileiro, Francisco. Op. cit., p. 6.

contribuindo, assim, para tornar ainda maior a nossa grande e querida Pátria”⁶⁰. Anuncia-se a partida da *Bandeira Anhangüera*, reforçando, portanto, a caracterização da reinvenção do lugar, o *sertão desconhecido*, de onde vai ressurgir o paulista, descendente da *raça de gigantes*⁶¹, o verdadeiro brasileiro, capaz de dar continuidade ao processo de construção da nação que, por circunstâncias históricas, foi interrompido.

Em 25 de julho de 1937, no trem noturno das 19:50 horas, partiu da Estação da Luz em São Paulo a *Bandeira Anhangüera* com os seguintes componentes: o chefe, sertanista e escritor Hermano Ribeiro da Silva; dois sub-chefes, o sertanista e escritor Francisco Brasileiro (Chicão) da vanguarda da bandeira e o indianista Darcy Bandeira de Mello que já havia passado uma temporada com seu pai no Posto de Redenção do SPI em Santa Isabel na Ilha do Bananal; o mineralogista Jorge do Rego Freitas; o engenheiro Arnaldo Otávio Nébias; o médico Arion Bueno de Oliveira; o botânico Fábio Fabiano Alves; o taxidermista Walter H. Garbe; o secretário Hugo Borgognoni; o rádio telegrafista Walter Glaser; o encarregado de abastecimento Cyro de Toledo Piza; o encarregado de transporte de tropa José Leite Penteado; os encarregados pelos serviços de acampamento Jorge Junqueira Penteado e João Martins Mello; o cinematografista Carlos Feltem; o fotógrafo Antonio Senatore e ainda outros componentes sem função específica.

⁶⁰ Discurso de José Torres de Oliveira, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. In: Annaes da 97ª Sessão da Assembléia Legislativa de São Paulo, em 13 de junho de 1937. p. 908.

⁶¹ Expressão cunhada por Alfredo Ellis Jr., em 1926, quando lançou o livro *Raça de Gigantes*, onde defendeu a superioridade racial dos paulistas.

No diálogo com os documentos armazenados por Antonio Senatore e com outras fontes, foi possível perceber os interesses que governaram os passos que astuciosamente investiram na espacialidade que a *Bandeira Anhangüera* percorreu.

O diálogo, estimulou também, olhar para o presente, possibilitando a apreensão de antigos e novos mitos no processo de configuração e reconfiguração espacial e poder na região médio norte do Araguaia.

Com efeito, o movimento de conquista desse espaço aponta para o que diz a historiadora: “*fronteiras inacabadas – um mosaico, incessantemente repostas, de representação cultural sobre as imensas terras da fartura e da cobiça*”⁶².

⁶² Guimarães Neto, Regina Beatriz. *Memória e Imagens da conquista no movimento de reterritorialização da Amazônia – Mato Grosso*, texto apresentado no Projeto Integrado de Pesquisa “Movimentos populacionais, culturas e cidades na Amazônia mato-grossense”, Programa de Pós-graduação – Mestrado/Departamento de História da UFMT.

CAPÍTULO 2

ITINERÁRIO XAVANTE: apanhadores de imagens no espaço do espetáculo

“É preciso lembrar que nas primeiras décadas do século fotografar não era um ato simples, de apontar a câmera e apertar o disparador. Era preciso saber tirar maior proveito da máquina primitiva, era preciso tomar decisões corretas, sem instrumentos de luz, distância, foco...”.

Luis de Castro Faria.

ITINERÁRIO XAVANTE: apanhadores de imagens no espaço do espetáculo

Questões de Logística e Pensamento

Na noite de 25 de julho de 1937, às 19:50 horas, entre vozes, olhos lacrimejando, empurrões, abraços e apertos de mãos “o trem apita” na Estação da Luz em São Paulo. É hora da partida da *Bandeira Anhangüera* com os seguintes expedicionários: Francisco Brasileiro (Chicão), escritor, sertanista, sub-chefe da expedição e homem da linha de frente da bandeira; o indianista Darcy Bandeira de Mello que já havia passado uma temporada com seu pai Manuel Silvino Bandeira de Mello, no Posto de Redenção do SPI em Santa Isabel na Ilha do Bananal; o mineralogista Jorge do Rego Freitas; o engenheiro Arnaldo Otávio Nébias; o médico Arion Bueno de Oliveira; o botânico Fábio Fabiano Alves; o taxidermista Walter H. Garbe; o secretário Hugo Borgognoni; o rádio telegrafista Walter Glaser; o encarregado de abastecimento Cyro de Toledo Piza; o encarregado de transporte de tropa José Leite Penteado; os encarregados pelos serviços de acampamento Jorge Junqueira Penteado e João Martins Mello; o cinematografista Carlos Felten; o fotógrafo Antonio Senatore e ainda outros componentes sem função específica.

Os acalorados debates próximos à partida da *Bandeira Anhangüera* evidenciaram uma questão crucial: a falta de subscritores com capacidade financeira e material para dar prosseguimento à excursão. Nesses debates em torno das preocupações com os fundos necessários, Francisco Brasileiro mostrava-se céptico quanto ao desprendimento cívico dos paulistas para aquele momento, pois, “algumas pessoas ligadas à organização da Bandeira,

para tudo tinham uma saída: o civismo paulista [...]”⁶³. Cultivavam-se crenças demasiadas no *espírito cívico dos paulistas*⁶⁴, atitude esta que segundo Francisco Brasileiro, conduzia a certo imobilismo frente à quantia orçada.

Outro fator se impunha à iniciativa, a urgência do tempo frente à estação da seca, a escolha do momento propício à penetração. Os principais homens da bandeira sabiam perfeitamente que o *tempo* nessa região do Araguaia, era demarcado pelo movimento das águas. Desde a chegada dos primeiros grupos garimpeiros no vale do Araguaia, cultivava-se a noção de que duas estações definiam o ano e da mesma maneira, as possibilidades das penetrações, o verão (a seca) e o inverno (as chuvas), “estio” e “invernía” na linguagem regional.

Alguns homens da *Bandeira Anhangüera* conheciam bem as alterações que as chuvas provocavam naquele ambiente, destacando Hermano Ribeiro da Silva pela viagem realizada à bacia do médio Araguaia em 1932, sob os auspícios de um reconhecimento: “[...] faz-me entender que necessitamos contornar distendidas zonas em razão dos charcos e lagoas que se originam pela invernía”⁶⁵. “Mal armamos a lona, despenha violenta tempestade acompanhada de raios apavorantes”⁶⁶. Escreveu ainda o autor sertanista: “Esta é

63 Brasileiro, Francisco. Op. cit., p. 10-14.

64 Na palestra do IHGSP, Hermano Ribeiro da Silva destaca essa crença: “Creio que a despretenciosa novella indígena que vos contei, cheia da intrinseca poesia deslumbradora das suas peripecias, ha de te plantado, no intimo dos vossos espiritos, as bellas sementes de um affecto positivamente decisivo no sentido de apoiarem-se todas as honestas aspirações desbravadoras dos sertões incultos. As vozes mysteriosas dos seus arcanos, as promessas alviçareiras do selo virgem do seu sólo, a própria e magnífica aventura do desvendamento dos patrimonios ignorados – tudo isso ainda existe latente naquelle mundo da miragem, como que a suplicar piedade dos vossos olhares edos vossos pensamentos, na mesma imitação de fé da magnifica conquista que os nossos avós não puderam terminar. E eu aqui termino, convicto de que os paulistas de hoje nunca deixarão de corresponder ao seu invejavel passado de glorias”.

65 Silva, Hermano Ribeiro da. Op. cit., p. 273.

66 Idem, p. 273.

mais uma madrugada tormentosa, inundada da incrível penitencia dos mosquitos, e que positivamente nos redime de larga parcella de pecados”⁶⁷.

O embarque dos expedicionários deu-se com ampla cobertura jornalística. Em tal cobertura, as notícias emotivas não deixavam dúvidas, tinham entre os inúmeros objetivos, o de promover mais um esforço para a imediata superação das questões orçamentárias. Hermano não embarcou, continuou em São Paulo tentando captar recursos que pelo menos se aproximassem da quantia dos cem contos orçados, sem os quais, como conhecedor prático, dessas incursões, sabia, colocaria em risco todo o empreendimento. As discussões em torno do orçamento da *Bandeira Anhangüera*, se constituíram num problema de ordem política, tendo sido examinado e acaloradamente debatido pelos deputados estaduais⁶⁸, - argumenta o deputado Miguel Coutinho - “[...] verificamos que o nosso Governo, com boa vontade, sem gastos forçados, poderá diminuir a despesa, offertando algum material, com facilidade. Além disso, sr. presidente, estão computadas nessas parcellas, as despesas com estradas de ferro e de rodagem que, conscientemente, devem ser fornecidas pelos governos Federal e Estadual, competindo também a esses governos ajustarem para que essa comitiva, disposta aos maiores sacrifícios, para um melhor conhecimento de uma pátria grande, não tenha os seus passos tolhidos, como quase sempre, pelos intempestivos e inoportunos burocratas”⁶⁹.

Por iniciativa da chefia da *Bandeira Anhangüera*, deu-se, nos primeiros dias do mês de junho, publicidade ao “orçamento mínimo” para o empreendimento. Para dar

⁶⁷ Ibidem, p.273.

⁶⁸ Anais da 97ª Sessão Extraordinária da assembléia Legislativa de São Paulo, 1937, livro nº 493. p. 900.

⁶⁹ Idem, p. 904.

prosseguimento ao empreendimento seria necessário: “Material de engenharia geográfica (trânsito, bússolas, estação meteorológica portátil, apetrechos fotográficos, etc.) – 3:000\$000; material mineralógico (aparelhos, reativos, etc.) – 2:000\$000; despesas para coleções de zoologia, botânica e etnografia – 4:000\$000; conjunto de radio transmissor e receptor, inclusive motor – 15:000\$000; cinema (4.000 metros de filme e 2 maquinas) – 15:000\$000; aparelhamento geral expedicionário (cozinha, lonas, ferramentas, facões e demais petrechos) – 5:000\$000; medicamentos – 1:000\$000; víveres (2.000 kilos) – 4:000\$000; 3 pequenas carretas para carga – 1:500\$000; 15 arreios para cargueiros – 3:000\$000; 30 arreios para montaria – 3:600\$000; 20 passagens (ida e volta até o sertão) – 8:000\$000; 15 burros para cargueiros – 7:500\$000; 30 animais para montaria – 12:000\$000; 15 carabinas – 7:500\$000; 20 revólveres – 2:000\$000; munição (10.000 tiros) – 5:000\$000. Total – 104:100\$000”⁷⁰.

Na 93ª Sessão Extraordinária do legislativo paulista, em 9 de junho de 1937, o argumento que permeou os debates foi o de desenvolver um trabalho puramente nacionalista, constitutivo de uma *cruzada cívica*, evocada na *identidade nacional* e no *caráter civilizador* dessa missão “...Assim sendo, serão feitas nas inexploradas regiões do respectivo roteiro, através das mesopotâmias dos rios Araguaia, Xingu e Tapajós, em uma caminhada de mais de 300 léguas, atravessando os domínios de perto de 10 tribos de indígenas bravios, observações, estudos e as respectivas coletas de material compreendidos em numerosos ramos das ciências, como sejam: etnografia indígena, geografia (levantamentos topográficos, climatologia, etc.) investigações mineralógicas completas,

⁷⁰ *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, Terça-feira, 15 de junho de 1937. p. 21. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Caáceres-MT.

zoologia, botânica, folclore sertanejo, depoimento cinematográfico e fotográfico-técnico”⁷¹. “Fácil é de ver-se, portanto,” – conforme a justificativa do Projeto de Lei nº 104 – “qual será o lucro dos nossos museus, e de perceber-se qual será o futuro tesouro dos novos conhecimentos que surgirão sobre as remotas distâncias”⁷². Aqui, o legislativo estadual marca a prerrogativa das instituições científicas e de memória, acentuando sua tarefa altamente civilizadora e humanitária.

O Projeto de Lei Estadual nº 104, de 1937, concedeu um crédito especial de 20:000\$000 para auxiliar a *Bandeira Anhangüera*, o que não foi suficiente para aplacar os apelos em favor da expedição. Na 97ª Sessão Extraordinária da Assembléia Legislativa de São Paulo, em 14 de junho de 1937, portanto cinco dias depois, veio à Sala das Sessões a Emenda ao Projeto de Lei nº 104, buscando alterar o valor do Crédito Especial de 20:000\$000 (vinte contos de réis) para sessenta 60 :000\$000 (contos de réis). Subscreveram a Emenda os deputados: Miguel Coutinho, Ismael Guilherme, Cyrillo Junior, Alfredo Ellis, Leopoldo e Silva, Campos Vergueiro, Bastos Cruz, Campos Vergal, Manoel Carlos, Sebastião Medeiros, Diógenes Lima, Padre Abreu, Epaminondas Lobo, Hilário Gomes e Moura Rezende⁷³.

Nessa Sessão Extraordinária, o deputado Miguel Coutinho fez destaque à pessoa do chefe da expedição “Conheço e dedico muita amizade a Hermano e vários de seus companheiros. Formam um conjunto harmônico de grandes qualidades morais e cívicas”,

⁷¹ Annaes da 93ª Sessão Extraordinária em 1937. Assembléia Legislativa de São Paulo. Livro 493. p. 741-742.

⁷² Idem. p. 742.

⁷³ Annaes da 97ª Sessão em 1937. Assembléia Legislativa de São Paulo, op. cit., p. 900.

ressaltou mais uma vez, a importância da iniciativa bandeirante, reunindo argumentos de cunho nacionalista e de explícito interesse pelas Ciências Naturais, ramo de conhecimento, que no Brasil, conforme Maria Margaret Lopes⁷⁴, desde o século passado vem sendo alvo de preocupações institucionais.

Os anais da 102ª Sessão Extraordinária da Assembléia Legislativa de São Paulo, noticiam que o Parecer nº 118, de 1937, sobre projeto de lei nº 104, de 1937, concluiu por um Substitutivo da Comissão de Finanças e Orçamento, que justificou a necessidade de economia pública, acolhendo em parte a Emenda ao Projeto de Lei nº 104, autorizando o Poder Executivo a conceder um auxílio de 40:000\$000 (quarenta contos de réis) à *Bandeira Anhangüera*⁷⁵.

Os expedicionários, sob a chefia geral-interina de Francisco Brasileiro, viajaram por via férrea até Anápolis, Estado de Goiás. Lá, uma representação da bandeira se deslocou até a capital Goiânia, em busca de auxílio por parte do Interventor Ludovico, que forneceu transporte para carga e pessoal de Anápolis a Aruanã, à época denominada Santa Leopoldina, às margens do rio Araguaia. Entretanto, havia ainda, a preocupação de penetrar a região com o máximo possível de informações sobre a natureza daquela espacialidade: “Estivemos em Anápolis com o zoologista Lako, do Instituto Rockefeller que nos transmitiu várias informações de natureza científica...”⁷⁶.

⁷⁴ Lopes, Maria Margaret. Op. cit., p. 11.

⁷⁵ Annaes da 102ª Sessão Extraordinária em 1937. Assembléia Legislativa de São Paulo. Op. cit., p. 1038-1039.

⁷⁶ Telegrama enviado por Hermano Ribeiro da Silva em 3 de agosto de 1937. Cf. Mello, Darcy S. Bandeira de. Op. cit., p. 211.

Escrita, Imagens e tralha

A *Bandeira Anhangüera* agora se encontra a caminho de Santa Leopoldina nas barrancas do rio Araguaia (ver mapa), lugar considerado a *boca do sertão*, por onde se dará a entrada às anunciadas terras não desbravadas, inscrevendo-se no mesmo trajeto de estradas esburacadas e solavancos feito por Hermano e Francisco Brasileiro, em 1932. A rigor, todas as impressões colhidas neste trecho da viagem foram objetos de minuciosas descrições, tanto da parte de Francisco Brasileiro da Silva, como de Darcy S. Bandeira de Mello e de Antonio Senatore, suas narrativas atentaram-se para as alterações dessa paisagem.

O sertão... sertões inexplorados, desconhecidos, regiões não desbravadas, confins, zona dos *Xavante*, barbárie do homem primitivo, riquezas, mapeamento, inventário, classificação em numerosos ramos das ciências: etnografia indígena, geografia (perfil topográfico, clima, etc.) investigações mineralógicas completas, zoologia, botânica, folclore sertanejo, depoimento cinematográfico e fotográfico-técnico, civilização, brasilidade, emancipação nacional e missão civilizatória. São demonstrações de que essa espacialidade já fora apreendida na ótica dos principais homens da expedição: “É o sertão ingrato, áspero, inhóspito, mas querido que nos tira o sossêgo e nos faz debater revoltados dentro desta cidade grande, como as mariposas nas vidraças”⁷⁷. O que leva a crer que esses homens são produtores e produzidos pela vida fascinante e hostil de percorrer espaços geográficos repletos de *imaginação e realidade*.

⁷⁷ Brasileiro, Francisco. Op. cit., p. 3.

Uma questão de contornos claros, muito bem definida no projeto da *Bandeira Anhangüera*, era a importância da captação de imagens fotográficas e cinematográficas, concebidas como registro para o progresso da ciência com base na ótica dos membros da *Comissão de Honra*. Para os quais, o pressuposto do *progresso* atenderia não apenas o desenvolvimento das ciências mas também das instituições, notadamente do IHGSP e do Museu Paulista. Maria Margaret Lopes, em seu estudo sobre os museus e as ciências naturais no Brasil, concluiu: “O Museu Paulista tornou-se exclusivamente dedicado à História Nacional e, especialmente, a de São Paulo, à Etnografia brasileira e à Numismática nacional, nos moldes que lhe imprimiu Taunay”⁷⁸.

Assim, o trabalho fotográfico deveria inserir-se num conjunto de orientações alardeadas pelas organizações patrocinadoras, que era o de dar visibilidade a um feito intrépido, desbravador, percorrendo um espaço hostil, longínquo, mas que era, sem dúvida, promissor para conquistas de valores e de técnicas desde que estivesse geograficamente organizado. Entretanto, deve-se atentar para a articulação entre a cultura e a questão nacional, não se esquecendo que esta territorialidade já fora anteriormente definida como o espaço da conquista que garantiria a expansão cultural da nação. À captação de imagens cinematográficas e fotográficas, caberia portanto, um papel muito maior do que o simples registro de informações, suas composições deveriam refletir verdades. As imagens, nesse momento, são consideradas provas materiais, recursos capazes de potencializar a discussão científica.

⁷⁸ Lopes, Maria Margaret. Op. cit., p. 291.

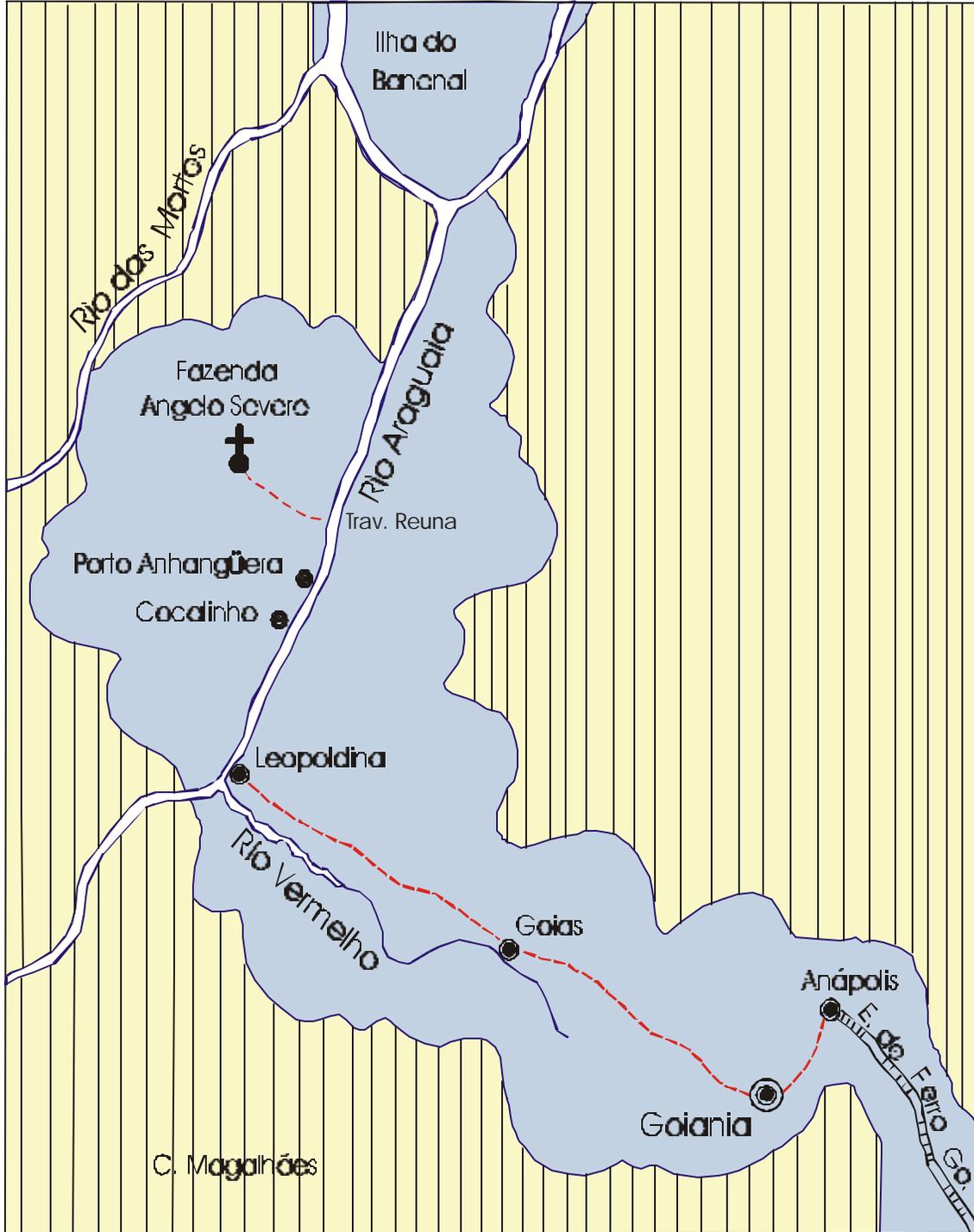


Gráfico da região do Araguaia, por onde se deu a penetração da *Bandeira Anhangüera*⁷⁹.

⁷⁹ Gráfico publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, s/d., acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

Além dessas, havia uma outra questão que a imprensa noticiou com destaque durante todo o tempo de preparação da bandeira, envolvendo, no nível da curiosidade e do suspense a expedição numa *aura de aventura*. O manifestado interesse pelas fronteiras e pelas diferenças, poderia conduzir a uma experiência de fricção interétnica, convertendo-se, o ponto alto da entrada, num possível confronto cultural com os “habitantes arredados na idade da pedra”.

A curiosidade estimulada nesse momento, é semelhante as que evocavam o conhecimento das viagens românticas do século passado, agora com uma outra possibilidade colocada, no que diz respeito às condições de produção e de consumo das composições textuais e imagéticas. Nesse sentido, as produções atendem a múltiplos interesses, por exemplo: de um lado, à exibição em forma de espetáculo nos centros urbanos, notadamente em São Paulo e por outro, enquanto fonte documental para uso sistemático em pesquisas ou em publicações literárias de âmbito mais geral.



Monumento *Lenho da Cruz* na antiga capital Goiás. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

Fotos emblemáticas e de efeito cinematográfico como esta, *Monumento Lenho da Cruz*, poderiam ser utilizadas como instrumentos de propaganda para a glorificação dos feitos do bandeirismo paulista, para a fantasia heróica de construtores da nação, para a atualização⁸⁰ de espaços místicos. Cenograficamente, espaços e imagens assim colocados, funcionam como *portais* para um passado que pode ser interpretado como de prosperidade e de progresso econômico. Esta tomada do monumento tem como fundo o casario de uma cidade, cuja história remonta ao século XVII, com a descoberta das minas do arraial de Sant'Ana e que até 1935, era a capital do Estado de Goiás. Cidade de “estilo colonial de vielas, becos e pátios”, com sua história de desenvolvimento da vida material vinculada num tempo. Um tempo, igualmente cinematográfico do “milagre da cuia”, encenado por Bartolomeu Bueno da Silva às margens do rio Vermelho.

Imagens fotográficas como estas, são representações sociais, cujos significados podem ser incorporados “como matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social”, como se referiu Roger Chartier⁸¹.

Francisco Brasileiro narrou esse momento de celebração: “Era quase meia-noite quando o ronco dos nossos motores quebrou o silêncio de Goiaz adormecida. Paramos à margem do Rio Vermelho junto à Cruz do Anhanguera, que contemplamos emocionados, reunidos em círculo, numa comunhão espiritual cheia de misticismo, assim permanecemos

⁸⁰ No sentido da interpretação que Gilles Deleuze faz em *Proust e os signos*. In: Deleuze, Gilles. *Proust e os signos*. Tradução de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987. p. 27.

⁸¹ Roger Chartier. “*O mundo como representação*”: *Estudos avançados*. 1991. Citado por Maldini, Denise. Op.Cit., p. 185.

largo tempo, mudos e estáticos”⁸². E continuou o passeio pelo passado: “... parecíamos personagens fugidos das páginas de um romance seiscentista, e tão absortos estávamos que se surgisse daquelas vielas, uma estranha comitiva de palanques e cadeirinhas, escoltados por homens embuçados em longas capas, seguidos de mucamas e dos escravos retintos, talvez não nos causasse a mínima surpresa”⁸³.

Para melhor entender a tarefa quase mágica de colher imagens, embarcado em toscas ubás ou na travessia de capões de matas, cerrados e campos, ou ainda, intercambiando experiências culturais com as populações do vale do Araguaia, notadamente, os Caraja, Javahe, Xavante e remanescente de movimentos de penetração rumo a Oeste, torna-se significativa uma primeira pergunta. A quem foi atribuído o ofício de apanhar imagens através da fotografia? Ou em outras palavras, “Com elle seguem outros destemidos moços, cada qual versado em determinado capítulo de estudos essenciaes para a devida apreciação dessa plaga brasileira ainda desconhecida”⁸⁴.

Nesse contexto, segue-se o rastro de Antonio Senatore, fotógrafo da *Bandeira Anhangüera*, contactando o seu *diário de viagem*⁸⁵ e as *fotografias*⁸⁶ colhidas na marcha da expedição, verificando suas estratégias de produção de texto e imagens, buscando conexões entre o diário de viagem – instrumento de apreensão de impressões e realidades - e a fotografia - instrumento de guardar o tempo, aproximar espaços e certificar cientificidade,

⁸² Brasileiro, Francisco. Op. cit., p. 26.

⁸³ Idem; Ibidem, p. 29.

⁸⁴ *O Estado de São Paulo*. No Rumo dos Sertões Inexplorados, entrevista de Geraldo de Paula Souza, diretor do Instituto de Higiene de São Paulo, em 30 de maio de 1937, s/nº página. Acervo Antonio Senatore, Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁸⁵ *Bandeira Anhangüera. Diário de Antonio Senatore – ano 1937 – 25/07 a 27/12*. Original em italiano, Tradução de Alessandra de Paola Caramori. Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁸⁶ Acervo Antonio Senatore. Museu Histórico de Cáceres-MT.

ou de ambos, instrumentos de invenção de realidades. Sem perder de vista o que disse Roger Chartier⁸⁷, “A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”. Interessa a estes estudos: realizar uma leitura ou “[...] a tarefa de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos elementos – homens e signos – interagem dialeticamente na composição da realidade”, sugerida por Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad⁸⁸, ou talvez, uma decifração do que Senatore produziu na sua itinerância como integrante da *Bandeira Anhangüera*.

O conjunto *diário e fotografias* forma um todo coerente, sobretudo porque foram produzidos sob os mesmos focos de tensões e por tratarem de uma mesma realidade social. Assim sendo, o conjunto de narrativas – textual e imagética - possibilita entrar no universo do que foi a viagem, suas passagens e suas impressões sobre o mundo e os homens. Convém ainda reforçar, ambas as narrativas foram construídas dentro de uma lógica social e cultural e, por isso mesmo, histórica. Como escreveu Paul Veyne: “A história é narrativa de acontecimentos verdadeiros”⁸⁹.

É importante que se esclareça que a presença do fotógrafo Antonio Senatore, na expedição, está relacionada a uma experiência anterior, meado da década passada, quando, ao lado de outros três companheiros, embarcados em uma canoa, empreendeu uma viagem

⁸⁷ Chartier, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo, Editora da UNESP, 1997. p. 77.

⁸⁸ Cardoso, Ciro Flamarion. e Mauad, Ana Maria. *História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema*. In: Cardoso, Ciro Flamarion. e Vainfas, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997. p. 405.

⁸⁹ Veyne, Paul. *Como se escreve a história..* Tradução de António José da Silva Moreira. Lisboa – Portugal, Edições 70, 1971. p. 21.

que ficou conhecida como *Raid Fluvial*⁹⁰. Uma aventura com contornos de “esporte” e “ciência”, que teve início no rio Tietê em 1º de agosto de 1926.

Essa expedição também se revestia de um caráter místico e simbólico, desde a escolha do local de sua largada, às margens do lendário e cultuado rio Tietê até Belém do Pará, na desembocadura do rio Amazonas. Afonso D’Escragnolle Taunay na introdução de *Relatos Monçoeiros* afirmou: “... grande rio de São Paulo, tributário do rio Paraná, indestrutivelmente ligado à história da construção territorial do imenso Brasil ocidental”⁹¹.

A bordo da canoa *Carlos de Campos*, viajaram através dos rios Paraná, Uruguai, Prata e Paraguai, passando pelas capitais, Montevideú (Uruguai), Buenos Aires (Argentina), Assunção (Paraguai), Cuiabá (Mato Grosso), chegando à cidade de Cáceres, no Estado de Mato Grosso em 1928, local que, por força de circunstâncias, interromperam a viagem. Essa experiência apresentou uma boa quantidade de fotografias e inúmeros registros das localidades visitadas, cujo teor das mensagens não deixa dúvidas, demarca uma temática civilizadora e integracionista. O material iconográfico, diário de viagem, álbuns de autógrafos ou registro autenticado de itinerário, e inúmeros recortes de jornais, relacionados à expedição *Raid Fluvial*, juntamente com material textual e imagético da *Bandeira Anhangüera*, compõem o acervo Antonio Senatore que ainda permanece preservado no Museu Histórico de Cáceres-MT., atestando o envolvimento de Senatore com o ofício de coletar imagens, de registrar, produzir, aquilo que poderia ser considerado

⁹⁰ Relativo a expedição *Raid Fluvial* - 01/08/1926-22/06/1928, consultar documentação do Acervo Antonio Senatore no Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁹¹ Taunay, Afonso de E. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte-MG., Editora Itatiaia, 1981. p.11.

culturalmente raro, exótico, distante e até mesmo moderno, como se nota nas imagens colhidas na passagem da *Raid Fluvial* por Montevidéu e Buenos Aires⁹².



Antonio Senatore na *Raid Fluvial* – 1926 a 1928. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

Antes da incursão ao *diário de viagem* e às *construções iconográficas*, será interessante apresentar alguns dados biográficos do fotógrafo Senatore⁹³, acreditando que esses dados revelem algo, moldagens ou interferências em suas observações, que possam contribuir para uma melhor compreensão da sua experiência concreta, no decorrer dessas itinerâncias fotográficas.

Antonio Senatore, nasceu em 13 de junho de 1900, em São Paulo, filho de Michel Senatore e Rosália Aiello Senatore, imigrantes italianos vindos para o Brasil no final do período imperial. Ainda criança, foi para a Itália onde estudou em colégio religioso até

⁹² *Raid Fluvial*. Acervo Antonio Senatore. Museu Histórico de Cáceres-MT.

⁹³ Informações prestadas pelo filho do fotógrafo Senatore, Antonio Miguel Senatore em entrevista realizada no Museu Histórico de Cáceres-MT., onde o mesmo é diretor, julho de 1999.

concluir o curso secundário, obtendo conhecimentos em italiano, francês e espanhol. Voltou ao Brasil com 21 anos, em 1926, participou, juntamente com seu irmão, o professor Luiz Senatore e outros dois companheiros, da expedição *Raid Fluvial*, que saindo de São Paulo destinava-se a Belém do Pará. Essa expedição por falta de recursos materiais foi interrompida em Cáceres⁹⁴, Estado de Mato Grosso, depois de percorrer por via fluvial, a bordo da canoa *Carlos de Campos*, cerca de 6.000 quilômetros. Antonio Senatore permaneceu em Cáceres por um bom tempo, atuando no comércio de peles de animais silvestres, até voltar para São Paulo, onde atuou como operador cinematográfico da Companhia Victor Filme. Em 1937, foi selecionado para o trabalho de fotógrafo da *Bandeira Anhangüera*.

Passadas as impressões iniciais da viagem, devaneios e nostalgias; é no contato direto com as tarefas, o dia-a-dia do trabalho de campo, na medida em que a expedição se posiciona, que o observador vai se colocando com certa familiaridade naquele ambiente, cartografando o rio e descrevendo aspectos da natureza. Dia 3 de agosto: *Estamos todos ocupados carregando as bagagens em uma “prancha” atracada às margens do lendário Araguaya. A descida do rio Araguaya é feita com a ajuda de um pequeno motor Johnson de 3 cavalos. Como guias práticos, temos dois índios Carajás, somos obrigados porém a entrar na água uma infinidade de vezes pra desencalhar a “prancha”, devido aos contínuos “baixios” do rio. Nestes meses o Araguaya tem pouca água e sua largura é mais*

⁹⁴ Jornais cacerenses noticiam: *A Sentinela*, publicou nota “...os jovens nautas vêm até nós, buscando na afoiteza de seus espíritos patriotas, incentivar os brasileiros à fé da sua grandeza do Brasil”. s/d, s/nº página; *A Rua* “Os jovens “raidenens” paulistas, tripolantes da “Carlos de Campos”, saídos de São Paulo em Agosto de 1926 rumo à Belém do Pará chegam a S. Luiz de Cáceres.”. Em outro trecho: “A RUA traduzindo a grande satisfação que ora enche o coração dos cacerenses, apresentam aos denodados bandeirantes e nautas da “Carlos de Campos”, os seus effusivos saúdes.”. Edição de 20 de junho de 1928, s/nº página. Acervo Antonio Senatore. Museu Histórico de Cáceres-MT.

ou menos 600 metros, à noite acampamos em uma praia e, depois do churrasco (feito de veado), adormecemos tendo como teto o mais bonito que a natureza pode dar, o cintilar das estrelas⁹⁵.



Empurrando a prancha às margens do lendário Araguaia⁹⁶

⁹⁵ Diário de Antonio Senatore. *Bandeira Anhangüera – 1937 – 25-7 a 24-12*. Tradução Alessandra Paola Caramori. Anexo 2. p.204.

⁹⁶ Esta imagem foi publicada no livro de Brasileiro, Francisco. *Op. cit.*, p. 12.

O fotógrafo na exploração da paisagem vai dando provas de hábito visual, compondo fotografias, registros que agregam qualidades indispensáveis aos documentos, que são produzidos com a finalidade de preservar a memória. O cenário é diferente, mas ainda não se percebe as imagens caóticas tão alardeadas pela imprensa, as dificuldades impostas pelo ambiente estão sendo transpostas e também há uma retórica de contentamento com a aventura e com o trabalho de inventariar. É de se notar, certa sutileza do observador ao tecer críticas sobre o comportamento dos expedicionários diante do meio natural, deixando entrever uma silhueta de homem. Dia 4 de agosto: *De novo na incomoda prancha retomamos a viagem, à margem do rio alguns jacarés em fuga nos observam, vemos nas praias um bando de “colheiros rosados” e a paixão dos caçadores acende-se em tiros contínuos, quase todos perdidos. Alguns jaburús e jacus ciganos, com seus gritos estridentes e roucos, alternam-se com poucos e raros marrecos e patos, um macaco assustado esconde-se precipitadamente na mais densa folhagem (talvez já conheça os seus parentes distantes). À noite chegamos a Barranca Nova, onde é o acampamento nº 0 da Bandeira Anhanguera. Barranca Nova está situada na margem esquerda do Araguaya no território Mato-Grossense a cerca de 24 léguas de Leopoldina*⁹⁷.

O autor faz inferências, usa a imaginação, demonstra mais preocupações com as possíveis tensões a serem ocasionadas pelas diferentes visões de mundo, as quais os expedicionários terão que compartilhar, do que com os aspectos técnicos do ato de construção das composições fotográficas. Dias 5 e 6 de agosto: *Descarregado todo o material, todos se ocupam da preparação das “bruacas” e caixotes apropriados para carregá-los sobre as mulas e cavalos. Começa-se a caçar e a pescar e todos experimentam*

⁹⁷ Diário de Antonio Senatore. Op. cit., pp. 204-205.

*a sensação de uma intromissão no reino da selvageria. A carne da “paca” morta por Baciano estava realmente excelente. Fabiano começa a fazer das suas, teve um encontro com uma onça sussuarana, que mesmo ferida, conseguiu escapar. A carne de veado teve também boa aceitação por todos, mas “as mutucas” e os mosquitos começam a incomodar a maior parte dos bandeirantes*⁹⁸.



Porto Anhangüera, marco zero da penetração, agosto de 1937. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

Sua narrativa vem tecendo observações sobre a natureza e da sua participação nos engenhosos artifícios preparatórios da operação da entrada, como a questão do transporte do equipamento de pesquisa e registro, que durante o percurso seria feito em lombo de mulas, de cavalos, de burros ou por outros meios improvisados, o que poderia constituir-se num problema de difícil solução. Dias 7, 8 e 9 de agosto: *Continua-se trabalhando na*

⁹⁸ Idem, *ibidem*.

*acomodação do material nas respectivas caixas e chegam alguns companheiros que tinham ficado em Leopoldina, e daí são tomadas algumas decisões para a próxima entrada. Distribuem-se as funções e me encarregaram da chefia dos mantimentos e de dirigir os serviços de cozinha*⁹⁹.

Sinais de prazer - A pesca do pirarucu

A perspectiva de utilização econômica e tecnológica das descobertas, incorporada numa dimensão de *belo-útil*, era um pressuposto cultural da viagem, visível em inúmeras retóricas. A partir destas imagens, Senatore além do testemunho fotográfico, passa a sensação de prazer, prosseguindo alegremente, tirando o máximo proveito de cada curva do rio, dos espriados que se estendem, usufruindo daquele ambiente, contribuindo com uma imagem idealizada de uso prático do espaço, do mundo natural, por parte do homem branco e sua organização social. O fotógrafo-viajante, demonstra um senso estético com base no “pitoresco” e no “sublime”¹⁰⁰ sintonizado com a visão de mundo e com os valores de homem branco citadino e com o projeto de documentação visual daquele espaço. Dessa maneira, a imagem do mundo natural vai se convertendo no registro do espetáculo, do exótico, da mesma forma que poderia ser, da ambição, do prazer, da fantasia, do desespero e do medo. Dias 15, 16, 17 e 18 de agosto: *Finalmente chegaram as mulas e os cavalos que perfazem um total de 32 animais e foi contratado um caboclo daqui, um tal de Angelo Severo, muito prático e que nos acompanhará. Acompanhei o operador cinematográfico,*

⁹⁹ Ibidem, pp. 205-206.

¹⁰⁰ Sobre essas questões ver Lisboa, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817 – 1820)*. São Paulo, Huicitec, 1997, v. III.

Feltem e dois carajás, Terebrê e Torobari, na pesca do pirarucú para poder filmá-la. Este peixe atinge o comprimento de 2 metros ou até mais. A sua carne é muito apreciada e os índios carajás fazem uma matança deles todos os anos. Em uma canoa ou ubá, como são chamadas aqui, descemos o Araguaya mais ou menos quinze quilômetros e, através de um braço do rio, entramos na baía. Os carajás são muito práticos nesta caça e com a prática que eles possuem fica muito fácil caçar, o que para nós seria difícil. Em uma pequena ubá, posicionam-se um na popa e o outro na proa em pé e, quando avistam o pirarucu pela esteira de bolhas que o animal deixa na flor d'água, seguem-no e quando o vêem na superfície, com uma manobra rapidíssima, físgam-no. Porém desta vez não foi possível caçá-lo, porque com toda a perícia dos carajás, por causa de um defeito do arpão, a físgada falhou. Desta vez não foi possível filmar e, na volta, vingamo-nos atirando num enorme jacaré que se divertia com os tiros das nossas armas, mas que acabou morto¹⁰¹.



Índios Carajá pescando pirarucu. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

¹⁰¹ Diário de Antonio Senatore. Op. cit., p. 206.

Sistematizando o espaço

A comitiva ao aportar num local batizado de *Porto Anhangüera*, onde foi cravado o *Marco Zero* do caminhar, deixou visível o encantamento dos viajantes com as belezas naturais. Antes mesmo de colocar em funcionamento as oficinas com os equipamentos, tubos e frascos para os estudos científicos, os *disparadores* das câmeras fotográficas e filmadoras já haviam sido acionados juntamente com um sistema de classificação empírico carregado de sentido simbólico. Da mesma forma, foi acionado, um sistema descritivo de acordo com os ditames da cientificidade, para classificar a *flora* e a *fauna*. Os principais homens que pensaram e viabilizaram a expedição sabiam que, o que garantiria o sucesso, o valor do empreendimento, seria o volume de informações científicas e do conhecimento popular, coletado no trajeto. Portanto, era do meio natural que haveriam de vir importantes elementos que enriqueceriam as coleções zoológicas (e.g. coleções entomológicas), botânicas e etnográficas dos institutos patrocinadores, além das informações geográficas indispensáveis para a manutenção ou reconfiguração da política de ocupação dos ditos “sertões”.

Foi assim, que, passos do trabalho científico foram dados pelo engenheiro Arnaldo Otávio Nébias, que tinha a seu cargo os serviços cartográficos e meteorológicos e por Jorge do Rego Freitas, com as observações geológicas. Durante os preparativos para aprofundar em território matogrossense, os setores de estudos científicos iniciam uma série de levantamentos topográficos, altimétricos e leituras de coordenadas geográficas¹⁰², assim como a coleta e taxonomia de espécimes vegetais e animais.

¹⁰² Desse trabalho resultou um relatório apresentado pelo Eng. Arnaldo Otávio Nébias, publicado na Revista Brasileira de Geografia, nº 2 de Abril de 1940.

O percurso terrestre

Enquanto a *Bandeira Anhangüera* avançava o vale do rio das Mortes, os objetivos científicos iam se sobrepujando aos demais inicialmente propostos, alterando os parâmetros de visualização dos observadores, o que acarretou em redobradas preocupações com a marcha em diversas localidades: “É com curiosidade que passo a vista por este acampamento e vejo esta atividade semelhante a de uma fazenda, onde sob a superintendência de Hermano ergueram-se os ranchos que servem de officina para as obrigações científicas”, argumentava Francisco Brasileiro¹⁰³, de certa forma irritado com quantidade de instrumentos a serem transportados. “Ali à sombra estão os termômetros do Nébias e os seus aparelhos complicados. Secam no giráú as ervas do Fabiano. Sobre a peneira arejam-se, ao sol, os passarinhos empalhados do Garbe. O Arion às voltas com suas diminutas caixas que encerram insetos capturados. Rego Freitas com os seus ácidos, a sua balança e as suas pedrinhas. Vejo até lá embaixo a barraca de lona onde o Felten revelou os nossos filmes”. Assim, balizados pelas orientações naturalistas prosseguiam no trabalho de agrupar animais e plantas, talvez no afã de encontrar uma espécie desconhecida que mais do que enriquecer o quadro de classes, ordens e gêneros, tivesse largo aproveitamento econômico.

¹⁰³ Ibidem. p. 157.



Captura de alguns espécimes de peixes da bacia do Araguaia. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.



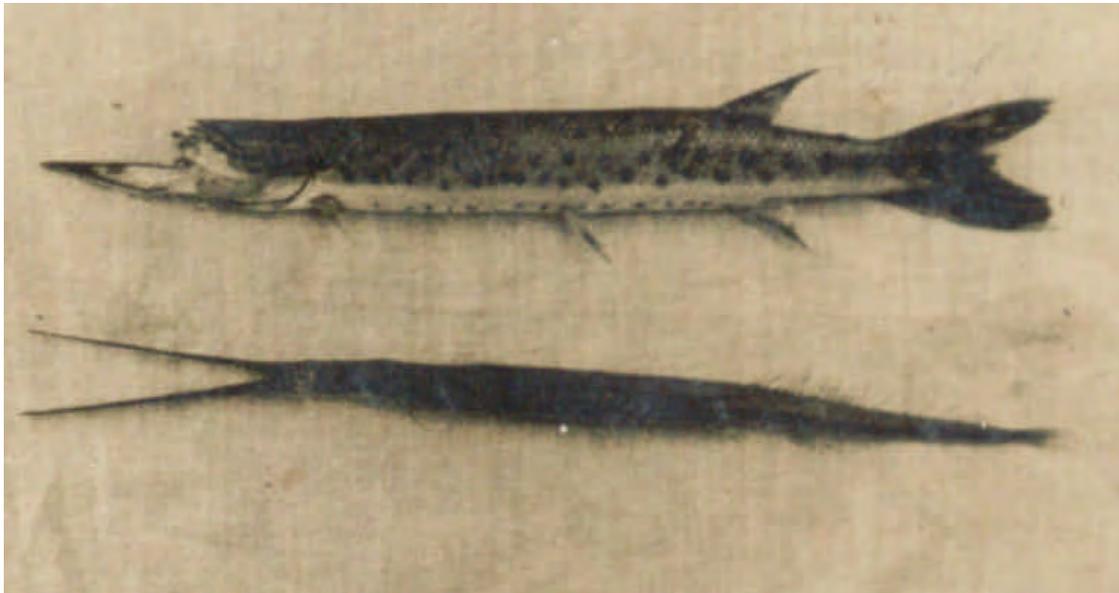
Captura e preparação de réptil para classificação taxonômica. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.



Ave capturada no vale do Araguaia para análise e classificação taxonômica. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.



Captura de répteis para posterior classificação e taxidermia. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.



Espécimes coletados no rio Araguaia para posterior classificação e taxidermia.¹⁰⁴

A exemplo das viagens transcontinentais e transnacionais empreendidas pela ciência européia, inaugurada com a viagem de La Condamine em 1735, intensificadas a partir da segunda metade do século XVIII, com o advento do sistema de classificação de Carl Linné, os encarregados pelos setores de pesquisa científica passam a preencher de maneira muito significativa, com a coleta, identificação de espécimes e através das suas observações, o caráter central do empreendimento. Para os conhecimentos etnográficos do Brasil de 1937, havia uma questão em pauta: era a dos *Xavante* e do *espaço* que os mesmos habitavam, cujas terras se estendiam da margem esquerda do rio das Mortes em direção à *Serra do Roncador*. Segundo o relatório do Eng. Arnaldo Otávio Nébias “Muitos e muitos teem subido o lendário rio das Mortes. Ninguém, entretanto, antes da *Bandeira Anhangüera*, ousou penetrar nestas terras de sua margem esquerda. Esta penetração a pé é um verdadeiro absurdo, por haver necessidade de carregar mantimentos e mesmo água para atravessar

¹⁰⁴ Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

aquela *região aridíssima e limpa de caça*. Só é possível a penetração, e isso mesmo com tremendas dificuldades, com tropas e uma orientação técnica eficiente. E a “Bandeira Anhangüera” foi a única que fez essa penetração, torno a afirmar”. Mas dessas terras “virgem para os pés cristãos”, “Seja dito de passagem que esta *Serra do Roncador* não oferece qualquer outra novidade, além de ser o quartel general dos temíveis *Chavantes*”¹⁰⁵.

Os *Xavante* para integrantes da *Bandeira Anhangüera*, conforme fora amplamente anunciado pela imprensa paulista, e agora atestam os argumentos e imagens idealizadas pelos expedicionários, não era o *bon sauvage* rousseauísta, ao contrário, eram vistos sob os estereótipos de *bárbaros, bravos, selvagens, cruéis, arredados na idade da pedra, traiçoeiros, vingativos* e portanto, *belicosos*.

Pela leitura do relatório do Eng. Nébias, é de se presumir que esses homens que se dedicavam às ciências conheciam vasta bibliografia sobre as devassas científico-exploratórias na região do Xingu. A Seção Geológica e Química da Expedição permitiu a constatação de que os dados geológicos levantados na região da Serra do Roncador foram cruzados com os conhecimentos científicos adquiridos por Karl Von Den Steinen em suas explorações pela região do Xingu¹⁰⁶.

Depois de verificado o lugar da pesquisa científica na bandeira e de pinçar alguns vestígios de dilaceramento no relacionamento pessoal de alguns dos seus componentes, cuja tendência era de recrudescer, na medida em que a comitiva avançava no território

¹⁰⁵ Relatório de Arnaldo Otávio Nébias. In: Revista Brasileira de Geografia, nº 2, abril de 1940. p. 160-161.

¹⁰⁶ Idem, p. 161.

Xavante, temendo um desfecho trágico, motivado pela angústia, fome, medo e pelas precárias condições, tanto dos expedicionários como dos animais de montaria e de carga, é hora de dar continuidade a viagem através dos relatos do fotógrafo Senatore.



*Atravessando os cerradões*¹⁰⁷

A caminhada agora é marcada pelo encontro de vestígios de passagens ou de campanhas de caça dos índios Xavante, tais como: “fogueiras ainda com brasas, restos de alimentação, cestos e bordunas”¹⁰⁸. Ao alcançarem e transporem o rio Cristalino, vencidas as dificuldades do terreno, ia se fortalecendo a convicção de a qualquer momento poderia

¹⁰⁷ Esta imagem foi publicada no livro de Brasileiro, Francisco. Op. cit., p. 12.

¹⁰⁸ Mello, Darcy S. Bandeira de. Op. cit., p. 217.

ocorrer o encontro com os *Xavante*. A partir daí, o máximo da racionalidade, das atenções dos expedicionários, volta-se para a “defesa” e para a leitura dos costumes *Xavante*, fazendo projeções de sua constituição moral e física. Dias 21 e 22 de agosto: *O acampamento está situado na praia do rio Cristalino e aqui o cardápio enriquece-se de carne de caça: porco do mato, cervos, jacutinga e peixe, especialmente “pirarara”. De noite, a guarda é dobrada e todos dormem com as armas sempre preparadas, porque escutamos na floresta densa, gritos de animais e assovios de passarinhos, que ainda que sejam imitações muito bem feitas, sabemos que são produzidas pelos Chavantes que procuram desta maneira atrair algum caçador afoito e depois matá-lo a golpes de “borduna” (borduna é um cacete grosseiro, que os Chavantes fazem da raiz de certas árvores, por ex. aroeira, angico, que são muito resistentes e pesados, e basta uma bordoadada para quebrar a espinha dorsal de qualquer mortal). Nós porém freamos todo instinto de caçador inexperiente e se recomenda a maior cautela para só assim evitar ações sempre funestas*¹⁰⁹.

Darcy S. Bandeira de Mello¹¹⁰, encarregado dos trabalhos etnográficos da expedição, faz a seguinte observação e análise: “Esses vestígios caracterizavam bem caçadores nômades, acampando sempre próximos às queimadas que fazem. Hermano, eu e os Encarregados iniciamos a coleta de material etnográfico representado por utensílios toscos, flechas extremamente primárias, o que induzira Hermano a relatar em uma de suas mensagens: - estamos propensos a crer, que os Chavantes constituem clã nômade,

¹⁰⁹ Diário de Antonio Senatore. Anexo. p. 209.

¹¹⁰ Pelo que pudemos inferir, Darcy S. Bandeira de Mello não era etnógrafo de formação acadêmica, sendo considerada pessoa com habilidade no registro e na manipulação de dados culturais, em função de atividades de indigenismo exercidas na Ilha do Bananal, junto aos Carajá e Javaé, ao lado do seu pai Manuel Silvino Bandeira de Mello, no Posto de Redenção do SPI em Santa Isabel na Ilha do Bananal a partir de 1927.

semelhante ao índio Guiacuru do pantanal de Mato Grosso; nota-se que o seu estágio social é primitivíssimo, talvez da idade-da-pedra”¹¹¹.

É importante lembrar que o tema *Xavante*, e a sua descrição mais detalhada possível, constituía-se, num dos mais relevantes aspectos dessa “missão civilizatória” de “alargamento cultural”. Não obstante, as observações de Darcy, demonstram um certo exercício de liberdade de nomear as coisas pelo modo que elas aparentam ser. Seu conhecimento empírico guia e prescreve suas impressões. É uma avaliação que busca compreender sobretudo, os limites do território controlado pelos índios *Xavante*.



Acampamento de caça dos *Xavante*. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

¹¹¹ Mello, Darcy S. Bandeira de. Op. cit., p. 217.

O cenário, “A’uwe” e “Marãiwatsede”

A antropóloga Aracy Lopes da Silva em seus trabalhos sobre os Jê Centrais, desenvolveu a seguinte reflexão: “Os A’uwe-Xavante atuais, durante as duas primeiras décadas deste século e em parte significativa da terceira, já situados em mais de um aldeia na região do Roncador, os Xavante parecem ter sido pouco molestados nessas terras que conquistaram para si” ¹¹². Por outro lado, tendo como referência um texto de Oswaldo Martins Ravagnani, diz: “ao final do século XVII, já haviam sido descobertas pequenas quantidades de ouro na região dos rios Tocantins e Araguaia. Para os Xavante, inicia-se uma história, documentada, de fugas e submissões, marcada pela condição de transitoriedade em relação aos territórios habitados. Deslocamentos impostos pela presença sempre mais próxima de colonizadores brancos marcaram o período entre meados do século XVIII e meados do XX” ¹¹³.

A *Bandeira Anhaüera* avança, constituindo imagens num trajeto que anuncia um processo de relações étnico-sociais em que grupos se afirmam por intermédio de diferenças. Do *Território Xavante*, Iara Ferraz e Mariano Mampieri apoiados em Aracy Lopes da Silva ¹¹⁴ dizem: “*Marãiwatsede*, literalmente, “mato bonito” é a denominação de uma vasta região de transição entre o cerrado e floresta densa (mata de galeria), símbolo da abundância de recursos para a sua sobrevivência, que atravessa o tempo e a história daquela sociedade. Essa região está situada no interflúvio Araguaia-Xingu, onde o território

¹¹² Silva, Aracy Lopes da. *Dois Séculos e Meio de História Xavante*. In: Cunha, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp / Cia. das Letras, 1992. p. 357.

¹¹³ Idem., p. 362.

¹¹⁴ Silva, Aracy Lopes da. *Nomes E Amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo, FFLCH / USP, 1986.

tradicional Xavante estendia-se da margem esquerda do rio Araguaia à Serra do Roncador e, no sentido norte-sul, desde o rio Tapirapé à bacia do Rio das Mortes”¹¹⁵.

A imprensa de São Paulo deu a perceber, havia uma expectativa especulativa sobre o modo de vida dos *Xavante*, e, por mais cristalizados que fossem os estereótipos que constituíram as representações veiculadas, descrever seus costumes era um elemento importante da expedição. É significativo, abrir um parêntesis e esclarecer que o contato definitivo ocorreu 1949, através da ação do indigenista Francisco Meireles¹¹⁶. Segundo Maybury-Lewis: “Na época do contato, os Xavante plantavam milho, abóbora, feijão, mandioca, e dedicavam pouquíssimo do seu tempo à roça, já que sua subsistência era tirada basicamente da caça e da coleta, a agricultura servindo para fornecer alimentos próprios de situações rituais”¹¹⁷.

O recente *estudo etnobotânico* de Beatriz Schwantes Marimon¹¹⁸, realizado junto aos *Xavante* da Reserva Indígena Areões, em Água Boa-Mato Grosso, revelou que a madeira de *Brosimum rubecens* tem largo uso pelos Xavante para a confecção das bordunas, temível arma que causava verdadeiro pavor não apenas aos componentes da *Bandeira Anhangüera*, como às populações ribeirinhas do Vale do Araguaia.

¹¹⁵ Ferraz, Iara. e Mampiere, Mariano. *Suiá-Missu: um mito feito*. In: Carta: falas, reflexões, memórias. 1993-4 / nº 9 – Brasília – DF. p. 77. Informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro.

¹¹⁶ Sereburã...et al: Tradução Paulo Supretaprã Xavante e Jrandir Siridiwê Xavante. Op. cit., 171.

¹¹⁷ Silva, Aracy Lopes da. Op. cit., p. 45.

¹¹⁸ Marimon, Beatriz Schwantes. *Estrutura, Composição Florística e Etnobotânica de Floresta Monodominante no Vale do Araguaia-Mato Grosso*. Dissertação defendida na Universidade de Brasília-DF. In: Batista, Elizabeth.e Barona, Roberto. (orgs.). *Catálogo de teses e dissertações: 1988 a 1999*. Cáceres-MT. UNEMAT. 2000. p. 48-49. (Resumo)

A *Bandeira Anhangüera*, mantinha a sua crença num projeto civilizador e de alargamento cultural da nação. Do mesmo modo que outras expedições “científicas”, esta bandeira, procura descrever os hábitos e o cotidiano dos índios, apontando diferenças e semelhanças entre os povos indígenas. Nesse contexto, as observações daí decorrentes por mais absurdas que pareçam, estarão indelevelmente ligadas à avançada geografizadora da *Bandeira Anhangüera*, à história de ocupação planejada ou não pelo Estado, do *Território Xavante*.

O descompasso da vanguarda

Nos dias 23 e 24 de agosto, tanto na narrativa textual, quanto nas das imagens fotográficas, Senatore marca novamente o cotidiano da comitiva, estabelece distâncias. Acelera o discurso figurativo da narrativa textual, como se pretendesse manter um futuro leitor imerso no universo da viagem, partilhando de cada emoção da aventura. Faz questão de incluir no relato, os artifícios utilizados para retirar do meio natural o alimento, revelando o estado emocional dos expedicionários, nesse ambiente de tensão e suspense, todavia, sem renunciar ao espírito de curiosidade indispensável para o ofício de apanhar imagens: *Dois nossos companheiros, o Tte V. Malet e o garimpeiro João Bahiano, afastando-se bastante, quase foram cercados e se não levassem consigo armas e cavalos, talvez não estivessem vivos. Fizemos uma “tapagem” no rio e assim pegamos peixe à vontade, especialmente “corimbata” ou papa-terra. (Estes peixes vivem quase sempre no fundo do rio e não abocanham o anzol, sendo assim, só com redes ou outro engenho para poder pegá-los, porém tem um gosto forte de terra e não são muito agradáveis ao paladar).*

*A jornada foi atormentada por um incidente entre Ortiz e outros companheiros, mas por sorte tudo correu bem, incidentes como este são deploráveis, especialmente em uma expedição onde todos devem estar unidos para se tornarem fortes diante do perigo*¹¹⁹.

As narrativas procuram dar conta das dificuldades, enaltecendo a resistência física e moral, a coragem frente às adversidades impostas pelo meio natural, às diferenças provenientes da condição de relação humana e de hierarquia entre os expedicionários.

Senatore aos poucos vai revelando um compromisso de lealdade com o projeto da expedição ao vale do Araguaia e a Hermano Ribeiro, quem, por sua vez, ao longo da documentação percorrida vai transparecendo ser merecedor de confiança, pela sua capacidade de mediar os conflitos de forma amistosa e equilibrada. A leitura do diário do fotógrafo Senatore deixa evidenciado um conflito com o sub-chefe da expedição fazendo transparecer que o comportamento de Chicão colocava em risco a continuidade da iniciativa. Entretanto, percebe-se que Antonio Senatore dá o melhor de si pelo êxito da empresa, parece que ele prenuncia momentos de fortes emoções, talvez uma daquelas cenas raras ou acontecimento inusitado em que ele pudesse enquadrar no melhor ângulo a mais significativa das imagens fotográficas. Dia 25 de agosto: *O encarregado dos “mantimentos” era eu, porém, por incompetência de Francisco Brasileiro neste assunto, ficamos com poucos víveres, ou seja, farinha de mandioca, açúcar e sal. (Francisco Brasileiro é sub-chefe da expedição e como tal, ao invés de melhorar o avitualhamento, procurava reduzi-lo a zero, mais tarde entendi o seu motivo, mas no momento não posso entender tal procedimento. Terá ele razão? Foi sempre um mistério para mim). Café, não*

¹¹⁹ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. pp. 209-210.

temos mais, mas por sorte eu tinha me abastecido de muito fumo e assim consolava-me. A situação dos expedicionários não é muito boa, os ânimos estão acerbados, porque se formam duas correntes contrárias, uma liderada por Francisco Brasileiro e a outra pela maioria contra os abusos contínuos que se praticam pelo bom êxito da expedição (é de se notar que Hermano não se encontra entre nós, mas ainda no porto Anhanguera no rio Araguaya). A comida escasseia, o descontentamento é geral, e todos procuram, acrescentando alguns, o “jatobá” e outros, os “palmitos”, alimentar-se da melhor maneira possível. A “picada” que Francisco Brasileiro mandou abrir do outro lado do Cristalino, de 3 km de comprimento aproximadamente, finalmente foi finalizada e foi encontrado um acampamento abandonado de Chavantes. Esta “rancharia” compõe-se de 23 palhoças muito rudimentares, que os índios constroem para uso temporário, algumas cestas e várias peles foram recolhidas e ao voltar para o acampamento mataram um veado e embora estejamos todos enjoados de comer esta carne, mesmo assim foi apreciada. Oyama Rondon e Hugo Borgognoni estão com os pés inflamados e eu também queimei a planta do pé e agora estou mancando. Francisco Brasileiro está doente e manda 3 de nossos companheiros: Romero, Baceano e Paulo retornarem, acompanhados de 2 práticos, ao porto e de lá a S. Paulo. Eu também aprovei esta decisão, opondo-me apenas por Paulo, porque se encontra em um estado de fraqueza deplorável e continuar teria sido pior. Perto das 6 horas da tarde chegam ofegantes Vaz de Mello e Teodomiro Gomes da Silva que tinham saído a procura de caça e, ao grito de que os Chavantes os perseguiram, colocam o acampamento em polvorosa e todos pegam rapidamente nas armas e forma-se imediatamente um círculo defensivo. Ao mesmo tempo uma dezena de homens saem em

*exploração, mas os Chavantes, corajosos contra apenas dois homens, tiveram medo e fugiram embrenhando-se na selva*¹²⁰.

Contudo, a bandeira avança, os compromissos selados por esses homens, inclusive de sacrifício físico, os empurra, abre-se uma trilha cinematográfica, vozes e olhares compondo e apresentando o cenário. Segundo Antonio Senatore, as agruras e a rigidez da caminhada atingiam a todos. A expedição está padecendo de fome, cansaço e desentendimentos internos. Seu testemunho é de que o *caos* se instalou no relacionamento dos componentes da comitiva e o que se esperava àquela altura, era a imediata chegada de Hermano, para restabelecer o funcionamento dos diferentes setores da expedição, sendo ainda, necessária, a dispensa de alguns componentes, pelas dificuldades de adaptação e relacionamento apresentadas. Dia 27 de agosto: *De manhã chegam três caçadores nossos que passaram a noite em um “barreiro” e que, ao retornarem, toparam com 4 Chavantes que fugiram apressadamente ao vê-los, abandonando algumas peles de veado e uma borduna que os nossos recolheram e tiveram a felicidade de matar um veado*¹²¹.

Ao que parece, o chefe em substituição não conseguiu criar no interior da bandeira um ambiente de confiança e companheirismo, e por isso mesmo a convivência prolongada dava sinais de que, as possibilidades de se efetivar um trabalho nos moldes que foi anunciado estavam comprometidas. O conflito entre Francisco Brasileiro e alguns componentes da expedição já havia se manifestado no trajeto à Santa Leopoldina¹²²,

¹²⁰ Idem, pp. 210-211.

¹²¹ Ibidem. p. 212.

¹²² Sobre o temperamento e a visão de mundo de Francisco Brasileiro, ele mesmo faz uma descrição pormenorizada nas páginas 37-39 do livro *Na Serra do Roncador: a vanguarda da Bandeira Anhangüera*.

primeiro com o botânico Fabiano¹²³, tornando-se mais explícito, no momento em que ele assume o comando da expedição revelando os seus pontos de vista e o seu temperamento: “[...] o que me levou a agir com energia imparcial demonstrando o meu temperamento e a minha intransigência nestas questões”. As condições de conflito estavam colocadas e isso afetaria o desempenho de alguns pesquisadores, Chicão explicitou a forma de tratamento: “Pois não me interessa nesta caminhada quais sejam as condições sociais de cada um nem quais sejam os seus desejos de fazer esta ou aquela obrigação ou prazer”. Concernente à autoridade do chefe: “Também para o bom andamento de uma expedição é imprescindível uma autoridade absoluta e imparcial que superintenda a todas as atividades com resoluções imediatas e de comprovado expediente”. Como ele mesmo havia dito era a “prova de fogo”: “A dispersão desse pöder, em divisões e sub-divisões de comando, acarreta inevitavelmente a confusão e o afastamento do mandado para com a autoridade [...]”.

Dia 28 de agosto: *Hoje tivemos mais sorte porque um veado galheiro, um porco do mato e 2 pirararas, 1 pintado e 2 jaós enriqueceram a dispensa e o estômago alargou-se bastante, e por isso hoje passamos muito bem. Durante a noite um odor nauseante nos ofende o olfato e deve-se a um grande jacaré morto há muitos dias e que agora se decompõe. Francisco Brasileiro, aconselhado pelo Dr. Arion Bueno de Oliveira, resolve mudar de acampamento e uma primeira turma de 15 homens parte na frente e, depois de uns quinze minutos, apressa-se a segunda, quando repentinamente 6 companheiros resolvem abandonar a expedição. De nada adianta querer dissuadi-los, estavam firmemente decididos e depois de um breve comunicado separam-se, retornando ao Araguaya. Waldemar Malet, Tte Vaz de Mello, Hadin, Simonini Francisco, Claudomiro e o*

¹²³ Francisco Brasileiro, op.cit., p. 27.

irmão de Malet, com estes são 10 pessoas que a expedição perde, 6 por abandono, 3 mandados de volta e 1 expulso. O pé me dói ainda pela queimadura e tenho que esperar junto com Francisco Brasileiro que nos tragam os animais. Anoitece e nós 2 sozinhos em terreno dos Chavantes, a situação não é boa, mas é necessário sujeitar-se à ocasião e além do mais uma urticária me incomoda e me causa um prurido maçante. Perto das 8 horas da noite, ouço alguns gritos e planejo a minha defesa e fuga, porque esta foi para mim uma das piores noites. Finalmente perto das 12 (meia-noite) chegam os animais de montaria e mais dois companheiros. Agora somos em 4, é mais fácil a defesa, mesmo assim passamos a noite toda acordados e prontos para tudo¹²⁴.

Esse contexto de dificuldades de relacionamento e convívio entre os homens da expedição, constituíra numa constante, fazendo emergir confrontos que colocavam em risco o sucesso da empresa. Mas os percalços da entrada não se limitavam aos problemas de relacionamento, as imagens de Senatore quando cruzadas com o relatório do setor de geografia e geologia, revelaram que nesse período do ano, a região Araguaia-Xingu ou da margem esquerda do rio Araguaia à Serra do Roncador, apresentou altas temperaturas, entre 38/40 graus à sombra, o que tornava a marcha estafante, agravada pela escassez de água. Dia 28 de agosto: *Encilhamos os cavalos e partimos para alcançar os companheiros, o cavalo que monto de cavalo só tem o nome, porque é um amontoado de pele e osso e muitas vezes cai no caminho, do jeito que dá chegamos ao acampamento nº 5 próximo à uma “lagoa” quase seca e para beber água fazemos uma “cacimba”.*

¹²⁴ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. pp. 212-213.

Restabelecendo o comando

Próximo ao rio das Mortes, depois de um percurso cheio de sinuosidade e com a entrada em cena de Hermano, o fotógrafo-viajante dá sinais de esperança em resultados favoráveis para a tarefa civilizatória. Dar prosseguimento às *investigações científicas* e *contatar cinematograficamente* os Xavante, agora, pareciam serem obrigações perfeitamente factíveis. Não significa, entretanto, que nesse novo panorama fosse diminuir a tensão e a vigilância aos constantes riscos dessa “intromissão” como dissera Senatore, até porque, o universo mental dos expedicionários era povoado com uma lógica mítico-simbólica, como Hermano uma vez escrevera em seu livro: “[...] alguma coisa de terrível punição aos que vêm romper com a beatitude das verdes distâncias. Vingam-se o reino bruto da audácia dos conquistadores”¹²⁵. Dia 3 de setembro: *Hoje chegou o Angelo e nos deu a agradável notícia de que Hermano, Piza, Penteado e Junqueira tinham chegado ao rio Cristalino e que já se encontravam a caminho deste acampamento denominado "Lagoa do morro" Perto das 4 horas da tarde eles chegam e são recebidos festivamente, até por que todos estavam cansados de suportar o Ortiz e, com a chegada do chefe da expedição, muitos males seriam eliminados*¹²⁶.

Antonio Senatore valoriza profundamente o respeito ao chefe da bandeira, ao mesmo tempo, sugere a existência de uma relação afetiva e respeito de Hermano para com os demais componentes, tendo como alvo o sucesso do empreendimento. Dias 4 e 5 de setembro: *Hermano decide excluir Ortiz e Oyama Rondon da expedição, notificando esta*

¹²⁵ Silva, Hermano Ribeiro da. Op. cit., p. 292.

¹²⁶ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p. 214.

sua resolução a Francisco Brasileiro, que não queria de nenhuma maneira desfazer-se destes dois elementos. Porém a decisão foi tomada quase por unanimidade de votos e foi imprescindível manter a palavra. Depois das costumeiras bravatas, ameaçando meio mundo, afastaram-se para preparar a volta, mas, de noite, Ortiz veio choramingar e de nada valeram as suas lamentações.

Todos estão mais dispostos e nota-se um bem-estar que antes não existia e aqui Chico junto com Angelo, Nobre e Silvio devem fazer uma expedição até o rio das Mortes. Hermano enquanto isso organizou novamente os serviços específicos de cada um¹²⁷.

Apesar da normalidade no funcionamento dos serviços entre os diversos setores da bandeira, a questão de um possível confronto com os Xavante, continuava presente no cotidiano da expedição. Por mais peso e importância que tivessem os estereótipos a eles atribuídos, o conhecimento sobre a história desse povo que Hermano, Francisco Brasileiro, Darcy Bandeira, entre outros membros, acumularam, eram suficientes para indicar que nem todos os povos indígenas estavam dispostos a ver suas terras invadidas passivamente. Talvez seja útil lembrar a insistência dos missionários salesianos em atrair e converter os Xavante. Uma das versões dessa história, Hermano e Chicão, conheciam bem: “No estio de 1934 – conforme notícias recebidas pelos superiores salesianos – os padres João Fuchs e Pedro Sacilotti, foram massacrados pelos terríveis gentios”¹²⁸. “[...] missionários salesianos que por via fluvial, que ainda demandavam aquele sertão na sua santa cruzada de

¹²⁷ Idem, pp. 214-215.

¹²⁸ Silva, Hermano Ribeiro da. Op. cit., p. 268.

pacificação dos indomáveis chavantes que, três anos antes, haviam imolado dois outros abnegados sacerdotes”¹²⁹.

O momento político do Brasil é efervescente, a data comemorativa da independência constitui-se numa importante oportunidade para um repensar das atividades intelectuais e políticas. Para um projeto que tinha como balizamento a *construção da brasilidade*, o cenário sugeria uma reflexão e uma celebração. Recorrendo novamente à Lopes da Silva: “Com Getúlio, o território xavante viu chegar a ação planejada do Estado visando à ocupação dos “espaços vazios” e ao desenvolvimento, fatores da integração nacional buscada pelo Estado Novo”¹³⁰. Dias 6 e 7 de setembro: *Festejamos o dia da independência do Brasil, hasteando as bandeiras brasileira e paulista. O arroz, feijão e farinha que Hermano trouxe melhoraram a comida por alguns dias. Francisco Brasileiro, voltando do rio das Mortes, nos diz que os Chavantes atravessaram o rio e talvez se dirijam às suas terras*¹³¹.

Como pudemos ver, nossos viajantes fizeram para a sua sobrevivência o uso de vários recursos naturais, como um dos aspectos mais marcantes. Depois de inúmeros contratemplos e acontecimentos, a *Bandeira Anhangüera* chega ao rio das Mortes, cumprindo uma significativa parte do percurso e dos trabalhos previstos. Segundo o croqui/relatório do Eng. Nébias: “percorridos 106 quilômetros”, “Região das vizinhanças percorridas, apresenta baixas formas de rochas sedimentares, em extensão de caráter arenoso. Campos e cerrados revestem depósitos de argila”, e na avaliação de Darcy

¹²⁹ Idem, p. 112.

¹³⁰ Silva, Aracy Lopes da. In: Cunha, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*, op. cit., p. 374.

¹³¹ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p. 2154.

Bandeira: “O Eng. Nébias fazia os seus estudos, levantando as coordenadas geográficas. O zoologista e taxidermista Garbe, já havia colecionado 46 peças de valor, entre as quais algumas aves desconhecidas. O botânico Fabiano, firme no seu trabalho de pesquisas sobre as glumifloras (gramíneas) já havia colhido, para a classificação, 37 espécies, estendendo observações sobre a flora, leito de rios, lagos, lagoas e suas faunas características. Felten, o cinematografista, já havia filmado 26 cenas, num total de mil metros de filme. O fotógrafo Senatore, além de haver batido centenas de chapas, revelou-se ótimo... cozinheiro. A parte de escrita e contabilidade da Bandeira, estavam a cargo de Hermano e Hugo. Glaber, magnífico operador rádio-telegrafista, sempre às voltas com a sua P.Y.I.-9, graças à qual entrávamos em contato com o mundo civilizado”¹³². Assim, a estrutura e os setores de trabalho de uma viagem científica, estavam mantidos.

¹³² Mello, Darcy S. Bandeira de. Op. cit., p. 220.

CAPÍTULO 3

TERRITÓRIO XAVANTE : a ciência abre caminho

Como é o lugar quando ninguém passa por ele?

Existem as coisas sem ser vistas?

Carlos Drummond de Andrade, "A suposta existência".

ITINERÁRIO XAVANTE: a ciência abre caminho

A pesquisa científica sobressai

As descrições do meio natural da região que a *Bandeira Anhangüera* percorreu e inscreveu no mapa, ao que os relatos dão a ler, eram até então, em grande parte, desconhecidas do ponto de vista das ciências naturais, segundo o qual todas as características vegetais, animais, minerais e geográficas deveriam fazer parte de um sistema descritivo.

À medida que a expedição avançava, as narrativas demonstraram alternâncias e variações na maneira de perceber o ambiente, por parte dos viajantes. É evidente que as alterações no estado de espírito do grupo poderiam ocasionar mudanças de critérios valorativos nas observações, influenciando a representação dos diversos ambientes que se interagem desde o rio Araguaia até alcançar a grande serra do Roncador, que o separa das vertentes do rio Xingú.

Mas, as observações estavam fincadas nos pressupostos científicos vigentes nas Instituições que deram suporte à expedição, e por isso mesmo, produziram uma iconografia considerada científica, criaram imagens visuais tidas como concretas, preencheram espaços geográficos e cartográficos que, para aquela região, apenas assinalavam um *grande vazio*. Desse modo, espaços, formas e cores, e, a própria inteligibilidade científica produzida sobre

a realidade observada, eram resultados apresentados pela própria influência do desenvolvimento da ciência¹³³.

Muito foi-se revelando, naquela altura do rastreamento. Os documentos foram trazendo à tona e tornando nítidos, velhos pontos relacionados aos objetivos da expedição. Acerca destes, as observações finais colocadas no relatório do Eng. Nêbias, talvez sejam suficientes para colocar em destaque a confiança no valor das informações colhidas sobre o vale do rio das Mortes e suas possibilidades de influenciar e orientar futuras iniciativas e diretrizes políticas: *“Estes trabalhos relatados foram feitos pela respectiva secção de engenharia da “Bandeira Anhangüera”, de julho a dezembro de 1937, cabendo salientar que os técnicos da expedição “Bandeira Anhangüera”, como de resto a quasi totalidade de seus componentes, dela participaram e fizeram seus respectivos serviços sem remuneração alguma, com a única glória e aspiração de serem úteis e proveitosos aos seus dignos compatriotas, futuros povoadores daquela longínqua região”*¹³⁴.

Para Otávio Nêbias, engenheiro responsável pelas observações e estudos cartográficos e meteorológicos, não havia dúvidas quanto à relevância geohistórica de sua pesquisa científica, nomeando e catalogando as feições da natureza. E assim ele faz o seguinte comentário ao final do seu relatório: *“Esta contribuição permitiu que as conquistas da ciência pudessem acompanhar a recente peregrinação pelas glebas*

¹³³ Como assinala Trabulse, *...el desarrollo histórico de la iconografía científica resulte estrechamente vinculado al de la ciencia misma*. Trabulse, Élias. *El lenguaje y la imagen*. In: Arte y Ciencia en la historia de México. Cidade do México, Fomento Cultural Banamex, 1995. p: 21 a 25.

¹³⁴ Arnaldo Otávio Nêbias. *Bandeira Anhangüera – 1937*. (Relatório completo) In: Revista Brasileira de Geografia, nº 2, abril de 1940. p. 165.

desconhecidas do grande Brasil, atualizando na pessoa de Hermano Ribeiro da Silva um dos mais antigos empreendimentos de que orgulham todos os paulistas: As Bandeiras”¹³⁵.

Entretanto, chamo a atenção para o prefácio do relatório do eng. Otávio Nébias, feito pelo prof. Luiz Flores de Moraes Rêgo¹³⁶, onde o autor faz um balanço da dívida para com o conhecimento científico acumulada pelas iniciativas pioneiras, arrolando entre elas as *entradas e bandeiras*. Para ele, os *desbravadores* possuíam grande mobilidade enquanto o conhecimento científico se realizava devagar. Fez referências às missões estrangeiras que desembarcaram no Brasil a partir da metade do século XIX, iniciando um conhecimento sistematizado do mundo natural.

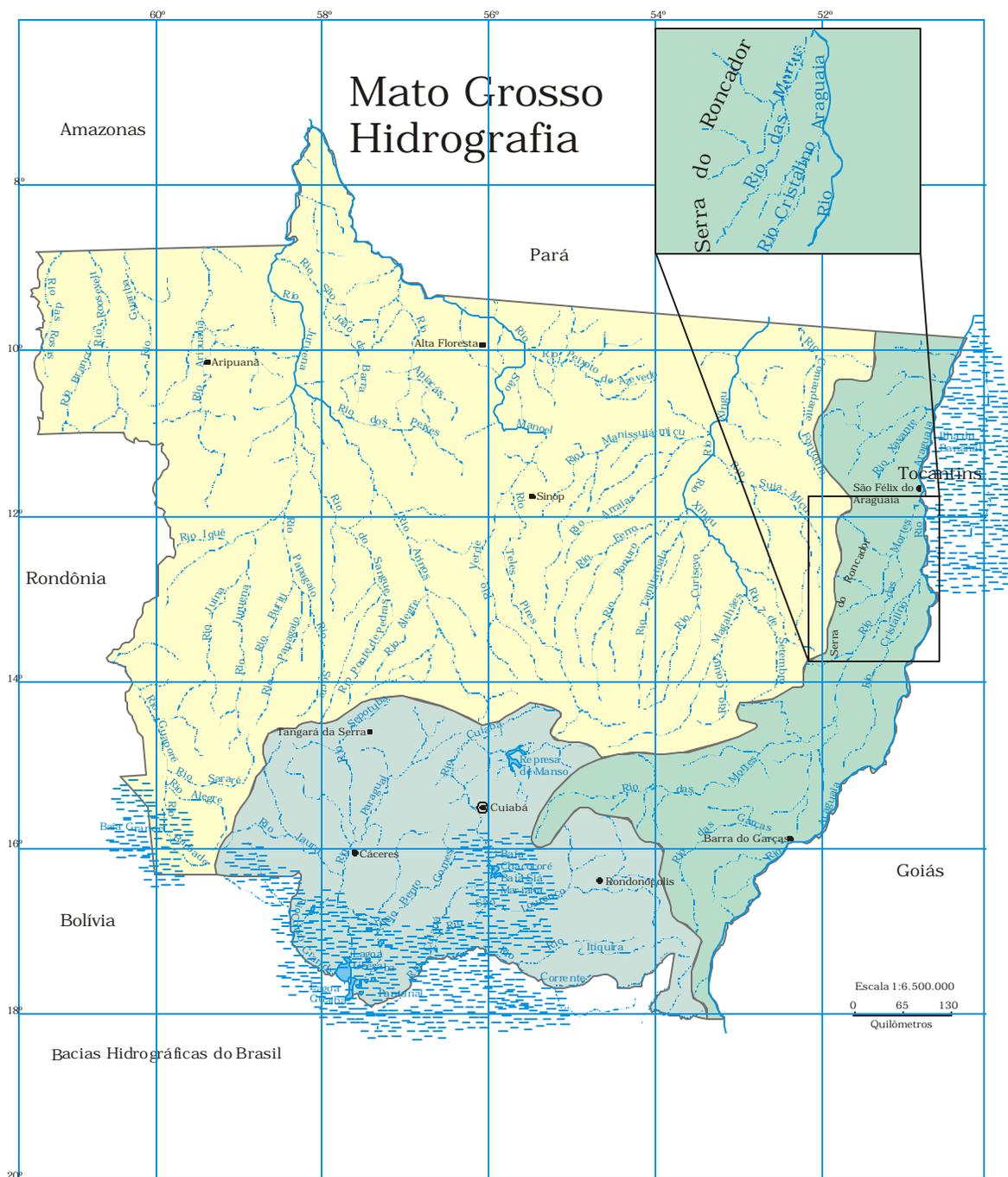
Em seguida confere aos trabalhos cartográficos e meteorológicos executados pelo eng. Nébias e aos trabalhos geológicos a cargo do geólogo Freitas Rego, absoluta credibilidade pelos métodos empregados na obtenção dos dados. É de se notar no conjunto das suas palavras a preocupação em não destituir a *Bandeira Anhaçuera* de objetivos científicos e projetá-la na história das iniciativas que deram contribuições para o conhecimento científico da nação.

¹³⁵ Idem, *ibidem*.

¹³⁶ *Ibidem*. p. 155-156.

Mapa Hidrográfico de Mato Grosso

destacando o espaço percorrido pela *Bandeira Anhangüera*



Fonte: IBGE, 1997 – DZSEE, 2001 (Adaptado).

Mapa de caminhamento topográfico da seção de engenharia da *Bandeira Anhangüera*.



Fonte: Relatório do Setor de Engenharia da *Bandeira Anhangüera* – Revista Brasileira de Geografia – Abril, 1940.

Indagar os motivos que levaram esses homens a enfrentarem as agruras da caminhada, como se sabe, uma constante aos que se deixavam seduzir por essas aventuras, decerto, ajudaria na reflexão das contradições internas das expedições. A respeito do perfil dos viajantes que visitaram o Brasil nas primeiras décadas do século XIX, Ilka Boaventura Leite¹³⁷ arrolou duas possibilidades de viagens: uma ligada à esfera particular e a outra, à esfera pública. Sua análise, considerou, que os interesses particulares interagiam com os públicos.

Assim, por mais que os interesses possam ser colocados como paixão pelo sertão, desejo de aventura, de pesquisa, de descoberta, de fortuna ou de inserção ao mercado literário, diz Karen Macknow Lisboa: “[...] são condicionados pelas especificidades históricas e pelas dimensões subjetivas dos autores”¹³⁸.

A dimensão subjetiva de alguns componentes-chave da comitiva constitui-se numa preocupação destes estudos, para tanto, consideramos relevantes os conflitos, “[...] atritos que emergem de uma prolongada convivência contínua”¹³⁹. Esse tipo de abordagem pode contribuir para uma análise mais geral da expedição. Por isso mesmo, tivemos a necessidade de perscrutar os interesses mais localizados de alguns personagens desta expedição. Sobre esses, vimos a conveniência de fazer algumas reflexões, sempre buscando informações de envergadura para as nossas interpretações. Em suma, tem pertinência para os que se enveredam por este viés, aquela indagação do fidalgo de Quito, a qual Heléne

¹³⁷ Leite, Ilka Boaventura. *Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais, século XIX*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH/USP, São Paulo, mimeo, 1986, p. 74.

¹³⁸ Lisboa, Karen Macknow. Op. cit., p. 33.

¹³⁹ Costa, Maria de Fátima., e Diener, Pablo. *Viajando nos bastidores: documentos de viagem da expedição Langsdorff*. Op. cit. p. 13.

Minguet, faz referência na introdução da Expedição de Charles-Marie La Condamine, *Viagem Pelo Amazonas 1735-1745*: “O que, se não um ganho considerável, poderia incitar pessoas de categoria a levar uma vida tão miserável, tão extraordinária e tão fatigante, a atravessar montanhas, desertos, a observar estrelas?”¹⁴⁰.

No contexto da construção do conhecimento científico a *Bandeira Anhangüera*, sem perder de vista as vicissitudes pelas quais seus homens vinham passando - havia sido também concebida como uma forma de explorar em busca de conhecimento tanto para *instrução pública* quanto para o *progresso da ciência*, orientada por teorias científicas. A teoria que alimentava essa busca podia ser perscrutada no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, Universidade de São Paulo e Museu Paulista, instituições estas que à época tinham domínio sobre os diferentes esquemas de classificação de coleções de História Natural em uso nos Estados Unidos da América do Norte e na Europa. Tome-se por exemplo o Museu Paulista, naquele momento, interessado em adquirir coleções que pudessem ampliar o seu acervo¹⁴¹. As palavras de Affonso d’Escragnolle Taunay, diretor do Museu Paulista à *Rádio Bandeirante* não deixavam dúvidas: *Visam o alargamento cultural da nação que seus antepassados aquinhoaram com milhões de quilômetros quadrados.*

Quanto a esta questão, mencione-se novamente Maria Margaret Lopes e sua obra *O Brasil Descobre a Pesquisa Científica* que aborda a construção do Museu Paulista: “As

¹⁴⁰ La Codamine, Charles-Marie de. *Viagem Pelo Amazonas: 1735-1745*, São Paulo, Editora Nova Fronteira, s/d. p. 12.

¹⁴¹ Affonso d’Escragnolle Taunay, diretor do Museu Paulista à *Rádio Bandeirante*. In: O Estado de São Paulo. Op. cit., s/nº página.

coleções etnográficas e arqueológicas também foram enriquecidas por meio das coletas dos naturalistas viajantes, quer por compras e permutas. Entre algumas das então consideradas mais importantes, mencionamos: uma coleção completa de peças etnográficas dos índios botocudos, da margem esquerda do rio Doce no Espírito Santo, obtida por Walter Garbe, filho de Ernesto Garbe; uma coleção de 250 peças etnográficas dos índios Carajás do rio Araguaia, Goiás; raridades escolhidas de uma grande série de objetos dos índios guaranis de Bananal, litoral de São Paulo; [...]”¹⁴².

Nas primeiras décadas do século passado, os trabalhos realizados pelas expedições científicas, além de deslocar fronteiras do desconhecido, voltavam-se para executar uma atividade científica, em sua essência, a experiência da pesquisa *in loco*. Destacava-se a partir das observações do Museu Paulista, o nome do naturalista viajante Walter Garbe, presente nesta expedição na condição de encarregado pelos trabalhos de zoologia e taxidermia, com resultados que tinham um destino certo: a coleção naturalista do museu, que certamente seria cientificamente intercambiada com as outras instituições, o que parecia ser naquele momento, pelo próprio esforço conjunto, um movimento político das instituições, notadamente, das que se envolveram na viabilização da *Bandeira Anhangüera*.

O relato do fotógrafo Senatore, as imagens construídas nas narrativas escritas e fotográficas, evidencia que a pesquisa científica, a essa altura da expedição, a caminho da Serra do Roncador, ocupa o lugar central. *Estes dias foram dedicados a explorar a Serra*

¹⁴² Lopes, Maria Margaret. Op. cit., p. 279.

*Azul e recolher espécies vegetais e pássaros para o museu de São Paulo, dos Chavantes nenhuma novidade, talvez tenham ido embora*¹⁴³.

Através das fontes, recortes de jornais, fotografias e do diário de Antonio Senatore, sobre aqueles dias de setembro, é possível ver que a expedição prosseguia nos meandros do rio das Mortes e que os expedicionários continuavam enfrentando, nos moldes das caminhadas das explorações científicas - em seu sentido clássico dos séculos XVIII e XIX -, com toda a carga dramática, os inúmeros contratemplos dos campos e cerrados ainda não alagados pelo período das chuvas que se aproximava. Comandados por interesses científicos, sustentados por interesses econômicos e expansionistas, os expedicionários, através de comunicação via rádio, reafirmam os compromissos: “...*De qualquer forma somente a morte destruirá nossas aspirações e os compromissos de paulistas, brasileiros e estrangeiros que honram a nossa turma*”¹⁴⁴.

Entretanto, essa mesma mensagem assinala uma preocupação com o momento do encontro com o povo *Xavante*, sendo provavelmente motivada por uma medida de precaução das instituições envolvidas na iniciativa, temendo que os expedicionários pudessem protagonizar um episódio marcado pela violência, culminando num “banho de sangue”. Segundo o jornal *O Estado de São Paulo* que transcreveu a mensagem da *Bandeira Anahngüera*, o chefe Hermano Ribeiro procedeu a leitura para todos os componentes buscando a aprovação: *Os índios nunca foram hostilizados; nossas armas são*

¹⁴³ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p. 217.

¹⁴⁴ Jornal “*O Estado de São Paulo*”, s.d.

para a defesa extrema. Juramos pela dignidade de nossos nomes para a grandeza de São Paulo e glória do Brasil, que agiremos como brasileiros e christões.



Chegada ao rio das Mortes – Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres.



Rio das Mortes, 1937 - Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres.

Imagens produzindo conhecimento: câmera... ação!

A apreensão da realidade imediata tem a intervenção do fotógrafo Antonio Senatore, tanto nos registros iconográficos fotográficos, quanto na composição da narrativa escrita, é o processo de criação de que fala Boris Kossoy¹⁴⁵. Na descrição do cenário, em que se desenrola a trama e na própria realização do ato, o fotógrafo viajante tem um papel fundamental. Cada vez mais é possível perceber nos documentos a referência do observador, seus filtros culturais, seu estado de ânimo. São fontes, visuais ou escritas, meios de conhecimento que fornecem informações dinâmicas, carregadas de ação sobre o vale do rio das Mortes e dos trabalhos que ali foram desenvolvidas. Por isso mesmo, consideramos importante a citação de trechos do diário – imagens verbais - ou a inclusão de imagens fotográficas importantes para a compreensão da história da viagem e do ambiente percorrido.

Certamente neste ponto em que nos encontramos, pode parecer complexa esta estratégia de seguir utilizando paralelamente estas duas formas de narrativas como fio condutor do desenvolvimento desse texto, embora não sejam os únicos suportes da pesquisa. Com isso espero em primeiro lugar, dar inteligibilidade ao texto, e depois, porque a construção imagética dessa paisagem está carregada de significados e representações culturais, que exercem um poder de sedução sobre a minha compreensão. Não por concordar que o estado de penúria dos homens que estão atravessando esse território justifique o argumento de que os mesmos são portadores da *civilização* em oposição ao lugar onde impera a *barbárie do homem primitivo*, mas sim atraído pelo movimento

¹⁴⁵ Kossoy, Boris. *Fotografia e História*. São Paulo, Ed. Ática, 1989.

cenográfico e pela riqueza de detalhes que o narrador imprimiu às narrativas em seu processo criador, o que leva à compreensão enriquecida do ambiente e da natureza.

No que diz respeito ao esforço físico realizado pelos homens da comitiva, pode ser interpretado como atitudes de agressão empreendidas contra os habitantes dessa região, na medida em que isso lhes impõem arbitrariamente um modo de vida diferente dos seus. Isso, a própria narrativa vai colocando em evidência, através das imagens que os expedicionários constituem dos grupos indígenas.

De volta agora, ao depoimento de Senatore, suas imagens vão constituindo representações do real que permitem ler componentes sociais, classificatórios, hierarquizadores, atuando no seu modo de observar e entender os eventos e o ambiente, especialmente, neste ponto da penetração, sob a perspectiva do contato com os *Xavante*, caracterizando a crença numa noção de que *fronteira*, é um lugar para se ocupar:

De novo em marcha, sob um sol causticante, não sopra o mais leve vento, a natureza parece morta, para minha desgraça perdi o “cantil” e tenho que marchar com a garganta em brasas por aproximadamente 30 km. Esta marcha foi para mim a mais ingrata, é verdade que todos passaram sede, mas a maioria tinha bebido cada um o seu “cantil” de água, e eu tinha apenas provado um pouco de água que Acreano me deu. A uma certa altura pareceu que eu avistava, há uma centena de metros, água cristalina, mas era simples miragem, as pernas continuavam para frente como um autômato, tropeçando continuamente e quando finalmente chegamos ao rio das Mortes, me joguei na água de roupa e tudo porque a sede tinha alcançado o extremo da paciência. Este rio, que carrega

um nome tão tétrico, é, na verdade, um belo rio, a sua largura neste ponto chega a 500 metros, as suas margens possuem uma vegetação vigorosa e isto permite maior caça de pássaros e animais, o peixe aqui parece mais fácil de ser apanhado e, se não fosse a falta de feijão, arroz e farinha, não teríamos do que se queixar. Agora começa a parte mais perigosa porque se entra nos territórios ocupados pelos “Chavantes” (ou, melhor dizendo, a terra que eles julgavam impenetrável), homem civilizado algum jamais penetrou neste lugar, para nós também completamente desconhecido. O embrenhar-se nas nossas condições era perigoso, então decidiu-se que Chicão, Freitas, Nobre e Angelo retornariam até o sítio do Angelo, próximo ao Araguaya, para buscar novas provisões. Esperando que os companheiros voltem, Hermano procura um vau para os animais e uma passagem melhor na floresta. Um incidente quase fatal acontece ao nosso amigo João Bahiano, João Martins ao polir uma arma faz disparar um tiro e o fere no cotovelo com penetração e saída da bala no antebraço. Por sorte o socorro médico imediato reanimou o ferido. Verificamos também que os Chavantes atravessaram o rio há cerca 30 km abaixo, a época é propícia para a desova de “tracajás” e tartarugas, por isso eu e dois companheiros resolvemos esforçar-nos para obter alguns ovos. Após termos subido o rio por uma dezena de quilômetros, descobrimos em uma praia, uns 350 ovos em três ninhos de “tracajás”, encontramos também uma “onça pintada”, mas escondeu-se rapidamente dos nossos olhares, um mutum enriqueceu as nossas provisões. O dia não foi perdido e com a nossa chegada ficaram todos muito contentes. Passaram 15 dias e finalmente as nossas provisões chegaram com os portadores. Hermano faz uma divisão justa da farinha, da rapadura e ovos e procuramos um vau melhor, que é encontrado há uns 15 km abaixo¹⁴⁶.

¹⁴⁶ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. pp. 218-219.

È certo que a opção neste capítulo, não é por uma abordagem que tenha como objetivo indagar “formas ideológicas” da expedição. Mas, para melhor compreender a *Bandeira Anhangüera*, em seu próprio percurso histórico, sua sustentação econômica, política, social e cultural, concorrendo para a sua estruturação e existência não poderia deixar de contextualizar a “ofensiva histórica” que envolve o território *Xavante*, colocando-o cada vez mais próximo das frentes missionárias e expansionistas.

Enquanto a *Bandeira Anhangüera* avança cartografando os domínios *Xavante*, dá-se em 1937 a promulgação da Constituição do Estado Novo, fortalecendo as funções interventoras e controladoras do Estado no âmbito econômico, social e político do país. Sob a égide do Estado Novo, o governo de Getúlio Vargas anuncia o programa de ocupação dos espaços considerados “vazios”. É a tônica da Marcha para Oeste.

Nesse ritmo a ocupação dos espaços tidos como vazios, traduzida pelo regime político do Estado Novo, significava a “incorporação” destas áreas a um amplo programa de integração nacional. Voltando às referências de Alcir Lenharo: “*Os discursos proferidos por Vargas expõem elementos que perseguem a confecção da imagem da Nação em movimento: ela é lida particularmente pela sua exterioridade geográfica e pela revitalização ao Eldorado do passado colonial. A afirmação inaugural enfatiza a importância do ouro e dos metais extraídos “dos vales férteis e vastos” para o progresso industrial do país. A imagem da Nação em movimento transita do espaço edênico para o espaço da indústria. Sem alterações*”¹⁴⁷.

¹⁴⁷ Lenharo, Alcir. Op. cit., p. 56.

O discurso político apontava: a Nação em marcha, o progresso industrial; uma Nação de operários a cobrir os imensos espaços. Incorporar os *vastos interiores* “desconhecidos” é civilizar e colocar o País no rumo do desenvolvimento industrial.

O olhar de Antonio Senatore: ação... luzes

Ali estava Antonio Senatore, fotógrafo da *Bandeira Anhangüera*, naquele mundo tão propício à imaginação, à fantasia, ou ao exercício do medo. Segundo a história do povo Xavante - A'uwê, contada pelas suas próprias “*narrativas que invocam a fundação do mundo*”¹⁴⁸, seis décadas depois dessa incursão ao seu território e cinco décadas depois do contato definitivo com os brancos - *warazu, quando no cerrado só havia rastros de anta, queixada, bandeira... e de A'uwê*¹⁴⁹. Os Xavante dizem ser: [...] *os últimos herdeiros de uma tradição passada no Hö num tempo de liberdade, sem as cercas das fazendas fechando o seu caminho. Mantêm vivos o pensamento e a sabedoria dos wahirada, os avós que lideraram o povo Xavante em difíceis tempos de conflitos e guerras*¹⁵⁰.

Nestas terras vou seguindo os rastros de Antonio Senatore. Parece-me, com efeito, que o mito do ouro dos Martíros já não se constitui mais em motivação para a expedição. Agora, Senatore demonstra grande preocupação em garantir a alimentação mínima para a continuidade da marcha, na medida em que acumulava, junto com o trabalho fotográfico, esta incumbência. O fotógrafo esforça-se em corresponder à confiança depositada por

¹⁴⁸ Krenah, Ailton. *Guardadores da Palavra Criadora*. In: Wamrême Za'ra - Nossa Palavra: Mito e História do Povo Xavante, São Paulo, Ed. SENAC, 1998.

¹⁴⁹ Wamrême Za'ra - Nossa Palavra: Mito e História do Povo Xavante. Op. cit., p. 9.

¹⁵⁰ Idem, ibidem.

Hermano Ribeiro. Ele sabe dos riscos que representa para o empreendimento aquele contingente fragilizado pela asperesa do terreno e debilitado pela fome.

Senatore vai revelando traços de grande amizade a Hermano e de harmonia com os trabalhos científicos. Coloca-se nas mesmas condições de precariedade dos seus companheiros de viagem. Mas é, sem dúvida, um atento observador da natureza, e por isso mesmo, suas composições buscam a multiplicidade de elementos paisagísticos, das cores e tons locais. O fotógrafo constrói um verdadeiro mapeamento topográfico em suas descrições.

O olhar fotográfico de Antonio Senatore pretende garantir um registro que busca dar uma exata medida do desconhecido, e entrega-se a esse encargo, mantendo-se calmo diante das adversidades. Talvez, obstinação seja a palavra mais apropriada ou uma pré-condição, aos que, como ele, querem alcançar uma dimensão documental com o seu trabalho. Nesse contexto, muitas vezes viu-se embaraçado: *Esta marcha foi para mim a mais ingrata, é verdade que todos passaram sede, mas a maioria tinha bebido cada um o seu “cantil” de água, e eu tinha apenas provado um pouco de água que Acreano me deu. A uma certa altura pareceu que eu avistava, há uma centena de metros, água cristalina, mas era simples miragem, as pernas continuavam para frente como um autômato, tropeçando continuamente e quando finalmente chegamos ao rio das Mortes, me joguei na água de roupa e tudo porque a sede tinha alcançado o extremo da paciência*¹⁵¹. Logo em seguida, lá estava ele caprichosamente, exercitando a façanha de explorar o ambiente: *Este rio, que carrega um nome tão tétrico, é, na verdade, um belo rio, a sua largura neste ponto chega a*

¹⁵¹ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p. 218.

500 metros, as suas margens possuem uma vegetação vigorosa e isto permite maior caça de pássaros e animais, o peixe aqui parece mais fácil de ser apanhado e, se não fosse a falta de feijão, arroz e farinha, não teríamos do que se queixar. Agora começa a parte mais perigosa porque se entra nos territórios ocupados pelos “Chavantes” (ou, melhor dizendo, a terra que eles julgam impenetrável), homem civilizado algum jamais penetrou neste lugar, para nós também completamente desconhecido¹⁵².

Na medida em que os dias transcorriam, notavam-se vestígios que evidenciavam a aproximação mais uma vez da comitiva a uma aldeia *Xavante*, para a qual se fazia suposições de uma densa população. O fotógrafo não escondia o desejo de presenciar esse momento, seu texto pontua esta expectativa e os momentos de tensão. “O que nos reserva o futuro?” (9.10.1937), – escreve Senatore - “[...] o mosquetão não funciona regularmente, estou numa fria, posso cair na boca do leão” (idem), (10.10.1937). Não resta dúvida de que o itinerário dá sentido pleno a sua narrativa. Certamente o autor almejava valorização e reconhecimento do seu trabalho de exploração fotográfica, provavelmente esta seja uma das razões que justifique o seu empenho em manter a coesão do grupo e dedicar parte do seu tempo a escrita do diário.

Não pretendo aqui analisar as projeções da fé Cristã em qualquer dos sentidos possíveis, nessa “missão civilizatória” tal como se colocava. Mas julgo importante para o momento histórico aqui focalizado, trazer, ainda que de forma resumida, cenas onde Antonio Senatore fala de Deus, manifestando a sua fé, a meu ver, fundada mais em componentes culturais do que propriamente doutrinários. Podemos ver que o seu discurso

¹⁵² Idem, *ibidem*.

pode revelar de um lado, um sentido utilitarista em sua crença e por outro, atribuir à bandeira o objetivo de propagação da fé cristã, condutora de Deus. Senatore sugere a crença de que essas terras ainda não fazem parte do reino de Deus. Vejamos estas referências, primeiro, quando o padre salesiano José Nunes que subia o Rio das Mortes numa embarcação, integrou-se à expedição, Senatore manifestou o seu contentamento. “[...] sendo sempre bem aceitos aqueles que, com a palavra e com a fé, trazem a luz a estas florestas” (14.10.1937). E depois: “Padre Nunes reza a missa e todos escutam em silêncio, a comida agora é o elemento essencial e tudo corre bem [...]” (24.10.1937). Conjugando esforço físico e fé em Deus: “Os nossos corpos suam pura catanga de veado, todos os objetos fedem a veado, mas dou graças a Deus que, ainda que pouca, não nos falte absolutamente esta carne” (idem).



O padre salesiano José Nunes Dias celebra missa aos componentes da *Bandeira Anhangüera*, no acampamento próximo à Serra do Roncador em 24 de outubro de 1937.



Padre José Nunes Dias observa uma onça abatida por componentes da *Bandeira Anhangüera* nos cerradões próximo ao Rio das Mortes, outubro de 1937.

O contato

É possível inferir que não era a ambição por riqueza, a força que movimentava Antonio Senatore. Sua experiência – acredito – está ligada a inspiração, fascínio de fotógrafo viajante – tardio pode-se dizer, se as referências são as viagens científicas do século XIX – de lançar-se em busca de terras distantes, dos confins, do exótico, do “homem primitivo”, mas perfeitamente compreensível quando observada do ponto de vista dos esforços empreendidos pelas instituições científicas, imbricadas aos movimentos culturais de construção da identidade nacional, nos mais diferentes campos.

Possivelmente atraído por todas essas questões, Senatore, antes da Bandeira Anhangüera, integrara a viagem exploratória *Raid Fluvial* 1926-1928. Quase dez anos depois, encontra-se Antonio Senatore deixando a vida citadina, “O trem abandona a metrópole paulista [...]”, depois mal acomodado na carroceria de um caminhão “[...] superlotado [...]” (1.8.1937), “[...] depois de mais ou menos 48 horas de um chacoalhar contínuo sobre as futuras estradas [...]” (2.8.1937), para descer o rio Araguaia na “[...] prancha [...]” (3.8.1937) e depois em dorso de animal “[...]o cavalo que monto de cavalo só tem o nome, porque é um amontoado de pele e osso e muitas vezes cai no caminho [...]” (28.8.1937) para testemunhar o momento mais esperado e significativo da *Bandeira Anhangüera*, o encontro com os *Xavante*.

No dia 27 de outubro de 1937 Antonio Senatore tem um contato direto e sensível com um conjunto de eventos significativos para o que vivia. Quando o dia começa, desde os primeiros momentos, coloca-se em situação apropriada para construir imagens

carregadas de ação e suspense, captando e trazendo para a narrativa uma atmosfera repleta de emoções. O fotógrafo experimenta, vive, sente e demonstra que não se trata de um devaneio especulativo, de uma narrativa fantasiosa. Diz o autor: “[...] no escuro a marcha; perto das 4 avistamos a famosa serra do Roncador e já estávamos “trilhando” o caminho da aldeia. A um determinado momento, sobre um lugar alto, Hermano decidiu que eu, Nebias e Piza, fôssemos localizar um ponto por assim dizer estratégico e, caso os Chavantes fugissem com a aproximação do grupo, eu deveria filmá-los”¹⁵³.

O registro compartilhado desse momento, de encontro entre duas culturas, em pleno desenrolar na teia de acontecimentos, era o que interessava a Senatore. Grandes esperanças, possivelmente, o fotógrafo depositou na probabilidade de protagonizar, o que a própria imprensa paulista inúmeras vezes sugeriu, um dos mais espetaculares registros imagéticos de viagem. Ser o primeiro a apanhar uma seqüência de imagens que pudessem comprovar todas as (pre-)visões do debate em torno dos *Xavante* e, ao mesmo tempo arrebatá-las, as atenções dos espectadores, colocando os integrantes dessa missão “civilizatória” como acreditava-se, num lugar destacado ao centro do palco, sob as luzes dos refletores.

Na verdade, a imprensa – com destaque para o jornal *O Estado de São Paulo* e a rádio *Bandeirante* – havia, com o trabalho de recuperação de memória, da mística nacional e mesmo com a campanha de arrecadação de fundos, preparado o público para consumir as imagens que seriam produzidas pela *Bandeira Anhangüera*.

¹⁵³ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p.226.

A observação direta e participante de Senatore o colocava numa posição de destaque como fotógrafo, integrado a uma expedição e fotógrafo naturalista e o autorizava a falar com a força do testemunho de quem esteve lá. A força da sua narrativa textual também indicava para aquele contexto, e deixa clara a capacidade de envolver o leitor nessa viagem com as características de uma epopéia que se realizava diante dos seus olhos, trazendo toda a carga de realidade e dramaticidade simbólica que a imprensa propagara.



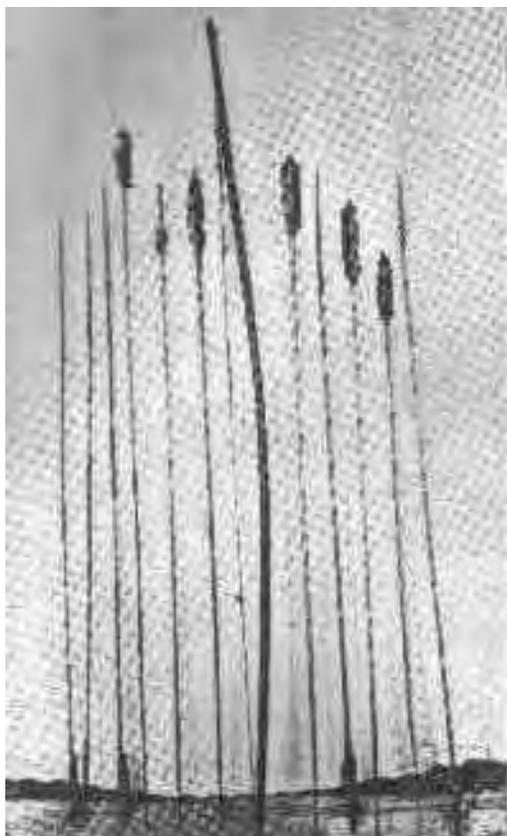
Aldeia Grande *Xavante*.¹⁵⁴



Aldeia Grande *Xavante*.¹⁵⁵

¹⁵⁴ Esta imagem foi publicada no livro de Brasileiro, Francisco. Op. cit., s/p.

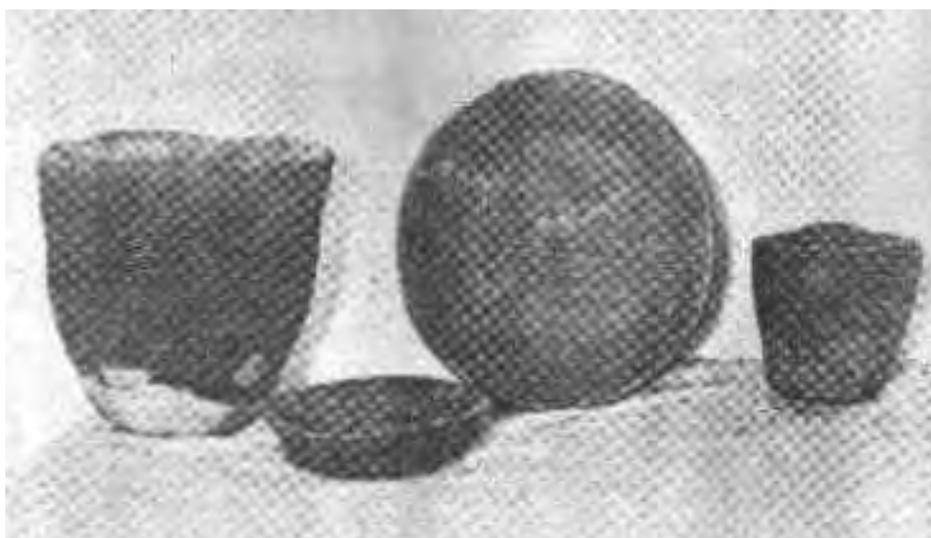
¹⁵⁵ Idem, s/p.



Arco e flexas dos “Xavante” ¹⁵⁶



Bolsa feita de couro de veado ¹⁵⁷



Utensílios feitos de barro pelos “Xavante”, para prepararem os seus alimentos ¹⁵⁸

¹⁵⁶ Nébias, Arnaldo Otávio. Bandeira Anhangüera – 1937. Revista Brasileira de Geografia, abril, 1940. s/p.

¹⁵⁷ Idem, s/p.

¹⁵⁸ Ibidem, s/p.

Sobre o momento do confronto com os *Xavante*, na Serra do Roncador, o texto de Antonio Senatore materializa a fronteira simbolicamente anunciada, lugar de primitivismo que ele rejeita e de seres que não são dotados de humanidade: *Angelo era o nosso guia e abandonamos o grupo e depois uma maratona, quebrando arbustos e enlameando-se todos nos “corixos”, Angelo, depois de tanto perambular naqueles labirintos de arbustos, não conseguiu encontrar mais o ponto preciso e de repente, quando se estava decidindo sobre o que fazer, ouvimos uma gritaria do outro lado do vale. O momento era trágico, não se enxergava a 10 metros, Angelo, o único que estava a cavalo, pula imediatamente para o chão e nós quatro, pelo período de aproximadamente 5 minutos, respirava-se apenas, com o dedo no “gatilho do mosquetão” e com o ouvido atento a qualquer leve rumor. Cinco minutos de espera que para nós pareciam eternos e depois, um pouco mais encorajados, resolvemos voltar atrás e alcançar os companheiros¹⁵⁹.*

Senatore ao longo da narrativa manifesta a intenção de garantir proteção à integridade física dos índios. Entretanto, é possível perceber neste momento que esse sentimento em defesa dos índios apoiava-se em fundamentos ambíguos, que não permitem sequer o reconhecimento dos mesmos enquanto sujeitos, diferentes, e possuidores de direitos. Senatore vai diluindo sutilmente no texto a atitude e a mentalidade de impor subordinação aos índios, para tanto, inverte os papéis, dando a entender, que ele e os seus companheiros corriam iminente risco de vida, como se estivessem sendo imolados: *Já clareava quando, de repente, a um rápido sinal de Chicão, ficamos de gatinhas, 4 Chavantes passaram a uma distância de aproximadamente 150 metros e caminharam despreocupados não apercebendo-se de nós. Imediatamente tomamos o caminho inverso*

¹⁵⁹ Diário de Antonio Senatore. Anexo 2. p. 227.

*dos 4 Chavantes, certos, então, de encontrar a aldeia. Tínhamos caminhado cerca de 1 km, quando na mesma “trilha” apareceram na nossa frente alguns Chavantes que começaram logo uma corrida apressada e nós correndo atrás dos fugitivos. Atravessado um riacho e subida uma colina, encontramos-nos no meio do círculo central da aldeia dos Chavantes. O pânico era geral na multidão de indígenas, gritos guturais e lamentos se elevavam na confusão da fuga, mulheres, crianças e velhos, todos fugiam emitindo gritos ensurdecedores; o nosso aparecimento instaurou a desordem e o terror entre estes seres que pela primeira vez viam surgir gente nossa. Estavam todos completamente nus e de nada valeram os nossos sinais de amizade, enquanto as máquinas cinematográficas e fotográficas funcionavam. Os Chavantes, depois que as mulheres, os velhos e as crianças, entraram nos bosques adjacentes, alçaram um grito (cuidado com as flechas) e de fato uma chuva de flechas caía ao nosso redor, procuramos cada um de nós um local mais seguro e os índios, vendo que era inútil qualquer tentativa de nos atingir, aquietaram-se. Hermano dera ordem para não matar e nem mesmo atirar a não ser em caso de legítima defesa [...]*¹⁶⁰.

Senatore não desejava que esse momento do contato, que foi de extrema desigualdade para os *Xavante* se convertesse numa guerra campal, mas não deixou de procurar uma justificativa para essa possibilidade, realizando um movimento contraditório, no qual afirmava a inferioridade “cultural”, a crueldade e belicosidade dos índios, para garantir segurança a si mesmo e aos que ele considerava os “seus”. O fotógrafo tenta dissimular e justificar qualquer atitude mais violenta por parte dos seus companheiros, como uma espécie de punição inevitável. Senatore na sua escrita empenha-se em diminuir a

¹⁶⁰ Idem. pp. 227-228.

agressividade do gesto do invasor: [...] *Observando a quietude dos indígenas que tinham se escondido atrás das suas cabanas, achamos que eles tivessem compreendido as nossas intenções pacíficas, nos enchemos de coragem e saímos dos nossos esconderijos naturais. Tratava-se porém de um engano nosso porque a chuva de flechas recomeçou e agora vindo de todas as partes, estávamos cercados e não havia outra possibilidade a não ser usar as armas, mas Hermano pronto com os fogos de artifício, soltou um rojão de 3 tiros, no assovio poucos se impressionaram, mas, quando os 3 tiros ressoaram no céu, assustaram-se e fugiram para a mata [...]*¹⁶¹.

Portanto, sem conseguir despir-se de noções etnocêntricas, o texto de Senatore descreve a vida social dos *Xavante*. Todos os fatos observados foram sendo agrupados resguardando a seqüência dos acontecimentos. Valendo-se de uma metodologia de trabalho de campo, de registro etnográfico, o autor compõe um quadro descritivo. Dessa maneira, os escritos de Senatore complementam os registros fotográficos e cinematográficos: [...] *A aldeia estava completamente abandonada e fizemos uma vistoria rápida às cabanas em número de 19, em forma cônica e dispostas em círculo; de estrutura sólida e com uma única abertura e porta baixa. Internamente cheias de esteiras de palmeiras entrelaçadas que lhes servem de cama e no centro algumas pedras para o fogo, 3 araras, muitos periquitos e papagaios, 3 cães de raça comum, talvez roubados nas suas incursões por aí e 1 galo, várias “panelas” de barro, 1 aro de ferro (certamente roubado), um instrumento musical (sistema de um clarinete), milho tostado (minuto), bocayuva, burity, pequenas abóboras e espécie de batata nativa. Toda uma coleta indispensável para o museu de São Paulo, deixamos nas várias cabanas espelinhos, canivetes, colares de vidro e alguns*

¹⁶¹ Ibidem. p. 228.

*facões em troca daquilo que tiramos, e, depois um outro rojão para poder ter o caminho livre, retomamos sobre as nossas pegadas. A nossa sorte deveu-se sobretudo à surpresa e a termos encontrado só uns quarenta homens na aldeia, encontrando-se o restante na caça ou procurando frutas. Pelo número de cabanas, 19, e como geralmente em cada uma vivem 4 famílias, em um total de 16 pessoas, calculo que a aldeia deve ter, em um cálculo aproximado 400 pessoas. Uma das missões mais difíceis resolveu-se sem perda de vidas de ambas as partes, estes índios que aterrorizam com as suas incursões os poucos habitantes e garimpeiros do Araguaya, sem contar o massacre que realizam sobre os índios Carajás da ilha do Bananal, os quais estão, embora ainda no estado primitivo, já submetidos aos civilizados; os indomáveis Chavantes tinham sido finalmente visitados em um dos tantos (clã) núcleos que provavelmente possuem neste sertão [...]*¹⁶².

Impossibilitados de seguir a caminhada, cruzar a serra do Roncador e alcançar os rios da bacia do Xingu, os expedicionários decidem pelo retorno ao ponto inicial, o Marco Zero da *Bandeira Anhangüera*. Era agora o começo do período das chuvas. A “invernia” já havia começado, e isso traria dificuldades extremas – eles sabiam disso, pois eram homens experimentados – à caminhada.

O fotógrafo Senatore compartilhava das preocupações, das dúvidas e das inquietações de Hermano com relação aos resultados alcançados, dos trabalhos e ações desenvolvidos pela *Bandeira*. Hermano parecia ter uma avaliação negativa em relação à quantidade de material coletado, à importância e qualidade das pesquisas realizadas e mais,

¹⁶² Ibidem. pp. 228-229.

com a possibilidade do reconhecimento ou não dos méritos da iniciativa, por parte dos paulistas.

Por isso mesmo, no retorno, ao alcançarem o rio das Mortes, Hermano decide, então, enviar, para estudos na ilha do Bananal o que ele designou como Grupo Cultural e Científico da *Bandeira Anhangüera*, composto do médico Arion, do engenheiro Nébias, do cinematografista Feltem, do botânico Fabiano e do fotógrafo Senatore. Este, prontamente aceita o desafio.

Diante das condições de viagem em que se encontravam os membros da comitiva, naquele momento, que razões teriam levado Senatore a embarcar na precaríssima canoa de lona rumo à ilha do Bananal? Os acontecimentos demonstram que Senatore além de ser homem obstinado pelo seu trabalho de captar imagens, preso a fundamentos hierárquicos, nutria um sentimento de lealdade e amizade para com Hermano.

Darcy Bandeira de Mello narrou as preocupações de Hermano ao se despedirem às margens do rio das Mortes: “ Finalizando, ele recomendou-me textualmente: “tome muito cuidado, tenho absoluta confiança em você. Tragam o maior número de artefatos interessantes”¹⁶³.

¹⁶³ Mello Darcy Bandeira de. Op. cit., p. 235.

O percurso fluvial

O fotógrafo aderiu aos novos objetivos da expedição estabelecidos por Hermano, com a evidente intenção de valorização do projeto. Assim, Senatore participa de acontecimentos igualmente marcantes, constituindo-se desta forma numa outra viagem dentro daquela já atribulada viagem: [...] *temos que descer o rio das Mortes na canoa de lona até a ilha do Bananal. Viagem semelhante em uma barca de lona sobre um rio desconhecido é arriscado porque, afora o perigo de furá-la em um pedaço de madeira, existem também os Chavantes e as feras que aumentam o desconhecido e o perigo de uma viagem assim. Uma pirarara e um rabo de jacaré foram a nossa comida de hoje.* (1.11.1937).

Vencidos os desafios e vicissitudes do percurso a bordo de uma canoa de lona até a ilha do Bananal, este reduzido grupo de componentes da *Bandeira Anhangüera* entrega-se aos trabalhos etnográficos. Note-se, nesta passagem, a utilização pelos expedicionários de um meio de transação com grupos indígenas, conhecido e utilizado desde o século XVI. Essa transação, na verdade, obedece a um código de mediação da cultura dos observadores que encontra correspondência no sentimento das etnias visitadas na ilha do Bananal: *Em troca de fumo, sal e colares de vidro, presentea-nos com flechas, arcos e vários objetos de adorno de penas. Rodamos um bom filme e tiramos fotografia à vontade [...].* (21.11.1937).

Os relatos de Senatore demonstram o quanto ele assumiu os atributos que representavam ganho para a expedição, o seu empenho em documentar o dia-a-dia do trabalho de campo, atestam o volume de atividades desenvolvidas e de material ali coletado

pela *Bandeira Anhangüera*, reunindo um acervo considerável e marcando uma experiência de viagem científica de uma expedição brasileira no território nacional, com um conjunto de dados recolhidos¹⁶⁴.



Índio Carajá, Ilha do Bananal, novembro de 1937. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres -MT.

¹⁶⁴ Grande parte do material que compõe o acervo e as coleções da *Bandeira Anahngüera* encontra-se na reserva técnica do MAE - Museu Antropológico e Etnográfico na Universidade de São Paulo - USP.



Índios Carajá, Ilha do Bananal, nov. 1937. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.



Aldeia Javaé, Ilha do Bananal, nov. 1937. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

Nos dias seguintes, subindo o rio Araguaia, conduzindo o material coletado em canoas empurradas pelos varejões e remos dos índios Carajá que auxiliavam na subida do rio, o Grupo Cultural e Científico recebe a notícia da morte de Hermano Ribeiro da Silva, ocorrida no dia 24 de novembro de 1937, no sítio do guia-prático da expedição Ângelo Severo.

A notícia do falecimento de Hermano causou, como era de se esperar, a mais profunda e sincera dor em Antonio Senatore e nos seus companheiros remanescente da expedição. Pelo texto do fotógrafo, constata-se que, mesmo diante da trágica notícia o Grupo Cultural e Científico da expedição, dá prosseguimento ao compromisso assumido com Hermano, batendo-se contra as águas do rio Araguaia e enfrentando o mau tempo em direção a Santa Leopoldina.

Senatore fazia o mesmo percurso que Hermano fizera em 1932, com a opinião de que o sucesso da expedição estava garantido, ao mesmo tempo, lamentando-se da morte daquele que, para ele, foi sempre exemplo de disciplina e bondade para com os seus companheiros. Ali estava o fotógrafo conduzindo o resultado dos trabalhos que o grupo realizou entre os *Carajá* e *Javaé*, através do qual agregou-se ao material coletado pela *Bandeira Anhagüera*, grande quantidade de material etnográfico e cinematográfico, conforme desejava Hermano.

Através dessa autêntica experiência, vimos que vários aspectos culturais, intimamente ligados, exerciam influência sobre Antonio Senatore, colocando-o em movimento. O homem que emerge de Antonio Senatore é uma invenção. Sendo este

homem impregnado da *aura mística* que a metrópole paulista constrói em torno dos seus “desbravadores”, provavelmente, logo estaria mergulhado em novos desafios: “Em Anápolis o trem finalmente nos levou de volta à nossa S. Paulo, depois de 5 meses de ausência”. (24.12.1937).



Ilha do Bananal, nov. 1937. Acervo Antonio Senatore – Museu Histórico de Cáceres-MT.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho resulta de uma leitura do diário e das imagens produzidas por Antonio Senatore no contexto de movimento de idéias que foram levadas a efeito pelos “redescobridores” do Brasil. Não há dúvida que entre as diversas questões levantadas no decorrer da leitura do material arquivado por Senatore e de outros documentos encontrados na própria investigação, algumas ficaram sem respostas.

Dentre os aspectos mais importantes que a pesquisa revelou, destaco a transformação em minha maneira de perceber o que fazer para escrever a história. É claro que é decorrente do choque que senti ao defrontar-me com os diferentes tipos de imagem que revelariam uma complexa rede de acontecimentos e onde a única atitude possível era a de me instrumentalizar para a leitura do material.

Antonio Senatore narrou os acontecimentos em italiano o que para mim, de saída, já colocava uma dificuldade de leitura, a questão do idioma mesmo. Para os tradutores, fundamentalmente, as dificuldades vieram de dois aspectos claramente distintos: primeiro, o documento deveria ser traduzido dentro do contexto histórico ali inserido e, depois, mesmo compreendendo que o autor fez sua composição em idioma italiano não se pode abrir mão de sentidos e significados que são de domínio dos sertanistas brasileiros. Assim, o trabalho de tradução do seu manuscrito exigiu um esforço de compreensão que permitisse perceber o toque inventivo na escrita do fotógrafo, cosmopolita, e que, de certa forma,

busca transpor para uma língua estrangeira o modo coloquial e regionalista da linguagem sertanista.

Temos consciência de que ainda não superamos todas as questões ligadas à tradução deste que se constituiu no mais importante suporte da pesquisa. Para tanto, prosseguimos trabalhando pela sua superação, conjuntamente com as professoras Loredana de Strauber Caparra e Alessandra Paola Caramori, ambas do Instituto de Língua Italiana da USP, com vistas à publicação do diário de Antonio Senatore numa edição brasileira, como também em edição italiana.

Com relação às imagens fotográficas, uma questão nos impôs certas limitações, o fotógrafo Senatore organizou o seu álbum de recordações com os “copiões”, ou seja, as provas das chapas produzidas. Por outro lado, o cuidado do fotógrafo em organizar as séries das provas fotográficas, a seqüência cronológica e aspectos convergentes, possibilitou a leitura e a interpretação da maior parte das imagens contidas no seu acervo.

Quanto às leituras das imagens, foram leituras mediadas pelos limites dos nossos conhecimentos e de acuidades de percepção, o que significa que não estão encerradas. E depois, porque estes limites envolvendo outros questionamentos estão em expansão e, como salientou Miriam Moreira Leite:

Talvez tenhamos que pensar na leitura da imagem como na transposição da música para a partitura. Os sinais criados para transmitir e ler a música estão longe (a não ser

*para alguns privilegiados) de reproduzir a beleza e a intensidade expressiva desse mistério impalpável*¹⁶⁵.

A *Bandeira Anhangüera* se inseriu em um conjunto de ações realizadas nas primeiras décadas do século passado e suas imagens projetadas tiveram uma multiplicidade de projeções e ainda refletem na invenção dessa região em Mato Grosso e, especialmente o Araguaia, através das iniciativas de reespacialização territorial, demonstrando que esta história ainda não terminou.

Novos estudos e abordagens nos ajudam a compreender, na atualidade, a espacialidade que a expedição percorreu. Todas as vezes que voltamos nossos olhares para o mapa de Mato Grosso e nos deparamos com as novas cidades, avaliamos, nessas imagens projetadas, o quanto a fotografia de Senatore cumpriu a sua “missão civilizadora” segundo o que se anunciava. Houve a incorporação dessas áreas ao modelo de produção capitalista e seu ideário de progresso e civilização. O artigo de Regina Beatriz Guimarães Neto elabora uma imagem atualizada dessas espacialidades que, por algum tempo, em circunstâncias históricas foram concebidas como os *sertões inexplorados*:

Todo este cenário das novas cidades, que se multiplicaram em Mato Grosso nas últimas décadas, sugere imagens que concentram tensões: a velocidade das novas edificações nos domínios de que tem a posse dos meios de produção, como retratos do

¹⁶⁵ Leite, Miriam Moreira. Retratos de Família. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 188.

*progresso, simultaneamente com as imagens constantes de homens e mulheres que caminham de uma cidade para outra, sempre em busca de dias melhores*¹⁶⁶.

¹⁶⁶ Guimarães Neto, Regina Beatriz. *Passos nômades: narrativas de espaço- construções das novas cidades e memória histórica – Mato Grosso*. Projeto Integrado de Pesquisa: “Movimentos populacionais, cidades e culturas no ambiente amazônico-MT”, Apoio CNPq. Programa de Pós-Graduação - Mestrado em História/UFMT.

Fontes e Bibliografia

FONTE MANUSCRITA

Diario di Antonio Senatore – Anno 1937 – 25-7 a 24-12. (Original Italiano). Museu Histórico de Cáceres-MT.

Diário de Antonio Senatore. *Bandeira Anhangüera* (25-7 a 24-12 de 1937). Tradução de Alessandra Paola Caramori.

FONTES IMPRESSAS

Anais da Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo – 1937/1938

JORNAL *O Estado de São Paulo*, edições de abril de 1937 a março de 1938.

DIÁRIO Oficial do Estado de São Paulo, número 131, edição de 15 de junho de 1937.

BAXTER, Michel. *Garimpeiros de Poxoréo: mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil*. Tradução e Prefácio à Ed. Portuguesa Benedito C. R, N. Rocha. Prefeitura de Poxoréo. Brasília, 1988.

BORGES, Durval Rosa. *Rio Araguaia corpo e alma*. São Paulo, IBRASA: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BRASILEIRO, Francisco. *Na Serra do Roncador: a vanguarda da Bandeira Anhangüera*; São Paulo. Cia. Editora Nacional, 1938.

CARVAJAL, ° P. *Relación del nuevo descubrimiento del famoso río Grande de las Amazonas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1955.

CORREA FILHO, Virgílio. *História de Mato Grosso*. Coleção Memórias Históricas. Vol.

4. Edição da Fundação Júlio Campos, Várzea Grande – MT. 1994.

DOLES, Dalísia Elisabeth Martins. *As comunicações fluviais pelo Tocantins e Araguaia no*

século XIX, prefácio de Nícia Vilela Luz. Goiânia, Editora Oriente, 1973. (Tese de Doutorado).

ESTADO DE MATO GROSSO. Secretaria de Cultura. Fundação Cultural de Mato Grosso.

Revista Monções. Ano 1 vol. 1. 1987

FERREIRA, Manoel Rodrigues. *Expedição aos martírios*. Publicação da Prefeitura do

Município de São Paulo. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura – Divisão do Arquivo Histórico.

FLORENCE, H. *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas: 1855 a 1829*. São Paulo, Ed.

Cultrix, 1997.

MELLO, Darcy S. Bandeira de. *Entre índios e revoluções*. (Pelos sertões de São Paulo,

Mato Grosso e Goiás de 1911 a 1941). São Paulo, Editora Soma, 1982.

Revista Brasileira de Geografia. Ano II, nº 2, abril / 1940

Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. 1937-1938

Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro, nº. ½, vol. 6, janeiro/dezembro de 1993.

SILVA, Hermano Ribeiro da. *Garimpos de Mato Grosso*. São Paulo, Editora Comercial,

1936.

_____ *Nos sertões do Araguaia*. São Paulo, Cultura Brasileira, 1935.

TAUNAY, Afonso de E. *Relatos monçoeiros*. São Paulo, Edusp, 1981.

BIBLIOGRAFIA

ABUD, Katia Maria, *A Construção das Fronteiras Brasileiras: uma tarefa de historiadores*. In: Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, FFLCH/USP, São Paulo, 1999, texto completo, pp. 379-388.

AMADO, Janaína. “Construindo mitos: a conquista do Oeste no Brasil e nos EUA”. In: BOUTIER, Jean e DOMINIQUE, Julia. (orgs). *Passados Recompostos: Campos e Canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ: Editora FGV, 1998.

ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1983.

_____. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopes. Rio de Janeiro, Livros Técnicos Científicos; São Paulo, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

CARDOSO, Ciro Flamarion. e MAUAD, Ana Maria. *História e Imagem: Os exemplos da fotografia e do cinema*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion. e VAINFAS, Ronaldo. (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro, Campus, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis/RJ, 1994.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural. Entre Práticas e Representações*. Lisboa, DIFEL, 1988.

_____. “O mundo como representação”. *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, . 11, vol. , 1991.

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo, Editora da UNESP, 1997.

- COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente: o pantanal entre os séculos XVI e XVIII.* São Paulo, Estação Liberdade/Cosmos, 1999.
- COSTA, Maria de Fátima e DIENER, Pablo. *Viajando nos bastidores: documentos de viagem da Expedição Langsdorff.* Cuiabá, EdUFMT, 1995.
- COSTA, Maria de Fátima et al. *O Brasil de Hoje no Espelho do século XIX – artistas alemães e brasileiros refazem a expedição Langsdorff.* São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- CUCHE, Denys. Tradução de Viviane Ribeiro. *A noção de cultura nas ciências sociais.* São Paulo, Edusc, 1999.
- CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil.* São Paulo, Fapespe/Cia das Letras, 1992.
- D'ALINCOURT, L *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá.* Belo Horizonte/Itatiaia, São Paulo/USP, 1975.
- DUBY, Georges. *A história continua.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed. Editora da UFRJ, 1993.
- DIEHL, Astor Antônio. *A Cultura Historiográfica Brasileira: do IHGB aos anos 1930.* Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- _____. *A Cultura Historiográfica Brasileira: década de 1930 aos anos 1970.* Passo Fundo-RS, 1999.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1994.
- FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: Historiografia e História.* São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. *Negócios e Ócios: História da imigração.* São Paulo, Cia. das Letras, 1997.

- FERRAZ, Iara. e MAMPIERE, Mariano. *Suiá-Missu: um mito refeito*. In: Carta: falas, reflexões, memórias. 1993-4 / nº 9 – Brasília – DF. p. 77. Informe de distribuição restrita do senador Darcy Ribeiro.
- GALETTI, Lylia da Silva Guedes. *Nos Confins da Civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso*. São Paulo, FFLCH/USP, 2000. (Tese de Doutorado).
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Ed. Rio de Janeiro, 1985.
- GIANNINI, Isabelle Vidal. *Os índios e suas relações com a natureza*. In: GRUPIONI, Luiz Donizete Benzi. *Índios no Brasil*. São Paulo, Global, 1998. pp. 145-152.
- GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- _____. *O queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.
- GIUCCI, Guilherme. *Viajantes do maravilhoso: O novo mundo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- GONDIM, Neide. *A invenção da Amazônia*. São Paulo, Marco Zero, 1994.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *A lenda do Ouro Verde*. Campinas, UNICAMP/IFCH, 1994. (Dissertação de Mestrado).
- _____. *Grupiaras e monchões - Garimpos e cidades na história do povoamento do Leste de Mato Grosso - primeira metade do século vinte*. Campinas, UNICAMP/IFCH, 1996. (Tese de Doutorado).
- HERDER, Johann G. *Une autre philophie de l'histoire*. Paris: Aubier-Montaigne, 1964.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: os motivos endêmicos no descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro, José Olympio Editores, 1959.

- _____. *Caminhos e fronteiras*. Rio de Janeiro, José Olympio & Prolivro, 1975.
- _____. *Monções*. São Paulo, Alfa Omega, 1976.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*., São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992.
- KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 1999.
- _____. *Fotografia e história*. São Paulo, Ática, 1989.
- LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval*. (trad.) Lisboa, Edições 70, 1983.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Negros e viajantes estrangeiros em Minas Gerais, século XIX*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da FFLCH/USP, São Paulo, mimeo, 1986.
- LEITE, Miriam Moreira. *Retratos de Família: Leitura da Fotografia Histórica*. São Paulo, Ed. da Unversidade de São Paulo, 1993.
- _____. *Memória – História*. Lisboa, Enciclopédia Einauldi, 1984.
- LENHARO, Alcir. *Crise e mudança na frente oeste de colonização*. Cuiabá, EdUFMT – Imprensa Universitária – PROEDI, 1982.
- _____. *Sacralização da política*. Campinas/SP, Papirus, 1986
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. (trad.). São Paulo, Ed. Nacional/EDUSP, 1970
- _____. *Tristes trópicos*. (trad.). Lisboa, Martins Fontes, 1955.
- LISBOA, Karen Macknow. *A nova Atlântica de Spix e Martius: natureza e civilização na viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, HUCITEC, 1997.

- LOPES DA SILVA, Maria Aracy de Pádua. *Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê*. São Paulo, FFLCH/USP, 1986.
- LOPES, Maria Margaret, *O Brasil descobre a pesquisa científica: Os museus e as ciências naturais no século XIX*, São Paulo, Huicitec, 1997.
- MACHADO, A. J. *Vida e morte do bandeirante*. São Paulo, Martins Ed., 1965.
- MACHADO, Maria Helena P. T. *O olhar imperial sobre a América*. In: Anais do XX Simpósio da Associação Nacional de História, 1999. texto completo, pp.437-451.
- MALDI, Denise. *De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígena* (séculos XVIII e XIX). In: Revista de Antropologia, DAFFLCH/SP, São Paulo, 1977, vol. 40, nº 2. pp. 183-221.
- MALINOWISK, Bronislaw Kasper. *Argonautos do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia*; traduções de Anton P. Carr e Lígia Aparecida Cardieri Mendonça. São Paulo, Abril Cultural, 1978.
- MARIMON, Beatriz Schwantes. *Estrutura, Composição Florística e Etnobotânica de Floresta Monodominante no Vale do Araguaia-Mato Grosso*. Dissertação defendida na Universidade de Brasília-DF. In: BATISTA, Elizabeth. e BARONA, Roberto. (orgs.). *Catálogo de teses e dissertações: 1988 a 1999* . Cáceres-MT. UNEMAT. 2000. p. 48-49. (Resumo).
- MEIRELES, D. M. (1989). *Guardiães da fronteira: Rio Guaporé, século XVIII*. Ed. Vozes, Rio de Janeiro.
- MELLO, Darcy Bandeira de. *Entre Índio e Revoluções: Pelos sertões de São Paulo, Mato Grosso e Goiás de 1911 a 1941*. São Paulo, SOMA, 1982.

- MONTEIRO, J. M. *Negros da terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MORENO, Arley R. *Wittgenstein: através das imagens*. Campinas, S. P. Editora da UNICAMP, 1995.
- OLIVEIRA JR., P.C. “Affonso d’E.Taunay” e a construção da memória bandeirante”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, nº 387, abr./jun. 1995, pp. 343-457.
- ORTIZ, Renato. *Cultura Popular: Românticos e Folcloristas*. TEXT 3 – Programa de Estudos de Pós-Graduação em Ciências Sociais. PUC/São Paulo. São Paulo, 1985.
- PANOFSKY, Erwin. *Estudos de iconologia – Temas humanísticos na arte do Renascimento*. Lisboa, Editorial Estampa, 1986.
- PETESCH, N. “A trilogia Karajá: sua posição intermediária no continuum Jê-Tupi”. In: *Amazônia: Etnologia e História Indígena*. São Paulo, NHII/USP FAPESP, 1993.
- PIMENTEL, Sidney Valadares e AMADO, Janaína (org.). *Passando dos limites. ??*
- PRADO Jr., Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1969.
- PRATT, Mary Louise. “Humboldt e a invenção da América”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, Vértice, vol. 4 n. 8, 1991.
- _____. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Trad. Jézio H. M. Gutierre. Bauru-SP: EDUSC, 1999.
- REVEL, Jacques(org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1998.
- ROCHA, Leandro Mendes. *O Estado e os índios: Goiás 1850-1889*. Goiânia, EdUFG, 1998.
- ROSA. Guimarães. *Grande Sertão, Veredas*. Rio de Janeiro, Liv. José Olímpio, 1974.

- ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido. A fundação de uma literatura nacional*. São Paulo, Siciliano, 1991.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: Cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo, Companhia da Letras, 1993
- SEREBURÃ... et al. *Wamrême Za'ra – Nossa palavra: Mito e história do povo Xavante / Tradução Paulo Supretaprã Xavante e Jurandir Siridiwê Xavante*. São Paulo, Editora SENAC, 1998.
- SILVA, Aracy Lopes da. *Dois Séculos e Meio de História Xavante*. In: CUNHA, Manuela Carneiro. *História dos Índios no Brasil*. São Paulo, Fapesp / Cia. das Letras, 1992.
- SILVEIRA, Sirlei. *O Brasil de Mário de Andrade*. Campo Grande-MS. Ed. UFMS, Fontes Novas. Ciências Humanas. 1999.
- SOUZA NEVES, Margarida. “*Da maloca do tietê ao império do mato virgem*”. In: CHALHOUB, S. e PEREIRA, L. ^a de M. (orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- SPIX, J. B. von, e MARTIUS, C. F. Ph von. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. (trad.). Belo Horizonte, Itatiaia, 1981.
- STEINEN, Karl Von Den. *Entre os Aborígenes do Brasil Central*. In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo; 1938, nº 49. pp. 161-188.
- SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural*. (trad.). São Paulo, Cia das Letras, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América - a questão do outro*. (trad.) São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- _____. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história..* Tradução de António José da Silva Moreira.

Lisboa – Portugal, Edições 70, 1971.

VÉSCIO, Eugênio Luiz e SANTOS, Pedro Brum. (orgs). *Literatura e História:*

perspectivas e convergências. Bauru/SP. Ed. EDUSC, 1999.

ARTIGOS

BURKE, Peter. *Culturas populares e culturas eruditas.* Revista Anais. s/d.

GALETTI, Lylia S. Guedes, *O poder das imagens: o lugar de Mato Grosso no mapa da civilização.* Texto apresentado na mesa redonda “Mato Grosso e a História”, no III Encontro Regional da ANPUH-MS. (Corumbá 23 a 25 de outubro de 1996).

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. *Memória e Imagens da conquista no movimento de reterritorialização da Amazônia – Mato Grosso,* texto apresentado no Projeto Integrado de Pesquisa “Movimentos populacionais, culturas e cidades na Amazônia mato-grossense”, Programa de Pós-graduação – Mestrado/Departamento de História da UFMT.

_____. *Passos Nômades: narrativas de espaço – construção das novas cidades e memória histórica – Mato Grosso.* Programa de Pós-graduação – Mestrado/Departamento de História da UFMT.

ANEXOS

BANDEIRA ANHANGUERA

Diario di Antonio Senatore – Anno 1937 – 25-7 a 24-12

(Transcrição Acir Fonseca Montecchi)

25 /26 luglio

Mancano pochi minuti alle 19 ed i componenti della “Bandeira Anhanguera” che dovranno inoltrarsi nelle regioni inesplorate del Matto Grosso, ricevono le ultime raccomandazioni e consigli dei parenti e amici, che vollero forse in un ultimo abbraccio incoraggiare e nello stesso tempo dare l’addio ai partenti. Il treno abbandona la metropoli paulista ed io noto sul volto dei miei compagni un senso di tristezza che cercano da dissimulare in una allegria forzata, ma man mano che le ore passano ritorna il buon umore e si parla del più e del meno, facendosi pronostici per le lunghe veglie che dovremo fare durante la penetrazione nell’interno del Brasile, nella zona dei “Chavantes” dove impera la barbaria dell’uomo primitivo. Campinas, Ribeirão Preto e finalmente Araguay, dove pernottiamo alcune ore.

27 luglio

Il viaggio si rende monotono, ma il panorama è bello, la regione è montagnosa e si attraversa il rio Parnalyba e il Rio Grande e si arriva nella ridente cittadina di Annapolis. (Durante il viaggio fra Araguary e Annapolis, due nostri compagni, l'ing. Octavio Nebias e il Dr. Arion Bueno de Oliveira, in una stazione intermediaria vanno fino alla capitale di Goyaz, Goyania, per risolvere col governatore Dr. Pedro Ludovico, il trasporto dei nostri bagagli da Annapolis a Leopoldina).

28/29 luglio

Dopo due giorni é arrivato l'ing Nebias che ci ha tranquillizzati, avendo il Dr. Pedro Ludovico provveduto per il nostro trasporto in due "camions". Di sera abbiamo udito, nella irradiazione nell'ora "Bandeirante", que Hermano e quattro rimanenti compagni che erano rimasti con lui in São Paulo, s'imbarcherebbero nel notturno per raggiungerci in Annapolis.

30 luglio

Oggi dopo aver scaricato il materiale, Glaser (il radio-telegrafista) ha approfittato per fare la sua prima esperienza ed hamo risposto alla sua chiamata la "radio patrolha di Sorocaba" e la città di Barretos, però dovuto ad una interferenza di un motore locale, non ha potuto ritrasmettere le nostre comunicazioni.

31 luglio

Abbiamo aspettato con ansietà i “camions” che il governo di Goyaz ha promesso e finalmente verso le 4 pomeridiane sono arrivati e con essi il Dr. Arion. Di sera arrivano anche Hermano e compagni che ci danno notizie delle nostre famiglie. Oyanna Rondon sta alquanto febbricitante, ma speriamo che non sia nulla.

1 agosto

Prima di spuntar l'alba siamo tutti in piedi, pronti per imbarcarci nei “camions”. Hermano, Feltem, Garbi e altri fra i quali Rondon ancora malato rimangono e partiranno fra un paio di giorni. Il viaggio fra Annapolis e la nuova capitale Goyania é stato senza incidenti, tutti ben disposti e benché male accomodati, dovuto che i “camions” sono superlotati é stato molto attrattivo. Qualche “sirijerma” fugge spaurita nella strada (o per meglio dire progetto di strada). Dopo l' “almoço” in Goyania dove la futura capitale ha un hotel magnifico, si prosegue il viaggio per “Goyaz” la vecchia capitale, passando per São Gonçalo. L'aspetto della vecchia capitale si trova in decadenza, dovuto che buona parte della popolazione emigra per Goyania, le strade e i vicoli sono strette e tortuose e famoso è il monumento eretto al celebre Anhanguera. Quasi ai piedi del monumento scorre il celebre rio Vermelho, dove l'Anhanguera fece il miracolo agli occhi degli indi infuriati, incendiando in una “cuia” dello spirito, ma facendo credere agli indi che lui incendiava l'acqua.

2 agosto

Il paesaggio, alquanto monotono fra Annapolis e Goyaz, si rende fra Goyaz e Leopoldina interessante, il panorama ricorda in alcuni punti la “Serra di Santos”, la fauna diventa più ricca, i “burity” danno un aspetto allegre alla regione e noi tutti ben disposti e ansiosi di arivare a Leopoldina. Alle otto di sera facciamo la nostra entrata in Leopoldina, dopo circa 48 ore di continui sbalzi fra le future strade di Goyaz.

3 agosto

Siamo tutti affacendati caricando i bagagli in una “plancha” approdata sulle rive del lendario Araguaya. La discesa del rio Araguaya la facciamo con l’aiuto di un piccolo motore Jonhoson di 3 cavalli. Come pratici abbiamo 2 indi Carajás, siamo però coslretti una infinità di volte a scendere in acqua per disincagliare la “plancha” dovuto ai continui “baxios”. In questi mesi l’Araguaya ha poca acqua e la sua larghezza é più o meno di 600 metri, di sera accampiamo in una spiaggia e dopo il “churrasco” (pieno di rena) ci addormentiamo avendo per soffitto il più bello che la natura può dare, lo scintillio delle stelle.

4 agosto

Di movo nella incomoda plancha riprendiano il viaggio, sui margini qualche fugare jacaré ci spia, vediano sulle spiagge un bando di “roseo colhereiro” e la passione di cacciatori si risveglia in continui tiri che vanno la maggior parte perduti. Qualche jaburú e i

jacú ciganos, coi loro gridi estridenti e rauchi, s'altermano a pochi e rari marrecos e patos; un macaco pauroso si nasconde precipitadamente nel più folto del fogliame. (forse già conosce i suoi lontani parenti). Di sera arriviamo alla "Barranca Nova", dove é l'accampamento n° 0 della Bandeira Anhanguera. Barranca Nova sta situata nella sponda sinistra dell' Araguaya in territorio Matto-Grossense a circa 24 leghe da Leopoldina.

5/6 agosto

Scaricato tutto il materiale, tutti si affaccendano nel preparare "as bloacas" e i cassoni propri per caricarli sui muli e cavalli. S'incomincia a cacciare e a pescare e tutti provano la sensazione di una intromissione nel regno della selvaggina. La carne di "pacca" uccisa da Baccaro é stata veramente eccellente. Fabiano incomincia con le sue, ha avuto un incontro con una onça sussuarana, la quale benché ferita si é dileguata, la carne di veado é stata anche ben accetta da tutti; ma "as motucas" e i mosquitos incominciano a dar noia alla maggior parte dei bandeirantes.

7/8/9 agosto

Si lavora sempre nell'accomodare il materiale nelle rispettive casse e arrivano anche alcuni compagni che erano rimasti in Leopoldina, così si prendono le prime decisioni per la prossima penetrazione. Si distribuiscono gl'incarichi e a me mi hanno incaricato della chafia dei rifornimenti e dirigere il servizio di cucina.

10/11/12/13/14 agosto

Stiamo ancora fermi in preparativi che mai finiscono e un bellissimo esemplare di urubú-rei è stato ucciso, ma per negligenza del taxidermista Garbe è andato perduto, una preguiça ha arricchito il nostro materiale.

15/16/17/18 agosto

Finalmente sono arrivati i muli e i cavalli composti in un totale di 32 animali ed è stato contrattato un caboclo di qui, un tale Angelo Severo, molto pratico e che ci accompagnerà. Sono andato insieme a l'operatore cinematografico, Feltem, e a 2 carajás, Terebrê e Torobari, alla pesca del pirarucú per poterlo filmare. Questo pesce raggiunge la lunghezza di 2 metri e anche più. La sua carne è molto apprezzata e gli indi carajás ne fanno una grande strage tutti gli anni. In una canoa o ubá, come qui la chiamano, abbiamo disceso l'Araguaya una quindicina di km e per un braccio del fiume siamo entrati in una baia. I Carajas sono molto pratici in questa caccia e con la pratica che hanno la si rende facile, ciò che per noi si renderebbe difficile. In una piccola ubá si collocano uno a poppa e l'altro a prua in piedi con un arpione e quando avvistano il pirarucú per la scia che l'animale lascia a fior d'acqua, lo seguono e quando lo vedono a fior d'acqua, con una manovra rapidissima, lo fìsgano. Però questa volta non è stato possibile cacciarlo, perché con tutta la perizia dei Carajás, per un difetto all'arpione fallì la fìsgata. Per questa volta il film non è stato possibile e al ritorno ci siamo vendicati tirando su un enorme jacaré che si divertiva al tiro delle nostre armi, ma che però è rimasto morto.

19 agosto

Alle otto s'inizia la marcia in gruppi di 7 a 8 uomini tirando per la briglia cadauno il suo "cargueiro". Il primo gruppo con la guida, e i rimamenti seguiranno le orme, "rastros", dei primi; dopo circa 6 km sotto un sole causticante, viene al nostro incontro uno dei nostri, "peão" camarada, e ci dice che l'ing Nebias e il pratico Angelo hanno sbagliato strada e c'incammina in una nuova direzione. Con santa pazienza ritorniamo sui nostri passi circa 3 km. Ci accorgiamo di esserci completamente dislocati e senza poter prendere una direzione esatta, i muli sono sfiniti e più di una volta durante il cammino, siamo stati costretti a scaricarli, perché si buttano a terra e ci vuole una buona dose di pazienza e legnate per farli rialzare. Io sto insieme a Oscar e Acreano e dovuto al caldo asfissiante beviano l'ultimo sorso d'acqua che poco mancava per bollire. Abbiamo la gola arsa e siamo decisi a pernottare, credo che abbiamo camminato una quarantina di km senza direzione alcuna. Scarichiamo gli animali e Oscar monta a cavallo a perlustrare i dintorni e per trovare un po' d'acqua, ma dopo circa mezz'ora ritorna più sconsolato che mai, perché d'acqua neppure l'ombra. Prendere un cavallo e montarci sopra e con un "balde" vado anch'io in procura di acqua in un'altra direzione, ma l'animale sfinito cade, allora dopo averlo legato continuo a piedi, procuro da tutte le parti ma di acqua niente; un veado dietro un cespuglio ad una quindicina di metri se ne scappa frettoloso; avrei potuto tirargli, ma lo lasciai andare, procuravo acqua e nulla più; ma per mia sfortuna doveti ritornare sui miei passi deluso e confessare ai miei due compagui che dovevamo aver pazienza, perché con tutta certezza ci avrebbero procurati.

Di sera udimmo un tiro in lontananza, a che noi rispondemmo e così la guida finalmente ci trova e ci riporta al nuovo accampamento. Per principiare non c'è male, perché tutti più o meno hanno perduto la vera direzione.

20 agosto

La marcia di oggi è stata fatta con più regolarità ed eccettuando l'immane caduta degli animali, tutto è andato bene, il terreno questa volta a dire del pratico è percorso nelle sue (loro) scorrerie dagli "Chavantes", perciò raccomandò la marcia in congiunto, il giorno prima già avevamo avvistato del fumo in lontananza e ciò indicava che gli indi si trovavano in quei paraggi. Durante la marcia incontrammo le prime orme di Chavantes, però notammo che vi erano anche orme piccole, cioè di bambini e questo ci tranquillizzò, perché non ci avrebbero attaccato. La marcia si rende cauta e tutti guardano con diffidenza i vari "caporés" isolati che si alternano nell'immensa pianura. Io, Feltem e altri due compagni rimanemmo isolati o per meglio dire "atrazados" di circa 1000 metri, dovuto a una mula che si era maltrattata e camminavamo guardinghi con l'arma sempre pronta, perché 4 uomini erano ben poca cosa, se gli Chavantes ci assalivano. Fra un "caporé" e un altro avistammo un "Chavantes" che quasi strisciava sull'erba, avevamo l'impressione che si stavano preparando per attaccarci in qualche luogo a loro favorevole, ma per nostra fortuna, sebbene sempre seguiti, arrivammo nelle sponde del rio Cristallino, dove i compagni ci aspettavano ansiosi. Questo fiume onora il nome di battesimo, perché le sue acque sono limpide e anche nei punti più fondi, si scorge il suo letto; la sua nascente è al di sopra del "Registro" e la sua foce è nel rio Araguaya, a metà cammino fra Leopoldina e l'isola di Bananal. Nelle sue rive vi sono vari laghetti, che sembrano veri gioielli acquatici,

mano d'uomo mai potrebbe raggiungere la perfezione di questi scenari, sembra di vedere un conto di "fadas".

21/22 agosto

L'accampamento è situato sulla spiaggia del rio Cristallino e qui il menu si arricchisce di carne di caccia: porco do matto, cervi, jacutinga e pesce, specialmente "pirarara". Di notte la guardia é raddoppiata e tutti dormono con le armi sempre pronte, perché si odono nel fitto della boscaglia dei gridi di animali e fischi di uccelli, che sebbene molto ben imitati, sappiamo che sono prodotti da Chavantes che cercano in questo modo di attrarre qualche cacciatore feroso e poi ucciderlo a colpi di "borduna". (borduna è un bastone grossolano, che i Chavantes tirano dalle radici di certi alberi (p.es. aroeira – angico), che sono molto resistenti e pesanti e basta un solo colpo per spezzare la spina dorsale a qualsiasi mortale). Noi però si frena l'impeto di qualche cacciatore inesperto e si raccomanda la massima cautela per solo così evitare azioni sempre funeste.

23 agosto

Due nostri compagni, il Tte. V. Malet e il garimpeiro João Bahiano, allontanatisi alquanto, sono stati quasi accerchiati e se non avessero posseduto armi e cavalli, forse non sarebbero vivi. Abbiamo fatto una "tappagem" nel rio e così il pesce si è preso a volontà, specialmente "corinbata" o pappa-terra. (Questi pesci vivono quasi sempre nel fondo del fiume e non abboccano all'amo, di maniera che solo con reti o altro congegno per poterli prendere; però hanno un gusto alquanto terroso e non sono molto accetti al palato.

24 agosto

La giornata è stata funestata da un incidente fra Ortiz e altri compagni, ma per fortuna tutto è andato bene; incidenti come questo sono deplorabili, specialmente in una spedizione dove tutti debbono essere uniti per tornarsi forti davanti al pericolo.

25 agosto

L'incarico dei "mantimentos" ero io, però per l'incompetenza di Francisco Brasileiro in tale assunto siamo rimasti con poche vivande e cioè farina di mandioca, zucchero e sale (Francisco Brasileiro è sub-chefe della spedizione e come tale, invece di migliorare il vettovagliamento, cercava di ridurlo a zero, più tardi ho compreso il suo scopo, ma al momento non lo potero capire un tale procedimento. Avrà egli ragione? È stato per me sempre un mistero). Di caffè non ne abbiamo più, ma per fortuna m'ero provvisto di molto fumo e così mi consolavo. La situazione degli spedizionari non è molto buona, gli animi sono acerbati, perché si formano due correnti contrarie, l'una capeggiata da Francisco Brasileiro e l'altra dalla maggioranza per gli abusi continui che si praticano per il buon esito della spedizione (e da notare che Hermano non si trova fra noi, ma ancora nel porto Anhanguera sul rio Araguaya). Il mangiare scarseggia, il malcontento è generale e tutti cercano, aiutandosi chi con "jatoba", chi con "palmitos", di rifocillarsi alla meglio. La "picada" che Francisco Brasileiro ha fatto aprire dall'altro lato del Cristallino, lunga circa 3 km per raggiungere i campi, finalmente è ultimata ed è stato incontrato un accampamento abbandonato di Chavantes. Questa "rancharia" si compone di 23 "palhoças" molto rudimentali, che gli indi costruiscono per uso temporaneo, alcune ceste e varie pelli

sono state raccolte e al ritorno all'accampamento hanno ucciso un veado e benché siano ormai tutti stufi di mangiare questa carne, pure è stata gradita. Oyama Rondon e Hugo Borgognoni hanno i piedi infiammati ed anche io mi sono bruciato la pianta del piede e mi tocca zoppicare. Francisco Brasileiro sta malato e risolve di far ritornare 3 dei nostri compagni, Romero, Baccaro e Paulo, accompagnati da due pratici al porto Anhanguera e di lì in S. Paulo. Ho approvato anch'io questa risoluzione, obiettando solamente per S. Paulo, perché si trovano in uno stato di fiacchezza deplorabile e il continuare sarebbe stato peggio. Verso le 6 pomeridiane giungono trafelati Vaz de Mello e Teodomiro Gomes da Silva che erano andati in cerca di selvaggina, e al grido di Chavantes vengono dietro rincorrendoli, mettono a soqquadro l'accampamento e tutti corrono precipitati alle armi e formasi immediatamente un cerchio difensivo e in pari tempo una decina di uomini vanno in esplorazione, ma gli Chavantes, fatti coraggiosi con solo due uomini, ebbero paura e fuggirono internandosi nella macchia.

26 agosto

Durante la notte la guardia è stata rinforzata e i cani davano continui allarmi, però niente è successo, i cacciatori più non si arrischiano come una volta e la caccia è sempre più scarsa e di conseguenza il mangiare sempre più ristretto. Sembra che anche i pesci siano spariti e non ci resta che prendere la famosa "jacuba" di mattina e di sera. João Martins però di sera ci regala due belli mutuns che sebbene per 30 persone sono poca cosa, così stesso danno un po' di allegria all'accampamento. Durante la notte nella mia ora di guardia udii uno scricchiolio di rami spezzati dall'altro lato del fiume e per quanto aprissi gli occhi non potei vedere gli Chavantes che certamente ci stavano spionando.

27 agosto

Di mattina arrivano tre nostri cacciatori che passarono la notte in un “barreiro”, e al ritorno s’imbattono in 4 Chavantes che si diedero a fuga precipitosa nel vederli, abbandonando alcune pelli di veado e il borduna che i nostri raccolsero ed ebbero la felicità di uccidere un veado.

28 agosto

Oggi siamo stati più fortunati perché un veado galheiro, 1 porco do matto e 2 pirarara, 1 pintado e 2 jaó hanno arricchito la dispensa e lo stomaco si è allargato alquanto, e per quest’oggi l’abbiamo passata benone. Durante la notte un odore nauseante ci offende le narici ed è dovuto a un grosso jacaré ucciso da parecchi giorni ed ora si decompone. Francisco Braziliano a consiglio del Dr. Arion Bueno di Oliveira, risolve cambiare di accampamento e una prima turma di 15 uomini si avvia avanti e dopo una quindicina di minuti si appresta la seconda, quando improvvisamente 6 compagui risolvono abbandonare la spedizione. A nulla valse volerli convincere, erano fermamente decisi e dopo un breve comunicato si separarono, ritornando all’Araguaya. Waldemar Malet, Tte. Vaz de Mello, Hadin, Simonini Francisco, Claudomiro e il fratello di Malet; con questi son 10 persone che perde la spedizione, 6 per abbandono, 3 rimandati e 1 espulso. Il piede mi duole ancora per la buciatura e devo aspettare insieme a Francisco Brasileiro che ci portano gli animali. Si fa notte e noi 2 soli in terreno di Chavantes, la situazione non è bella, ma bisogna sottostare al momento e per di più un’orticaria mi dà una noia e un prurito seccante. Verso le 8 di

sera, odo alcuni gridi e già facevo il mio piano di difesa e di fuga, perché questa è stata per me una delle peggiori notti; finalmente verso le 12 arrivano gli animali da sella e più due compagni. Ora siamo in 4 ed è più facile la difesa, così stesso passammo la notte sempre svegli e pronti a tutto.

28 agosto

Inselliano é cavalli ed eccoci in cammino per raggiungere i compagni, il cavallo che monto però ha solo il nome, perché è un ammasso di pelle e ossa e parecchie volte mi cade nel cammino, alla men peggio si arriva all'accampamento n° 5 vicino ad una "lagoa" quasi secca e per bere acqua facciamo una "cacimba".

29/30/31 agosto, 1/2 settembre

Aspettiamo sempre Hermano, la caccia qui se non è abbondante è almeno variata, perché patos e marrecos, saracura e jaó sono in abbondanza. Io, Felten e Bilchens accampiano alquanto in disparte per procurarci una maggiore ombra, ma nella notte del 30, il cane ci avvisò che qualcuno si avvicinava di nascosto, di fatti dal folto del fogliame vedemmo correre delle ombre; prendere le armi e tirare nell'oscurità fu l'affare di secondi e così ci accorgemmo che il rimanere separati era molto pericoloso e se non fosse stato il cane, ci avrebbero accoppiati a "borduna". Ben sappiamo che ci seguono e ci vigilano i movimenti, ma alle volte si facilita, però risolvemmo riunirci all'accampamento generale, dove il pericolo era minore.

3.settembre

Oggi è arrivato Angelo e ci dà la lieta notizia che Hermano, Piza, Penteado e Junqueira erano arrivati al rio Cristallino e che già si trovavano in marcia per raggiungerci in questo accampamento denominato “Lagoa do morro”. Verso le 4 pomeridiane arrivano accolti festosamente, anche per il fatto che tutti erano stanchi di sopportare Ortiz e con la venuta del capo della spedizione, molti mali si sarebbero spianati.

4 settembre

Hermano decise di escludere Ortiz e Oyama Rondon dalla spedizione notificando questa sua risoluzione a Francisco Brasileiro, il quale non voleva a nessun costo disfarsi di questi due elementi. Però la decisione era stata presa quasi ad unanimità di voti e fu giocoforza mantenere la parola. Dopo le solite fanfaronate minacciando mezzo mondo, si allontanarono per il ritorno, però di sera Ortiz venne a piagnucolare ma a nulla valsero i suoi lamenti.

5 settembre

Tutti sono più disposti, si nota un benessere che prima non esisteva e qui Chico insieme ad Angelo, Nobre e Silvio devono fare un'ispezione fino al rio das Mortes. Hermano nel frattempo organizzò un'altra volta i singoli servizi di cadauno.

6/7 settembre

Festeggiamo il giorno dell'indipendenza del Brasile, inalberando le bandiere brasiliana e paulista. Il riso, fagioli e farina che Hermano ha portato hanno migliorato il mangiare per alcuni giorni. Francisco Brasileiro di ritorno dal rio das Mortes, ci dice che gli Chavantes hanno attraversato il fiume e forse si dirigono nelle loro terre.

8 settembre

Il Dr. Arion, medico della spedizione, consiglia il cambiamento di accampamento, perché l'acqua della "lagôa", dovuto alle continue bagnature di cavalli, emana un odore poco piacevole e di fatti a circa 6 km s'incontra un luogo adatto.

9 settembre

Il corpo mi duole tutto, forse sarà per l'eccessiva umidità e risolvo purgarmi e rafforzare la dose di chinino; in tre scaglioni raggiungiamo il nuovo accampamento denominato "Ponta da Serra Azul", dove l'acqua è migliore e vi è più ombra.

10 settembre

Parecchi animali sono sfiniti e alcuni con "pisaduras" e si risolve che Chicão con 10 uomini e 16 animali dei migliori vanno fino al rio das Mortes; nel frattempo gli animali maltrattati potranno riposarsi per alcuni giorni.

11 settembre

Siamo rimasti in questo accampamento in 16 uomini e si sta a volontà, sicuri che non vi sia pericolo; di sera ricevo con soddisfazione notizie per intermedio della radio dei miei parenti, in questa solitudine è un gran conforto e così la maggioranza dei miei compagni ricevono notizie dei loro cari. Mentre tutti si stava attorno al radiotelegrafista, io vedo dei fuochi nel pendio di una collina a circa 6 km. Avviso Hermano e tutti concordano che solo Chavantes potevano essere, la vigilanza si torna attiva, promettendoci per l'indomani una ricognizione. Il mio servizio mi obbliga alle volte ad una energia esagerata, ma se faccio delle particolarità sarebbe un guaio peggiore, perciò a cominciare da Hermano tratto tutti nello stesso piede di eguaglianza.

12 settembre

L'ispezione alla collina è stata rimandata al domani, la giornata trascorre senza novità e per la prima volta monto la guardia; Hermano mi aveva escluso da questo servizio, ma siccome le condizioni del vecchio Garbi non sono buone, prendo io il suo posto.

13/14/15 settembre

Questi giorni furono dedicati a esplorare la Serra Azul e raccogliere vegetali e uccelli per il museo di São Paulo, di Chavantes nessuna novità, forse sono andati via.

16 settembre

Siamo di nuovo in marcia per raggiungere il Rio Preto, son circa 18 km. È stata penosa per me questa marcia, un po' il caldo e un po' la bestia che sarà caduta una cinquantina di volte, mi hanno spossato le forze.

17 settembre

Altri 18 km e accampiamo in una radura, che denomino, "Pouso do veado catingueiro". La canicola era asfissiante e si dovette aprire una "cacimba" di parecchi metri, prima di poter bere un po' d'acqua. Per pranzo "churrasco" di veado catingueiro, ci vuole uno stomaco di ferro per poter ingoiare simile carne, perché "catinga" da 100 metri di distanza; ma non vi era altro e fu giocoforza ingoiare simile carne.

18 settembre

Di nuovo in marcia, sotto un sole causticante, non spira il più lieve vento, la natura sembra morta, per mia disgrazia ho perduto il "cantil" e mi tocca a marciare con la gola arsa per circa 30 km. Questa marcia è stata per me la più ingrata, è vero che tutti soffrivano la sete, ma la maggioranza aveva bevuto cadauno il suo "cantil" di acqua ma io avevo solo appena provato un po' d'acqua che Acreano mi diede. Ad un certo punto mi sembrò di vedere a un centinaio di metri dell'acqua cristallina, ma era semplice miraggio, le gambe andavano avanti come un automata, incespicando continuamente e quando finalmente arrivammo al rio das Mortes, mi tuffai in acqua bell'e vestito perché la sete aveva raggiunto

l'estremo di pazienza. Questo fiume che porta un nome così tetro, è in realtà un bel fiume, la sua larghezza in questo punto raggiunge i 500 metri, le sue sponde hanno una vegetazione rigogliosa e ciò promette maggior caccia di uccelli e animali, il pesce anche qui sembra più facile a farsi prendere, e, se non fosse la mancanza dei fagioli, riso e farina, non ci potremmo lagnare. Ora però comincia la parte più pericolosa, perché si entra nei territori occupati dagli "Chavantes" (o, per meglio dire, la terra che loro giudicano impenetrabile), uomo civilizzato giammai penetrò in questi luoghi e anche a noi completamente sconosciuti; la penetrazione nelle nostre condizioni era pericolosa, allora si decise che Chicão, Freitas, Nobre e Angelo sarebbero ritornati fino al sitio di Angelo vicino all'Araguaya in procura di nuove provviste. Aspettando che i compagni ritornano, Hermano procura un guado per gli animali e un passaggio migliore nella foresta. Un incidente quasi fatale successe al nostro amico João Bahiano, João Martins nel pulire un'arma fa partire un colpo e lo ferisce al gomito con penetrazione e uscita della palla nell'avambraccio. Per fortuna il soccorso medico immediato ha rianimato il ferito. Abbiamo anche verificato che gli Chavantes hanno traversato il rio a circa 30 km più in basso, l'epoca della postura delle uova di "caracajas" e tartarughe è propizia, perciò io e più 2 compagni risolveremo procacciarcene un poco. Risalito il fiume per una decina di km, abbiamo scovato in una spiaggia un 350 uova in tre nidi di "caracajas", abbiamo incontrato anche una "onça pintada", ma si è nascosta rapidamente ai nostri sguardi, un mutum ha arricchito le provviste. La giornata non è stata perduta e con il nostro arrivo sono rimasti tutti contenti. Sono passati circa 15 giorni e finalmente le nostre provviste arrivano con i portatori. Hermano fa una divisione equa della farina, di rapadura, e uova e procuriamo un guado migliore, che è incontrato a un 15 km più in basso.

8 ottobre

Abbiamo ripreso la marcia al nord nel nuovo passaggio, il fiume qui raggiunge i 400 metri di larghezza.

9 ottobre

Siamo costretti a ridurre la marcia al minimo, uno dei nostri animali è sparito, con questo son già 2 animali da carico e 3 cani che spariscono, la “borduna” o le frecce dei Chavantes li hanno uccisi. Con lavoro inaudito traversiamo i cavalli e il carico ridotto ai minimi termini, ma una nuova delusione ci aspettava, altri 4 cavalli spariti; allora rimangono 5 uomini per rintracciare gli animali e Hermano e 20 uomini iniziano la penetrazione in suolo vergine. Cosa ci riserva il futuro? Secondo le indicazioni della vanguardia si avvistarono delle montagne in lontananza. La vegetazione qui è più ricca e dopo aver camminato per circa 6 km nella foresta vergine, usciamo nei campi, dove l'erba ancora risente “as queimadas” degli indi. Accampiamo dopo circa 12 km in un capon (capão) che denominiamo “capon bonito”; siamo costretti ad aprire una cacimba di 2 e mezzo per poter bere un po' d'acqua, oggi non si è ucciso nessun animale, eppure mi sembrava che ci potesse essere più ricchezza in selvaggina. Cadauno di noi ha ricevuto nella divisione dei mantimentos nel rio das Mortes 4 litri di farina e 1 rapadura, il calcolo è per 30 giorni.

10/11 ottobre

Tutti pronti, ma altri 4 cavalli mancano, forse non hanno voglia di conoscere gli Chavantes e hanno ripreso il cammino inverso; ma Hermano per non ritardare la marcia manda in avanti 11 “cargueiros” fra i quali il mio. Siamo in pochi e per me, per colmo di disgrazia, il moschetto non funziona regolare, questa è una bella seccatura, andare in bocca al lupo. Dopo una decina di km facciamo “pouso” in un altro “capon”; mentre scrivo questi righe sotto al mosquiteiro, perché i borrachudos d’altra forma non danno pace, i miei compagni stanno perfurando una “cacimba” e hanno raggiunto i 3 e mezzo e acqua ancora niente.

12 ottobre

La “cacimba” ci deluse ieri completamente, di sera tutti erano assetati e nessuno poteva coricarsi con la gola arsa, ma per nostra fortuna, il cielo si rannuvolò e venne giù un acquazzone benefico, la lona fu subito distesa e sebbene l’acqua aveva un gusto squisito, così stesso non gli davamo il tempo di riempirsi. Bisognava però dell’acqua per i cavalli e fummo costretti ad arrivare alla profondità di 5 metri e così finalmente si raccolse un po’ d’acqua. João Marius m’invitò a procurare i caju silvestri e difatti in questa zona ve n’erano a volontà. Ne mangiai a volontà e al ritorno, tutti i nostri compagni si misero alla ricerca di questa frutta. La caccia è sparita, i cacciatori incaricati della procura ritornano sempre a mani vuote e la riserva diminuisce a vista d’occhi; per fortuna s’incontra del buon miele che, benché tirato con molta difficoltà, perché le api non sogliono essere molestate, così

stesso il risultato paga il servizio. Terribilmente dolorosa è la punzecchiatura, ma il miele oltre ad essere delizioso ci ritempra le forze.

13 ottobre

Fabio Fabiano Alves (sabe tudo e afinal não sabe nada) è stato morsicato da un serpente velenoso e se non fosse stata l'iniezione anti-ofidica, se ne sarebbe andato. Verso le 6 pomeridiane arriva Hermano ch'era rimasto nel pouso antecedente e ci porta la lieta notizia che un missionario si aggrega alla spedizione. Questo missionario, Padre José Nunes risaliva insieme a padre Chovelon il rio das Mortes e per accaso incontraronsi con Chicão e gli altri che procuravano gli animali smarriti sulle rive del fiume e allora per abnegazione si offrì di accompagnarci, sendo sempre bene accetti coloro che, con la parola e con la fede, portano la luce in queste foreste.

14 ottobre

Arriva Padre Nunes e un tale José suo aiutante, li accompagna il Maranhense. Padre Nunes è piacevole e si vede l'uomo affetto alle rudi giornate del sertão e ci regalò 2 kg di aveia e circa 200 uova di tartaruga. Il mangiare è migliorato perché per il pranzo misturiamo mezzo chilo di aveia e 4 litri di farina di mandioca che colmano un poco il vuoto dello stomaco. Sono andato com Martins e sebbene i famosi cajú rasteiros non fossero abbondanti come la prima volta, ci soddisfecero la procura. Candido uccise un gavião e salito sull'albero per ritirare l'uccello impigliatosi fra i rami, incontra nel suo nido un uovo, che placidamente se lo cucina e mangia.

15/16 ottobre

Dopo la solita procura di animali smarriti ci rimettiamo in marcia, questa volta ho due cargueiros e 1 animale “escoteiro” perché molto maltrattato e di conseguenza il mio lavoro raddoppia e dopo 12 km arriviamo in un terreno acquitrinoso che denomino pouso dos Burity, per l’abbondanza di questi alberi.

17 ottobre

Padre Nunes celebra la prima messa in questi paraggi, ma disgraziatamente per il lungo vegliare, non mi accorsi dei preparativi e mi svegliai dopo ultimato l’ufficio religioso. A 3 km dell’accampamento è stata incontrata una “aldeia” provvisoria di Chavantes e che di recente era stata abbandonata: questi selvaggi ci seguono sempre, ma sono invisibili. Il terreno è collinoso e cioè indica che ci avviciniamo alla formosa serra do Roncador; in una esplorazione di Nebias non si poté incontrare un passaggio, dovuto all’impenetrabilità di una immensa foresta e domani si cercherà, cambiando un po’ la rotta, d’incontrare un nuovo passaggio. È arrivato anche René Nobre ch’era rimasto al rio das Mortes e ci disse che la mula (Paulina) non è stata rintracciata, un’altra vittima degli Chavantes che cercano così d’indebolire la spedizione.

18 ottobre

Tre uomini partono per esplorare il nuovo passaggio attraverso la serra, nell’accampamento la situazione dei viveri è critica, ormai tutto è finito, pochi litri di farina

di mandioca per 30 uomini e sono costretto a diminuire la razione a “3 canecos” facendo un “pirão” con carne di veado. La mia situazione è imbarazzante perché Hermano mi ha incaricato delle divisioni e io noto in tutti i volti un’angustia nell’ora della refezione, perché 3 canecos di farina e 1 veado al giorno solo servono per ingannare lo stomaco. Fortunatamente tutti comprendono che il richiedere un di più è impossibile e si conformano alla situazione; il fondo del caldeirão ha sempre dei pretendenti e accontento un po’ tutti, un poco per volta tutti i giorni, tutti mendicano un “choro” che non è sempre possibile dare.

19 ottobre

Hermano vedendo che il mio lavoro esige molta calma e pazienza, mi dà Acreano, affinché costui conduca il mio “cargueiro” e così posso camminare più speditamente e senza impaccio nelle prossime marcie; dopo circa 9 km sostiamo in riva a un ruscello, dove facciamo un caffè aguado, addolcito con miele, tirato con molto sacrificio in quel punto e si raccolgono alcuni palmitos (guariroba). Dopo un breve riposo riprendiamo la marcia e accampiamo sulle sponde di un altro ruscello a circa 9 km dal primo. Si scaricano gli animali e si appronta l’accampamento, ma improvvisamente si vede del fumo alzarsi in più parti alla distanza di 2 km più o meno, Piza salito su un albero verifica che il fuoco si estende per le immense piaciure al nostro incontro e in lontananza vede delle montagne della forma di un jacaré. Mentre si prendono i provvedimenti per un contrafuoco o “acero” e si manda un gruppo in esplorazione, una pioggia inaspettata e torrenziale smorza il fuoco che gli Chavantes avevano con tanta fiducia cercato di prenderci o impedire la nostra penetrazione.

20 ottobre

Diamo un po' di riposo agli animali e un gruppo va in avanti ad esplorare il terreno, la caccia si fa viepiù difficile e ci alimentiamo con palmitos.

21/22/23 ottobre

Tre (burros) ci fanno perdere inutilmente 3 giorni in questo accampamento, perché erano introvabili, il mangiare é un caso serio, si divide un veado per due giorni, uno struzzo (ema) è andato a finire nel caldeirão e i palmitos dei dintorni sono ormani spogli e ci focca mangiare dei palmitos amari cone il fiele, ma dobbiamo ringraziare Iddio che ancora qualche cosa si trova; sono molto dimagrito e così tutti i compagni, alcuni sono ridotti che mi sembrano scheletri. Nebias venne a piaguncolare che le forze gli vengono meno e che non ha il coraggio di continuare, cerco di confortalo e l'aiuto in quel che posso, gli fo comprendere che una razione maggiore è impossibile, perché 60 occhi avidi e sparuti mi guardano quando divido le razioni. Lo conforto e gli do coraggio, promettendagli qualche fuga dal regolamento, però di nascosto.

24 ottobre

Padre Nunes officia la messa e tutti assistono in silenzio, il mangiare é ora l'elemento essenziale e tutto (procede bene), ecettuando alcuni elementi nocivi che per ambizione si trovano o, per meglio dire, accampano discosti dal gruppo di Hermano. Piu tardi forse Hermano prenderá dei provvedimenti energici e decisivi. I nostri corpi trasudano

pura “catinga di veado”, qualsiasi oggetto puzza di veado, ma do grazie a Dio che sebbene poca, non ci manca in assoluto questa carne.

25 ottobre

Ancora in avanti e si raccomanda a Chicão e Angelo che vanno nella vanguardia di farci trovare qualche selvaggina, difatti in un buritizal incontrammo due veados; si decise di fare una sosta e ripartito un churrasco con un po' di miele tirato da un “arapuá”, si continuò e dopo un totale di 10 km, accampiamo in riva a un ruscello.

26 ottobre

L'accampamento è buono, ma l'acqua è cattiva e non c'è il tormento dei “borrachudos”. In una ricognizione di Chicão, Angelo e Nobre incontransi indizi sicuri che le “aldeie di Chavantes” non debbano essere molto lontane, perché incontrarono vestigi basici di camminamenti. Si organizzò un gruppo di 20 uomini per una sorpresa nell'aldeia chavantes, alle 3:20 partimmo con indicibile emozione e Hermano raccomandò ai rimanenti 10 che, se al 3° giorno non apparisse notizia nostra, che ritornassero in marcie forzate all'Araguaya per così salvare almeno il materiale raccolto. Si marciava in silenzio, non sapevamo quali difficoltà si potevano incontrare e quali e quanti sarebbero ritornati, dopo aver traversato due ruscelli accampiamo in una boscaglia sotto una pioggia insistente fino alle 2 del mattino. La nostra colazione si riduceva a carne di veado e farina della grossezza di un pugno. Che fare, stringere la cinta, e quando tutto inzuppato e a pancia

nuota pensavo che non vi è miglior cura per dimagrire che il sistema che attualmente adottato contro la mia volontà.

27 ottobre

Dopo la solita acqua amarognola e fatto un boccone della merenda riprendemmo nell'oscurità la marcia e verso le 4 avvistammo la famosa serra do Roncador e già stavamo "trilhando" il cammino dell'aldeia. Ad un certo punto, su un piano, Hermano decise che io, Nebias e Piza ci andassimo a localizzare in un punto per così dire strategico e (poter) caso gli Chavantes fuggissero all'approssimarsi del gruppo, io avrei dovuto filmarli. Ordine è ordine, e col cuore nelle mani, specialmente Nebias che aveva il morale e il fisico molto abbattuto cercò di fare delle rimostranze, ma poi si convinse che era inutile un diniego. Angelo era la nostra guida e abbandonano il gruppo e dopo una maratona, rompendo cespugli e infangandoci tutti nei "corixos", Angelo dopo tanto perambulare in quei labirinti di cespugli non riaccezzò più il punto preciso e improvvisamente quando si stava decidendo sul da farsi, udimmo una gritaria dall'altro lato del valle. Il momento era tragico, a 10 metri non si vedeva, Angelo, l'unico che stava a cavallo, salta immediatamente a terra e tutti noi quattro per lo spazio di circa 5 minuti si respirava appena, col dito nel "gatilho del mosquetão" e con l'udito attento a ogni più lieve rumore. Cinque minuti di attesa che per noi sembrarono eterni e dopo, rinfrancatici un poco, risolvemmo ritornare indietro e raggiungere i compagni. Unitici al gruppo riprendemmo la marcia in silenzio e verso le 6 lasciati gli animali in custodia di Penteadó, Marius e Nobre, si continuò cercando il "trilheiro" maestro, già si vedeva chiaro, quando improvvisamente ad un rapido segnale di Chicão ci sdraiammo carponi, 4 Chavantes ci passarono ad una distanza di circa 150 metri

e camminarono despreoccupati non accorgendosi di noi; immediatamente prendemmo il cammino inverso dei 4 Chavantes, sicuri ormai d'incontrare l'aldeia; avevamo camminato circa 1 km, quando nel medesimo "trilho" ci apparvero davanti alcuni Chavantes che si diedero subito ad una corsa precipitosa, e noi di rincorsa dietro i fuggenti. Attraversato un ruscello e salita una piccola collina ci trovammo in mezzo allo spiazzale dell'aldeia dei Chavantes. Il panico era generale nella folla degli indigeni, grida gutturali e lamenti si elevavano nel tramestio della fuga; donne, bambini, vecchi, tutti fuggivano emettendo grida assordanti; il nostro apparire pose lo scompiglio e il terrore in mezzo a quei esseri che per la prima volta vedevano apparire gente nostra. Erano tutti completamente nudi e a nulla valsero i nostri segnali di amicizia inquanto le macchine cinematografiche e fotografiche funzionavano. Gli Chavantes dopo che le donne, i vecchi e i bambini s'inoltrarono nei boschi adiacenti, innalzossi un grido (cuidado com as flechas) e difatti una gragnuola di frecce cadevano tutt'intorno, cercammo cadauno un riparo più sicuro e gli indi, visto inutile ogni loro tentativo di colpirci, si acquetarono. Hermano aveva dato ordine per non uccidere e nemmeno tirare un colpo, salvo in caso forzoso di legittima difesa. Vedendo la quiete degli indigeni che si erano nascosti dietro le loro capanne, credevamo che avessero comprese le nostre intenzioni pacifiche, e ci facemmo più coraggio uscendo dai ripari naturali. Era però un inganno nostro perché la pioggia delle frecce si rinnovò e questa volta da tutte le parti; eravamo circondati e non vi era altra via d'uscita che usare le armi, ma Hermano, pronto con i fuochi di artificio, soltò un mortaio di 3 colpi, allo scio poco s'impressionarono, ma quando il 3 colpi rintronarono nello spazio, si spaventarono e fuggirono tutti sotto le boscaglie. L'aldeia era completamente abbandonata e facemmo una rapida visita alle capanne in numero di 19 di forma conica e messe in circolo, di struttura solida e con una unica luce e porta bassa, internamente piene di stuoie di palmeiras

intrecciate che servono loro da giaciglio e nel centro alcune pietre per il fuoco, 3 araras molti pririquitos e pappagalli, 3 cani di razza conune e forse rubati nelle loro scorriere in qualche sitio e 1 gallo; varie “panellas” de barros, 1 cerchio di ferro (certamente rubato), uno strumento musicale (sistema di un clarinetto), milho tostato (minuto), bocayuva, burity, piccole aboboras e 1 specie di patata nativa. Tutta una raccolta indispensabile per il museo di São Paulo, lasciammo nelle varie capanne spechietti, temperini, collane di vetro e alcuni coltellacci in cambio di ciò che tirammo, e, dopo un altro mortaio (rojão) per poter avere il cammino libero, ritornammo sui nostri passi. La nostra fortuna è dipesa soprattutto dalla sorpresa e nell’incontrare solo una quarantina di uomini nell’aldeia, trovandosi gli altri a caccia o in procura di frutta. Per il numero delle capanne, in numero di 19, e come generalmente in cada una vivono 4 famiglie in un totale di 16 persone, calcolo che l’aldeia deve avere, (in) un calcolo approssinato, 400 persone. Una delle missioni piu difficili si era risolta senza perdite di vite da ambo le parti; questi indi che terrorizzano con le loro incursioni i pochi abitanti e garimpeiros dell’Araguaya, senza contare il massacro che compiono sugli indi Carajas dell’isola del Bananal, i quali sono, benché ancora allo stato primitivo, già sottomessi ai civili, gli indomabili Chavantes erano stati finalmente visitati in uno dei tanti (clan) nuclei che probabilmente hanno in questo hinterland. Ritornammo tutti soddisfatti e allegri per il felice risultato, che mai speravamo risolvere con tanta facilità, prendemmo però le nostre precauzioni perché non era difficile che gli Chavantes assenti dall’aldeia sarebbero ritornati in fretta a soccorrere la loro dimora, difatti incontrammo alcuni indi che al vederci rimasero così spaventati che si buttarono a capofitto nel più fitto della boscaglia laterale. Arrivammo nella radura dove erano rimati i cavalli con i tre uomini di custodia, si rallegrarono immensamente del risultato e solo un tanto rattristati per non aver potuto prendere parte alla spedizione nella parte finale, però non mancò ad essi

l'apparizione di Chavantes che, datisi alla fuga, quasi che s'infiltrarono senza accorgersene in mezzo ai cavalli, così ebbero anche essi il piacere e lo (schok) di vederli da vicino. In una marcia forzata giungemmo all'accampamento sfiniti e morti di fame, dove i rimanenti 10 compagni stavano ansiosi per il nostro regresso. Speravamo che gli Chavantes avessero compreso che la nostra incursione nel (clan), sebbene di sorpresa, non avendo toccato negli animali e oggetti a loro cari, e eccettuando alcuni articoli indispensabili per il museo di S. Paulo, che contraccambiammo con varie cianfrusaglie, si fossero convinti che il nostro procedere era pacifico e che non gli si voleva del male. Puro inganno, perché verso le 16 il Maranhense che stava raccogliendo gli animali, vide una ventina di indi che dopo aver frecciato un cavallo, rivolsero contro di lui la loro ira. Per fortuna il Maranhense che stava a cavallo, rispose con tre colpi di moschetto per intimorirli e corse da noi dando l'allarme. Al pericolo imminente tutti abbandonano le reti e corrono alle armi perché in pari tempo un altro gruppo era stato visto dietro l'accampamento. Si organizza la difesa e lanciamo in aria il famoso (rojao). Perlustrammo il terreno in varie direzioni e ci accertammo che il (trano) o scoppio del razzo, li aveva fugati un'altra volta. Per la verità fu una sorpresa che, francamente, non ci aspettavamo e padre Nunes che prese parte alla spedizione nel (clan), anche lui si meravigliò e solo così arrivammo alla comprensione che questi uomini primitivi che non vollero mai sottostare o avere contatto di specie alcuna con gli uomini civili, erano una razza crudele e feroce e che solo con molto sacrificio potrà essere catechizzata.

La penuria di caccia è enorme, anche per il fatto che gli Chavantes essenzialmente cacciatori ridussero queste plaghe quasi che deserte da specie animali; molti e la maggior parte non si animava ad inoltrarsi lungi dall'accampamento; sentivano i nostri olfatti, per l'eccessivo strato di "urucum" che gli indi spalmano il corpo, che si aggiravamo fra i

cespugli e le macchie; però lo stomaco reclamava un urgente ristoro e risolvemmo approfittare la carne dello scheletrico cavallo che gli Chavantes avevano ucciso con 4 frecciate. A tutti ripugnava una simile carne magra e dura, ma non c'era altro in vista e dopo averlo "manteado" e datone alcuni pezzi ad uno dei cani, sfamato al pari di noi, per verificare se le frecce erano avvelenate, e verificato che il cane non dava segni di avvelenamento, fu diviso un copioso churrasco non risparmiando il cuore e fegato dell'infelice bestia; solo cinque uomini, benché sforzandosi, non poterono trangugiare simile carne e sono essi: Jorge Junqueira, Penteado, Oscar Leite, Acreano, Maranhense, i quali furono costretti a procurarsi palmitos.

28 ottobre

Si passò la notte con sentinella rinforzata e si passò bene la notte, perché la carne di cavallo aveva risolto il problema dell'alimentazione almeno per un 3 giorni. La giornata trascorse calma e allora Chicão, Angelo e Schnorr vanno in ricognizione; di sera io, padre Nunes, Nebias, Glaser e Fabiano che stavamo accampati dall'altro lato del corrego, fummo impediti di riattraversarlo perché una pioggia torrenziale, che durò circa 4 ore, inondò il nostro ricovero e dovettemo sottostare a un bagno forzato, non salvando dal bagnarsi neppure le reti e dovettemo passare la notte nell'umidità e inzuppati; accendere un fuoco era impossibile, perché l'acqua inondava tutto fino al ginocchio. I compagni accampati dall'altro lato del corrego ebbero anche essi delle ore tragiche e al pari di noi bagnati come pulcini.

29 ottobre

La giornata si presenta con un cielo nuvoloso, con probabilità di migliorare, il sole non si fa vedere e noi ne avevamo tanto bisogno per asciugarci un poco, ma per fortuna le acque si sono abbassate e riusciamo ad accendere un buon fuoco; Penteado, che di carne di cavallo non ne vuole proprio sapere, s'inoltra nella boscaglia e raccoglie qualche palmito; lui sempre previdente ed era colui che mai abbandonava l'arma, quest'oggi una freccia insidiosa gli si conficcò al disopra dei reni, al sentirsi colpito corse difilato nell'accampamento distante un 200 metri, con l'asticella conficcata nelle carni. Mentre un gruppo di 15 persone corse in direzione della "toacaia" preparata dai Chavantes, il medico Dr. Arion prestò il curativo di urgenza al ferito; fortuna volle che non era penetrata in cavità, ma solo nelle parti carnose della schiena. Chicão e compagni non sono ancora ritornati ed è quasi notte e noi si sta in pensiero.

30 ottobre

Hermano fece irradiare in São Paulo, il forzoso bisogno di una richiesta di "mantimentos" perché la nostra situazione si rendeva tutti i giorni più critica e tutti adocchiavano le carni dei poveri quadrupedi che erano obbligati a brucare la poca erba attorno all'accampamento. Verso le 2 pomeridiane arriva Chicão e compagni e, chiamato in disparte Hermano, gli fanno comprendere che il seguire e trasportare la serra do Roncador era una pazzia; perché nella loro esplorazione, avendo i miglion cavalli, non poterono superare l'immenso massiccio della serra, la quale nei punti dove poteva offrire un maggiore risultato nel volerla trasportare, i loro cavalli scivolavano incapaci di inerparsi in

quelle montagne; avistarono dal cimo d'una collina una larga "picada" che si dirigera sull'immenso pianalto e che centinaia di orme di Chavantes si dirigevano a rinforzare il (clan) da noi visitato. Discussero i pro e contra d'un tale tentativo, risolvettero rimandare indietro le bestie con tutto il materiale raccolto e alcuni uomini fino all'Araguaya, i rimanenti si sarebbero ben muniti di munizioni e avrebbero tentato scalare e passare attraverso i "clan" dei Chavantes e raggiungere il rio Xingú e di lì a Cuyabá. Il progetto era temerario perché gli Chavantes non ci avrebbero dato più pace e in una riunione a cui furono tutti chiamati a esporre le proprie idee, la maggioranza optò per il ritorno. In questa riunione, raccolti intorno a Hermano sotto la baracca di lona, notai quanto grande era il desiderio del ritorno, cadauno adduceva una causa per l'impossibilità di proseguire e eccettuando Hermano, Glaser, Penteado, Marius e lo scrivente, tutti erano favorevoli al ritorno immediato, però nessuno volle dire le vere ragioni di un tale stato d'animo, che era il timore di non sopportare vieppiù il digiuno e la paura di essere trucidati dagli Chavantes. Cinque uomini soli era una pazzia valicare la serra, era l'esporsi ad una morte certa e dovettero concordare al pari degli altri per il ritorno.

31 ottobre

A malincuore ritorno insieme agli altri e camminiamo celermente e sorvoliamo un pouso, accampando nel "pouso do burityzal" dopo circa 22 km. Il caldo era soffocante, ma un acquazzone provvidenziale calmò durante la marcia la temperatura calda; Bahiano ebbe una congestione di breve durata; questa marcia per me è stata molto penosa, perché arrivai spossato.

1 novembre

Condivido ora insieme a padre Nunes e Nebias, una baracca di campagna che il salesiano porta con sé e che ci riparò di notte di un altro temporale. Ormai siamo nel tempo delle piogge e dovremo abituarci. Nel riprendere la marcia, mancarono 4 animali e Hermano per non perdere maggior tempo, mandò gli uomini proseguire il cammino. Hermano e altri cinque ci rimettemmo in cammino dopo tre ore di procura incessante. Il terreno che traversiamo ora è completamente allagato e diguazzando dentro l'acqua quasi fino al ginocchio per circa 3 ore; i cavalli cargueiros affondano ogni momento e ci volle un bel sacrificio se uscimmo illesi da quel pantano; si cammina sempre senza fermarci e così, dopo circa 40 km, arriviamo nella picada che si apre per raggiugere il rio das Mortes. Nella foresta di circa 8 km prima di arrivare al rio si vede il suolo pieno di cortecchie di palmitos. Approfitto anche io e ne faccio una buona raccolta e mangiandoli così stesso crudi, come di costume. Verso le 18 arrivo insieme al Dr. Orion, Acreano e Bahiano al rio da Mortes, dove la maggior parte stava digià accampata; qui quasi succedeva una questione grave, perché il famoso gruppo n° 2 capitanato da Chicão, cucinarono una pirarara, non ripartendo con i restanti. Questi si lagnarano al mio arrivo e come l'incaricato ero io, volevano a tutti i costi che una coda di jacaré non fosse ripartita con la turma di Chicão, gli feci osservare che ciò poteva avere funeste conseguenze e calmai gli animi eccitati, consigliandoli a fare le rimostranze ad Hermano quando venisse. Hermano reso consapevole di quanto avveniva, consigliò di avere pazienza, perché coloro che così agivano sarebbero stati più tardi castigati per il procedere poco corretto usato ai loro compagni. Hermano risolve mandare un gruppo all'isola do Bananal, il Dr. Arion Bueno de Oliveira, Arnaldo Octavio Nebias engenheiro, Carlos Feltem cinematografista, Fabio Fabiano Alves botanico,

Darcy Bandeira de Mello e lo scrivente; dobbiamo scendere il rio das Mortes nella canoa di lona fino all'isola del Bananal. Simile viaggio in una barca di lona su un fiume sconosciuto è azzardato, perché senza contare il pericolo di bucarla in qualche legno, vi sono anche gli Chavantes e le fiere che aumentano l'incognito e il pericolo di un tale viaggio; una pirarara e una coda di jacaré è stato il nostro mangiare di oggi.

2 novembre

Oggi si è lavorato intensamente al transbordo del carico e dei cavalli all'altro lato del rio das Mortes; gli animali già troppo strapazzati stentavano nell'attraversare il rio e ne perirono due affogati.

3 novembre

Giornata magra anche questa, non s'incontra caccia e si mangia solo palmitos.

4 novembre

La canoa di lona ci aspetta e questa mattina il Maranhense ci regalò un veado che subito va a finire nella latta di gazolina (panella), la fame é un caso serio e tutti guardano avidi le ossa spolpate del veado e il Dr. Arion, Feltem, Bilchem, Bahiano e Maranhense, Teodomiro, Nebias, mi circondano e mi chiedono la grazia di favovirli con un osso. Li accontento e li lascio rosicchiare le ossa. La giornata però si prescutava felice perché 3

pirararas, tre veados, due tatu hanno arricchito il nostro mangiare, incontrai anche delle frutta silvestres, bacupary, frutta babão, cambui.

5 novembre

Dopo le solite raccomandazioni di Hermano, e salutati gli amici di sventura, venivamo nella nostra canoa in procura dell'isola do Bananal. Dopo circa 40 km facciamo il primo pouso e uccidiamo una capivara, che fu ben accetta da tutti, si dormì sulla rena con la pancia satolla di capivara.

6 novembre

Darcy ebbe una discussione aspra con Feltem e Fabiano col Dr. Arion (Darcy é stato il peggiore elemento che la spedizione portava con sé, uomo senza educazione, vanitoso e inservibile a qualsiasi lavoro) (Fabiano lo si può annoverare fra gli squilibrati); insomma erano due piaghe che gli Chavantes avrebbero rifiutato, perché puzzavano troppo.

7 novembre

Il terzo giorno di viaggio incontrammo una nidiata di uova di tartarughe.

8 novembre

Senza novità anche quest'oggi, tranne la fame che si fa sentire.

9 novembre

Il nervosismo si impadronisce dei miei compagni, Darcy si rende intrattabile e Fabiano lo stesso, anche quest'oggi nulla di nuovo nello stomaco.

10 novembre

Oggi due minuscoli macacos e un marreco hanno calmato un po' lo stomaco.

11 novembre

Ben animati e con la speranza di raggiungere la meta, riprendiamo il viaggio, 2 patos furono il nostro mangiare, gli animi sono irritati e siamo diventati tanti scheletri.

12 novembre

Durante la notte un jacaré mi portò via la mia "muamba", e fortuna volle l'abbandonò nell'acqua ma in luogo dove non correva, simile scherzo gli costò la vita e la sua coda finì nella panella. Tutti soffriano di diarrea ed é dovuta al troppo caldo che si beve.

13 novembre

Tutti sono sfiniti e Feltem, Nebias e Arion si sono ridotti in uno stato da far pietà. Feltem ebbe una tontura e dovette essere sostituito nei remi, abbiamo mangiato alcuni palmitos e incoraggio Nebias, Feltem, Fabiano e Darcy che facciano procura al pari di me e del Dr. Arion.

14 novembre

Solo 1 marreco ci solleticò i denti, se si continua così ben presto se ne andrà all'altro mondo qualcuno o più di uno.

15 novembre

Lo spettro della fame si rende più crudele. Arion, Feltem e Nebias sono sfiniti. Darcy, Fabiano e io, sebbene deboli, appelliamo a tutte le nostre energie a cercar di raggiungere l'Araguaya, son undici giorni che stiamo viaggiando e siamo ridotti a degli scheletri. Attraccammo in una barranca dovuto a un temporale e risolvemmo in un ultimo sforzo procurare qualche cibo. Io, Arion e Feltem ci avviammo in procura di qualche cosa ed io e Arion incontrammo delle frutta di bacupary e Feltem più fortunato uccise un veado. Credo che poche volte fu festeggiato così il suo arrivo con la bella presa, si approfittò tutto, il sangue, fegato, testa, insomma lo spalpammo fino alle ossa, insomma fu un vero banchetto e più si mangiava, più si voleva mangiare. Di sera vedemmo una canoa, che subito riconoscemmo essere di indi Carajas, i quali accostatisi, c'informarono che

l'Araguaya era vicino. La nostra allegria fu immensa e risolvemmo raggiungere l'Araguaya; i due Carajas ci regalarono un cocomero che ci sembrò di zucchero e ringraziatili e datoli un po' di sale, approdammo in una delle spiagge del rio Araguaya, ove dormimmo una delle nostre migliori notti.

16 novembre

Ben riposati, raggiungiamo il primo nucleo di indi Carajás, comandati da un certo Maluá; ci accolsero bene e vedendo in noi degli affamati, ci diedero delle patate silvestre (a-tá) alcuni cocomeri e carne di pirarucú. Incontrammo in questa aldeia di passaggio il Sig. Lucio che possiede una fazenda nel rio Araguaya denominata "Matto Verde". Dopo aver ringraziato i buoni Carajás raggiungiamo Sta. Izabel, dove incontrammo pochi indi (Sta. Izabel era prima che si estinguesse il posto di "proteção aos indios", era una fiorente colonia di circa 300 indi, invece ora non si vedono che rovina e ruderi e dove incontrammo nuovamente il Sig. Lucio, che viaggia per terra a cavallo e che ci regalò un pranzo con del riso e una tartaruga. Il riso sembrava zucchero e tutti i miei compagni dividevano la stessa opinione.

17 novembre

Dopo una notte sognando lautissimi pranzi, riprendiamo il viaggio e dopo 12 km incontrammo un altro aldeamento di indi e proseguendo arrivammo nell'aldeia di Marraú. In questa aldeia ci trattarono da principi, pirarucú assado, oyty, piquí, tucum; insomma fu un vero banchetto e noi poca cerimonia si faceva; in questa aldeia gli Chavantes uccisero il

fratello del cacique un tale Fontoura alcuni anni or sono. Promettendo ricompensarli al ritorno, salutiamo i cari Carajá e ci fermiamo in una insenatura, dove il primo civilizzato, un tale Sr. Arthur, adventista, ci accoglie fraternamente; il sig. Arthur insieme alla sua signora e più due civilizzati abitano in questi paraggi, sacrificando la loro esistenza in beneficio di questi poveri Carajas, che loro cercano di civilizzare. Hanno una casetta bene accomodata, con varie comodità e stando alla pari con rispetto alla spedizione Anhanguera ci regalarono 1 rapadura cadauno e uno chá di “herva cidrera”, dei biscotti di polvilho e delle banane. Tanto ben di Dio ci rese maleducati, s’ingoiava a più non posso e quello che sarebbe bastato a 30 persone, si rese quasi insufficiente ai nostri stomaci assetati; il sig. Arthur e signora ci guardavano meranvigliati e noi chiedemmo scusa per il procedere poco civile che usammo, ma loro compreso il nostro stato e ridendo l’incoraggiavano maggiormente. Lo stomaco quasi a scoppiare, riprendemmo il viaggio, dopo aver ringraziato effusivamente i nostri salvatori; in questo viaggio un forte vento ci obbligò a ripararci dietro un “saran” e, calmatosi il tempo, arrivammo in Matto Verde, che è la fazenda del sig. Lucio.

18 novembre

Il sig. Lucio ci accolse allegramente e dopo aver sorbito un saporoso caffè e un calice di pinga, si parlò a lungo, progettandosi in viaggio a cavallo attraverso l’isola do Bananal e raggiungere così gli aldeamenti di indi Javahé, appartenenti però alla stessa famiglia dei Carajás.

19 novembre

Il sig. (Lucio) fa attraversare gli animali all'altra sponda e anche noi in una canoa raggiungiamo l'isola e ci mettiamo in marcia. Ci accompagna il sig. Lucio e un carajá come pratico. L'isola "do Bananal" è la maggior isola fluviale del mondo, la sua lunghezza è di circa 540 km e la sua maggior larghezza di 150 km, campi di allevamenti di bestiame si perdono a vista d'occhio e in questi luoghi che futuramente saranno popolati da centinaia di migliaia di buoi, non esiste attualmente che cervi, daini, antas e altri animali silvestri. Di sera accampiamo nel Rionduho (corrego) con il sedere indolenzito di tanto cavalcare.

20 novembre

Durante la notte una pioggia torrenziale ci bagna come pulcini, perché non avevamo con noi nessuna lona per ripararci e così bagnati come siamo riprendiamo il viaggio, il pratico carajá Antioré sbaglia spesso il cammino e ci costringe a fare dei giri enormi senza raggiungere la meta; incontriamo i primi indizi di Javahé, però siamo costretti ad accampare in riva a un lago e rifocillatici con carne secca, farina di mandioca e rapadura che portavamo con noi, ci prendiamo un meritato riposo.

21 novembre

Sicuri di essere vicini a qualche aldeia, seguiamo per un "trilho" e verso le 10:30 incontrammo il primo aldeamento Javahé; si trova però localizzato sulle rive di un enorme lago e per intermezzo del carajá, vengono 3 ubá a prenderci. I Javahé vivono in uno stato

ben primitivo, gli uomini e bambini completamente nudi e le donne una fascia che molto male copre le segrete nudità. I loro “ranchos” sono simili ai Carajás, vivono in comune sdraiati in terra, o seduti in una promiscuitá (per noi civilizzati) un tanto indecente, ma per loro senza importanza. Ridono per un nonnulla e (io) sono vittima dei continui lisciamenti che la mia barba deve soffrire fra quei selvaggi, mi prendono certamente per una bestia rara. Volli accarezzare una bambina, ma questa fugge, dando dei gridi che sembravano di un animale e tutta impaurita si rifugia fra le gambe della madre; poveri esseri umani, per farsi comprendere ci vuole una pazienza enorme e a forza di mimica e cosí stesso si perdono ore. Regalai una scatola di fiammiferi ad un giovane indio, che mi ringraziò nel suo linguaggio gutturale per circa mezz’ora, ad un altro diedi un pezzettino di candela, ma questi il primo atto fu di metterlo in bocca per mangiarlo, l’accesi cosí gli feci comprendere l’utilità e lui tutto contento la mostrava a tutti. Questi indi hanno un poco di piantagione di canna, mandioca, banane e abacaxi; in cambio di fumo, sale e collane di vetro, ci regalarono frecce, archi e vari oggetti di adorno di penne; fu girato un buon film e fotografie a volontà e per il fatto che Lucio aveva premura dovettemo accomiatarci da questi ospitali Javahé e ritornare nella fazenda Matto Verde.

22 novembre

Il ritorno fu celere, perché il sig. Lucio, pratico del sertão arrivò nella fazenda in un 1 giorno e mezzo, quando nell’andata impiegammo quasi 2 giorni e mezzo.

23/24/25/26/27 novembre

Questi giorni li passiamo in riposo e tirando fotografie, raccogliendo materiale e esplorando i terreni adiacenti e sopportiamo sempre l'imbecillità dei nostri due compagi Darcy e Fabiano. La canoa che il sig. Lucio ci cede, fa pietà, ma non c'è altro rimedio e bisogna accettarla, la calafettiamo e rifornitici di mantimentos col sig. Lucio riprendiamo la (ri)salita dell'Araguaya; 3 carajás ci aiutano nella zinga (varejão); la navigazione si rende difficile, perché entra acqua da per tutto e siamo costretti continuamente a svuotarla, il lavoro continuo ci stanca e riposiamo per passare la notte in una spiaggia.

28 novembre

Riiniziato il viaggio, arriviamo in casa del sig. Arthur, in questo porto scaricammo la barcaccia e di sera riposammo in casa del sig. Arthur.

29 novembre

Si continuò a lavorare nel rattoppare la barca e, nel frattempo, Feltem filma l'aldea del cacique Murraú dove ritornarono con un'altra canoa e più 2 Carajás per ausiliare nella (ri)salita del fiume.

30 novembre

Dividemmo il carico nella canoa e nella barcaccia e mentre Darcy e Fabiano scelsero la barcaccia perché vi era omtra e con 3 carajás; io, Feltem Arion e Nebias ci accomodammo nella canoa con 2 carajás, ci fermiamo poco tempo nell'aldeia di Marrau e accampiamo in una spiaggia dell'isola del Bananal: i Carajás hanno una paura superstiziosa dei Chavantes e non c'è pericolo che si arrischiano a dormire sulle spiagge esistenti nei margini di Matto Grosso).

1 dicembre

Una forte pioggia ci ha guastato completamente il sonno, bagnandoci le reti e gli abiti; per incominciare il ritorno non è gradevole. All'alba si ricomincia la lenta navigazione; passiamo due aldeia ma non ci fermiamo e dopo 10 (ore) e mezza accampiamo in un'altra spiaggia, dove un forte vento quasi mandava alla malora le canoe, dovuto all'imperizia di Darcy, che, testardo come lui solo, non c'è modo di convincerlo.

2 dicembre

Iniziamo il viaggio alle 4 del mattino e verso le 8 passiamo la foce del rio das Mortes (che bem ricorda in noi le sofferenze patite), ora l'Araguaya si rende piú stretto e meno correntoso e dopo 10 ore e tre quarti accampiamo in un'altra spiaggia.

3 dicembre

Iniziamo il viaggio alle 4 e dopo una navigazione ininterrotta di 11 ore facciamo pouso in un'altra spiaggia.

4 dicembre

Sempre di buon mattino iniziamo la navigazione e eccettuando un forte acquazzone, nessuna novità, finché approdammo in São Pedro, dove vive un piccolo nucleo di Carajás e alcuni civilizzati, siamo senza farina e i Carajás già alquanto malcontenti per l'antipatia che gl'inspira Darcy, rendonsi riluttanti nel seguirci, perché gli manca la farina di mandioca. Darcy obbligò Feltem in un maniera villana di consegnarli 50 mil reis e così comperare la farina necessaria; stavo legando la mia rete insieme a Nebias, quando udimmo il rumore di un motorino e riconoscemmo nei venuti il telegrafista Glaser e Nobre, che insieme ad un pilota contrattato venivano in nostra procura. Fu una gioia indescrivibile, offuscata subito da una triste notizia: Hermano, il nostro chefe era morto il giorno 24 novembre alle 24:20 nella capanna di Angelo; alla sua rapida malattia, solo alcuni elementi della Bandiera Anhanguera erano presenti, avendo Chicão, Oscar, Junqueira, Acreano, Jorge R. Freitas, Cyro Piza, Raymundo, disligatosi dal loro capo e solo ebbero notizie quando già in cammino per Dubasinho. Triste destino, fu sempre esempio di disciplina e buono con tutti, anche con coloro che lo tradirono e gli ostacolavano la sua missione e ora che doveva assistere al completo successo della spedizione, la morte crudele l'ha rapito alla giovine età di 34 anni e il suo corpo riposa in Leopoldina sul rio Araguaya, che lui tanto amò e (dove) tanto soffrì; che Dio accolga quest'anima leale che fu vittima dei suoi

stessi compagni. Ormai tutto è finito, i rimanenti con la morte di Hermano unificò nuovamente e partirono per São Paulo, Penteadó e Marius si trovano in Goyaz, trattando della vendita dei rimanenti cavalli.

5 dicembre

La barca in che Glaser e Nobre vennero a prenderci fu gentilmente ceduta da padre Chenelon e padre Nunes, e dispacciammo regalmente paghi i cinque Carajás.

6 dicembre

Tutti allegri, perché il motorino ci garante un maggiore percorso giornaliero, verso le 2 pomeridiane passiamo per la foce del rio Cristallino e verso le 18 accampiano in una spiaggia. Il nostro mangiare é mighiorato, abbiano fagioli, riso, carne secca e pesce di piratinga, farina di mandioca, caffè, zucchero etc. La caccia in questi paraggi é molto ridotta, anche dovuto al fatto che vi sono molti laghi e furados e con la piena del fiume, gli animali preferiscono questi laghi al rio e verso de 18 ci fermiamo per dormire in una spiaggia.

7 dicembre

Oggi qualche jaburu, baguary e roseo colhereiro si son fatti vedere, Nobre tirò inultimente su dei patos e su un grosso jacaré.

8 dicembre

Per arrivare in São José vi erano 14 leghe, e iniziamo il viaggio all'alba; ma un baxio strappa il motore e se non fosse stata la prestezza di Tertuliano sarebbe andato perduto; un forte temporale ci obbliga a fermarci in Piedade, dove conosciamo l'adventista Alfredo Straube, che dopo le solite presentazioni della signora e filha, c'invitò a rimanere in casa sua. Accettammo di buon grado rimandando per il domani il viaggio.

9/10 dicembre

Verso le 10 approdammo in São José, che fu fondata dal generale Couto de Magalhães nel 1870 ed ora si trova in completa decadenza, pochi indi Carajás e alcuni civilizzati abitano in questo ermo. Procurammo irradiare ma tranne un telegramma inviatoci da Chicão, non fu possibile ottenere altre notizie.

11 dicembre

Tertuliano, il pilota, soffre con un forte mal di denti e io e Nebias c'intervalliamo al pilotaggio, piove di continuo e facciamo pouso nel Xiscoro, dove abitano alcuni civilizzati, e dove approfittiamo (per) mangiare delle "mangas".

12 dicembre

Passiamo la foce del rio do Peixe, affluente di destra dell'Araguaya; verso le 14 passiamo per il "traversão Reuna" in questo punto il corpo di Hermano é stato trasportato dalla casa di Angelo e di qui in canoa fino a Leopoldina. La figura maschia di Hermano; molti ricordi ci ha dato e senza fermarci passiamo per il porto Anhanguera, marco zero; quanti sogni e speranze in questo luogo e già di notte facciamo pouso in Cocalinho.

13 dicembre

Ormai siamo vicini a Leopoldina, solo 15 leghe ci separano e forse arriveremo in giornata; difatto alle 20 attracciamo nel porto e armiamo le nostre reti in una casetta abbandonata.

14 dicembre

Approfittammo di un camion in partenza e dopo aver imballato le nostre merci, seguimmo il viaggio per Goyaz.

15 dicembre

Ieri sera per un guasto al motore fummo obbligati a fermarci nella fazenda Lambary.

16/17/18/19/20 dicembre

Cinque giorni fermi perché il motore aveva sfarinato una delle parti principali e sorte volle che la radio venne in nostro ausilio e così di Goyania venne un nuovo camion ed arrivammo in Annapolis.

21/22/23/24 dicembre

Ad Annapolis il treno finalmente ci riportò nella nostra S. Paulo, dopo 5 mesi di assenza.

(revisione di Loredana Caprara, fedele all'originale in quaderno manoscritto)

BANDEIRA ANHANGUERA

Diário de Antonio Senatore – Ano 1937 – de 25/7 a 24/12

(Tradução de Alessandra Paola Caramori)

25 /26 de julho

Faltam poucos minutos para as 19 horas e os participantes da "Bandeira Anhanguera", que deverão adentrar às regiões inexploradas do Mato Grosso, recebem as últimas recomendações e conselhos dos parentes e amigos, que gostariam de quem sabe em um último abraço encorajar e ao mesmo tempo dar adeus aos parentes. O trem abandona a metrópole paulista e eu percebo no rosto dos meus companheiros um ar de tristeza, que procuram dissimular com uma alegria forçada, mas, conforme vão passando as horas, volta o bom humor e conversa-se sobre tudo, fazendo-se prognósticos para as longas noites insones que nos esperam ao embrenhar-se no interior do Brasil, na zona dos "Chavantes", onde impera a barbárie do homem primitivo. Campinas, Ribeirão Preto e finalmente Araguay, onde dormimos por algumas horas.

27 de julho

A viagem torna-se monótona, mas o panorama é lindo, a região é montanhosa e atravessamos os rios Parnayba e Rio Grande e chegamos à alegre cidadezinha de Anápolis. (Durante a viagem entre Araguary e Anápolis, dois dos nossos companheiros, o engenheiro Octavio Nebias e o Dr. Arion Bueno de Oliveira, em uma estação intermediária, partem para a capital de Goyaz, Goyania, para resolver, com o governador Dr. Pedro Ludovico, o transporte das nossas bagagens de Anápolis até Leopoldina).

28/ 29 de julho

Depois de dois dias chegou o eng. Nebias que nos tranqüilizou, pois o Dr. Pedro Ludovico já tinha providenciado para o nosso transporte dois "caminhões". À noite escutamos no programa a hora "Bandeirante" que Hermano e os quatro companheiros, que ficaram com ele em São Paulo, tinham embarcado no noturno para nos encontrar em Annapolis.

30 de julho

Hoje depois de ter descarregado o material, Glaser (o radiotelegrafista) aproveitou para fazer a sua primeira experiência e responderam à sua chamada a "rádio-patrolha de Sorocaba" e a cidade de Barretos, porém devido a uma interferência de um motor local, não puderam retransmitir as nossas comunicações.

31 de julho

Ficamos esperando ansiosos os "caminhões" que o governo de Goiás prometeu, e que finalmente por volta das 4 horas da tarde chegaram, e com eles o Dr. Arion. À noite chegam também Hermano e os companheiros que nos dão notícias das nossas famílias. Oyanna Rondon está um pouco febril, mas esperamos que não seja nada.

1 de agosto

Antes do despontar da aurora já estamos todos de pé, prontos para embarcar nos "caminhões". Hermano, Feltem, Garbi e outros, entre eles Rondon ainda doente, permanecem e partirão daqui a alguns dias. A viagem entre Annapolis e a nova capital Goyania ocorreu sem maiores incidentes: todos bem dispostos e, embora mal acomodados porque os "caminhões" estão super-lotados, foi muito atraente. Algumas siriemas fogem amedrontadas pela estrada (ou melhor dizendo, projeto de estrada). Depois do "almoço" em Goyania, em um hotel magnífico da capital, prosseguimos viagem para "Goyaz" a velha capital, passando por São Gonçalo. A situação da velha Capital é de decadência, devida ao fato de que boa parte da população migra para Goyania, as ruas e as vielas são estreitas e tortuosas e famoso é o monumento erguido ao céebre Anhanguera. Quase aos pés do monumento corre o céebre rio Vermelho, onde Anhanguera realizou o milagre aos olhos dos índios enfurecidos, incendiando em uma "cuia" espírito, mas fazendo com que os índios acreditassem que incendiava água.

2 de agosto

A paisagem, até certo ponto monótona, entre Annapolis e Goyaz torna-se interessante entre Goyaz e Leopoldina, o panorama lembra em alguns trechos a “Serra de Santos”, a fauna torna-se mais rica, os “buritis” dão um aspecto alegre à região e nós todos bem dispostos e ansiosos para chegar a Leopoldina. Às oito da noite adentramos Leopoldina, depois de mais ou menos 48 horas de um chacoalhar contínuo sobre as futuras estradas de Goyaz.

3 de agosto

Estamos todos ocupados carregando as bagagens em uma “prancha” atracada às margens do lendário Araguaya. A descida do rio Araguaya é feita com a ajuda de um pequeno motor Johnson de 3 cavalos. Como guias práticos, temos dois índios Carajás, somos obrigados porém a entrar na água uma infinidade de vezes pra desencalhar a “prancha”, devido aos contínuos “baixios” do rio. Nestes meses o Araguaya tem pouca água e sua largura é mais ou menos 600 metros, à noite acampamos em uma praia e, depois do churrasco (feito de veado), adormecemos tendo como teto o mais bonito que a natureza pode dar, o cintilar das estrelas.

4 de agosto

De novo na incomoda prancha retomamos a viagem, à margem do rio alguns jacarés em fuga nos observam, vemos nas praias um bando de “colheiros rosados” e a paixão dos

caçadores acende-se em tiros contínuos, quase todos perdidos. Alguns jaburús e jacus ciganos, com seus gritos estridentes e roucos, alternam-se com poucos e raros marrecos e patos, um macaco assustado esconde-se precipitadamente na mais densa folhagem (talvez já conheça os seus parentes distantes). À noite chegamos a Barranca Nova, onde é o acampamento nº 0 da Bandeira Anhanguera. Barranca Nova está situada na margem esquerda do Araguaya no território Mato-Grossense a cerca de 24 léguas de Leopoldina.

5/6 de agosto

Descarregado todo o material, todos se ocupam da preparação das “bruacas” e caixotes apropriados para carregá-los sobre as mulas e cavalos. Começa-se a caçar e a pescar e todos experimentam a sensação de uma intromissão no reino da selvageria. A carne da “paca” morta por Baciano estava realmente excelente. Fabiano começa a fazer das suas, teve um encontro com uma onça sussuarana, que mesmo ferida, conseguiu escapar. A carne de veado teve também boa aceitação por todos, mas “as mutucas” e os mosquitos começam a incomodar a maior parte dos bandeirantes.

7/8/9 de agosto

Continua-se trabalhando na acomodação do material nas respectivas caixas e chegam alguns companheiros que tinham ficado em Leopoldina, e daí são tomadas algumas decisões para a próxima entrada. Distribuem-se as funções e me encarregaram da chefia dos mantimentos e de dirigir os serviços de cozinha.

10/11/12/13/14 de agosto

Estamos ainda parados, cuidando dos preparativos que não acabam nunca e um exemplar belíssimo de urubú rei foi morto, mas por negligência do taxidermista Garbi acabou estragando-se, uma preguiça enriqueceu o nosso material.

15-16-17-18 de agosto

Finalmente chegaram as mulas e os cavalos que perfazem um total de 32 animais e foi contratado um caboclo daqui, um tal de Angelo Severo, muito prático e que nos acompanhará. Acompanhei o operador cinematográfico, Feltem e dois carajás, Terebrê e Torobari, na pesca do pirarucú para poder filmá-la. Este peixe atinge o comprimento de 2 metros ou até mais. A sua carne é muito apreciada e os índios carajás fazem uma matança deles todos os anos. Em uma canoa ou ubá, como são chamadas aqui, descemos o Araguaya mais ou menos quinze quilômetros e, através de um braço do rio, entramos na baía. Os carajás são muito práticos nesta caça e com a prática que eles possuem fica muito fácil caçar, o que para nós seria difícil. Em uma pequena ubá, posicionam-se um na popa e o outro na proa em pé e, quando avistam o pirarucu pela esteira de bolhas que o animal deixa na flor d'água, seguem-no e quando o vêem na superfície, com uma manobra rapidíssima, fisgam-no. Porém desta vez não foi possível caçá-lo, porque com toda a perícia dos carajás, por causa de um defeito do arpão, a fisgada falhou. Desta vez não foi possível filmar e, na volta, vingamo-nos atirando num enorme jacaré que se divertia com os tiros das nossas armas, mas que acabou morto.

19 de agosto

Às oito horas iniciamos a marcha em grupos de 7 a 8 homens, puxando pela rédea cada um o seu “cargueiro”. O primeiro grupo com o guia e os remanescentes seguiam os “rastros” dos primeiros. Depois de aproximadamente 6 km sob um sol causticante, vem ao nosso encontro um dos nossos, “peão” camarada, e nos diz que o eng. Nébias e o prático Angelo erraram o caminho e nos encaminha em uma nova direção. Com santa paciência retornamos sobre os nossos passos cerca de 3 km. Percebemos que estamos completamente deslocados e sem poder tomar uma direção exata. As mulas estão exaustas e, mais de uma vez durante o caminho, somos obrigados a descarregá-las, porque se jogam no chão e precisamos de uma boa dose de paciência e chicotadas para fazê-las levantar. Eu estou junto com o Oscar e o Acreano e, devido ao calor asfixiante, bebemos o último gole d'água que faltava pouco para que fervesse. Estamos com a garganta queimando e decidimos parar para dormir. Imagino que caminhamos uns quarenta km sem nenhuma direção. Descarregamos os animais e Oscar monta a cavalo para investigar os arredores e para encontrar um pouco de água, mas depois de aproximadamente meia hora volta mais desconsolado do que nunca porque nem sombra de água. Pego um cavalo, monto-o e, com um “balde”, vou também procurar água em uma outra direção, mas o animal exausto cai, então, depois de tê-lo amarrado, continuo a pé, procuro em todos os lugares, mas nada de água. Um veado atrás de um arbusto, há uns quinze metros, escapa amedrontado; poderia tê-lo acertado, mas deixei-o escapar, procurava água e nada mais, mas por azar meu tive que voltar sobre os meus passos desiludido e confessar aos meus dois companheiros que tínhamos que ter paciência porque, com toda a certeza, nos procuraríamos.

À noite escutamos um tiro à distância ao qual respondemos, e assim o guia finalmente nos encontra e nos leva ao novo acampamento. Para o começo, nada demais, porque todos mais ou menos perderam a direção certa.

20 de agosto

A marcha de hoje foi feita com mais regularidade e, excetuando a inevitável queda dos animais, correu tudo bem, o terreno desta vez foi percorrido tendo em vista as incursões dos Chavantes, por isso recomendou-se a marcha em conjunto, pois no dia anterior já tinha sido avistada fumaça ao longe e isto indicava que os índios se encontravam naquelas paragens. Durante a marcha encontramos as primeiras pegadas de Chavantes, porém notamos que eram pegadas pequenas, ou seja de crianças e isto nos tranquilizou, porque eles não nos atacariam. A marcha torna-se cautelosa e todos observam com desconfiança os vários “capões” isolados que se alternam na imensa planície. Eu, Feltem e outros dois companheiros permanecemos isolados ou melhor “atrasados” em aproximadamente 1000 metros, devido a uma mula que estava mal e caminhávamos alertas com a arma sempre pronta, porque 4 homens eram bem poucos, se os Chavantes nos atacassem. Entre um “capão” e outro avistamos um “chavante” que quase se arrastava pela grama, tínhamos a impressão de que eles se preparavam para nos atacar em algum lugar a eles favorável, mas por sorte nossa, ainda que sempre seguidos, chegamos à margem do rio Cristalino, onde os companheiros nos esperavam ansiosos. Este rio honra o seu nome de batismo, porque as suas águas são límpidas e, mesmo nos pontos mais fundos, consegue-se ver seu leito. A sua nascente é acima do “Registro” e a sua foz é no rio Araguaya, no meio do caminho entre Leopoldina e a ilha do Bananal. Nas suas margens existem vários lagos pequenos, que

parecem verdadeiras jóias aquáticas, a mão do homem nunca poderia alcançar a perfeição destes cenários, parece que estamos vendo um conto de “fadas”.

21-22 de agosto

O acampamento está situado na praia do rio Cristalino e aqui o cardápio enriquece-se de carne de caça: porco do mato, cervos, jacutinga e peixe, especialmente “pirarara”. De noite, a guarda é dobrada e todos dormem com as armas sempre preparadas, porque escutamos na floresta densa, gritos de animais e assovios de passarinhos, que ainda que sejam imitações muito bem feitas, sabemos que são produzidas pelos Chavantes que procuram desta maneira atrair algum caçador afoito e depois matá-lo a golpes de “borduna” (borduna é um cacete grosseiro, que os Chavantes fazem da raiz de certas árvores, por ex. aroeira, angico, que são muito resistentes e pesados, e basta uma bordoada para quebrar a espinha dorsal de qualquer mortal). Nós porém freamos todo instinto de caçador inexperiente e se recomenda a maior cautela para só assim evitar ações sempre funestas.

23 de agosto

Dois nossos companheiros, o Tte V. Malet e o garimpeiro João Bahiano, afastando-se bastante, quase foram cercados e se não levassem consigo armas e cavalos, talvez não estivessem vivos. Fizemos uma “tapagem” no rio e assim pegamos peixe à vontade, especialmente “corimbata” ou papa-terra. (Estes peixes vivem quase sempre no fundo do rio e não abocanham o anzol, sendo assim, só com redes ou outro engenho para poder pegá-los, porém tem um gosto forte de terra e não são muito agradáveis ao paladar).

24 de agosto

A jornada foi atormentada por um incidente entre Hortas e outros companheiros, mas por sorte tudo correram bem, incidentes como este são deploráveis, especialmente em uma expedição onde todos devem estar unidos para se tornarem fortes diante do perigo.

25 de agosto

O encarregado dos “mantimentos” era eu, porém, por incompetência de Francisco Brasileiro neste assunto, ficamos com poucos víveres, ou seja, farinha de mandioca, açúcar e sal. (Francisco Brasileiro é sub-chefe da expedição e como tal, ao invés de melhorar o avitualhamento, procurava reduzi-lo a zero, mais tarde entendi o seu motivo, mas no momento não posso entender tal procedimento. Terá ele razão? Foi sempre um mistério para mim). Café, não temos mais, mas por sorte eu tinha me abastecido de muito fumo e assim consolava-me. A situação dos expedicionários não é muito boa, os ânimos estão acerbados, porque se formam duas correntes contrárias, uma liderada por Francisco Brasileiro e a outra pela maioria contra os abusos contínuos que se praticam pelo bom êxito da expedição (é de se notar que Hermano não se encontra entre nós, mas ainda no porto Anhanguera no rio Araguaya). A comida escasseia, o descontentamento é geral, e todos procuram, acrescentando alguns, o “jatobá” e outros, os “palmitos”, alimentar-se da melhor maneira possível. A “picada” que Francisco Brasileiro mandou abrir do outro lado do Cristalino, de 3 km de comprimento aproximadamente, finalmente foi finalizada e foi encontrado um acampamento abandonado de Chavantes. Esta “rancharia” compõe-se de 23 palhoças muito rudimentares, que os índios constroem para uso temporário, algumas cestas

e várias peles foram recolhidas e ao voltar para o acampamento mataram um veado e embora estejamos todos enjoados de comer esta carne, mesmo assim foi apreciada. Oyama Rondon e Hugo Borgognoni estão com os pés inflamados e eu também queimei a planta do pé e agora estou mancando. Francisco Brasileiro está doente e manda 3 de nossos companheiros: Romero, Baceano e Paulo retornarem, acompanhados de 2 práticos, ao porto e de lá a S. Paulo. Eu também aprovei esta decisão, opondo-me apenas por Paulo, porque se encontra em um estado de fraqueza deplorável e continuar teria sido pior. Perto das 6 horas da tarde chegam ofegantes Vaz de Mello e Teodomiro Gomes da Silva que tinham saído a procura de caça e, ao grito de que os Chavantes os perseguiram, colocam o acampamento em polvorosa e todos pegam rapidamente nas armas e forma-se imediatamente um círculo defensivo. Ao mesmo tempo uma dezena de homens saem em exploração, mas os Chavantes, corajosos contra apenas dois homens, tiveram medo e fugiram embrenhando-se na selva.

26 de agosto

Durante a noite a guarda foi reforçada e os cães davam alarmes contínuos, porém nada aconteceu, os caçadores não se arriscam mais como se arriscavam antes e a caça é sempre mais escassa e conseqüentemente a comida é sempre mais limitada. Parece que até os peixes desapareceram e não nos resta mais que pegar a famosa "jacuba" de manhã e de noite. João Martins porém, de noite, nos presenteia com bonitos mutuns, que embora sejam bem poucos para 30 pessoas, mesmo assim trazem um pouco de alegria ao acampamento. Durante a noite, na minha hora de guarda, ouvi um rumor de galhos quebrando-se do outro

lado do rio e por mais que eu abrisse os olhos não pude ver os Chavantes que certamente estavam nos espionando.

27 de agosto

De manhã chegam três caçadores nossos que passaram a noite em um “barreiro” e que, ao retornarem, toparam com 4 Chavantes que fugiram apressadamente ao vê-los, abandonando algumas peles de veado e uma borduna que os nossos recolheram e tiveram a felicidade de matar um veado.

28 de agosto

Hoje tivemos mais sorte porque um veado galheiro, um porco do mato e 2 pirararas, 1 pintado e 2 jaós enriqueceram a dispensa e o estômago alargou-se bastante, e por isso hoje passamos muito bem. Durante a noite um odor nauseante nos ofende o olfato e deve-se a um grande jacaré morto há muitos dias e que agora se decompõe. Francisco Brasileiro, aconselhado pelo Dr. Arion Bueno de Oliveira, resolve mudar de acampamento e uma primeira turma de 15 homens parte na frente e, depois de uns quinze minutos, apressa-se a segunda, quando repentinamente 6 companheiros resolvem abandonar a expedição. De nada adianta querer dissuadi-los, estavam firmemente decididos e depois de um breve comunicado separam-se, retornando ao Araguaya. Waldemar Malet, Tte Vaz de Mello, Nadin, Francisco Simonini, Claudomiro e o irmão de Malet, com estes são 10 pessoas que a expedição perde, 6 por abandono, 3 mandados de volta e 1 expulso. O pé me dói ainda pela queimadura e tenho que esperar junto com Francisco Brasileiro que nos tragam os animais.

Anoitece e nós 2 sozinhos em terreno dos Chavantes, a situação não é boa, mas é necessário sujeitar-se à ocasião e além do mais uma urticária me incomoda e me causa um prurido maçante. Perto das 8 horas da noite, ouço alguns gritos e planejo a minha defesa e fuga, porque esta foi para mim uma das piores noites. Finalmente perto das 12 (meia-noite) chegam os animais de montaria e mais dois companheiros. Agora somos em 4, é mais fácil a defesa, mesmo assim passamos a noite toda acordados e prontos para tudo.

28 de agosto

Encilhamos os cavalos e partimos para alcançar os companheiros, o cavalo que monto de cavalo só tem o nome, porque é um amontoado de pele e osso e muitas vezes cai no caminho, do jeito que dá chegamos ao acampamento nº 5 próximo à uma “lagoa” quase seca e para beber água fazemos uma “cacimba”.

29/30/31 de agosto, 1/2 de setembro

Continuamos a esperar Hermano; a caça aqui se não é abundante, é ao menos variada, porque patos e marrecos, saracura e jaó não faltam. Eu, Feltem e Bilchens acampamos um pouco apartados para usufruir de um pouco mais de sombra, mas na madrugada do dia 30, o cão nos avisou que alguém se aproximava sorrateiramente. De fato no mato denso vemos correr sombras, pegar as armas e atirar na escuridão foi questão de segundos e assim nos demos conta de que permanecer separados era muito perigoso e, se não fosse o cachorro, teriam nos assassinado com a “borduna”. Sabemos muito bem que

nos seguem e nos vigiam os movimentos, mas às vezes facilitamos, porém resolvemos nos reunir ao acampamento geral, onde o perigo era menor.

3 de setembro

Hoje chegou o Angelo e nos deu a agradável notícia de que Hermano, Piza, Penteado e Junqueira tinham chegado ao rio Cristalino e que já se encontravam a caminho deste acampamento denominado "Lagoa do morro" Perto das 4 horas da tarde eles chegam e são recebidos festivamente, até por que todos estavam cansados de suportar o Ortiz e, com a chegada do chefe da expedição, muitos males seriam eliminados.

4 de setembro

Hermano decide excluir Ortiz e Oyama Rondon da expedição, notificando esta sua resolução a Francisco Brasileiro, que não queria de nenhuma maneira desfazer-se destes dois elementos. Porém a decisão foi tomada quase por unanimidade de votos e foi imprescindível manter a palavra. Depois das costumeiras bravatas, ameaçando meio mundo, afastaram-se para preparar a volta, mas, de noite, Ortiz veio choramingar e de nada valeram as suas lamentações.

5 de setembro

Todos estão mais dispostos e nota-se um bem-estar que antes não existia e aqui Chico junto com Angelo, Nobre e Silvio devem fazer uma expedição até o rio das Mortes. Hermano enquanto isso organizou novamente os serviços específicos de cada um.

6/7 de setembro

Festejamos o dia da independência do Brasil, hasteando as bandeiras brasileira e paulista. O arroz, feijão e farinha que Hermano trouxe melhoraram a comida por alguns dias. Francisco Brasileiro, voltando do rio das Mortes, nos diz que os Chavantes atravessaram o rio e talvez se dirijam às suas terras.

8 de setembro

O Dr. Arion, médico da expedição, aconselha a mudança de acampamento, porque a água da lagoa, graças ao contínuo banho dos cavalos, emana um odor pouco agradável e realmente há mais ou menos 6 km encontra-se um lugar adequado.

9 de setembro

O corpo todo me dói, talvez seja pela umidade excessiva e decido purgar-me e reforçar a dose de quinino, em três escalões alcançamos o novo acampamento denominado "Ponta da Serra Azul", onde a água é melhor e há mais sombra.

10 de setembro

Muitos animais estão exaustos e alguns com “pisaduras” e resolve-se que Chicão com 10 homens e 16 animais melhores irão até o rio das Mortes; enquanto isso os animais maltratados poderão descansar por alguns dias.

11 de setembro

Permanecemos em 16 homens neste acampamento e estamos à vontade; certos de que não há perigo. À noite recebo com satisfação notícias dos meus familiares através do rádio; nesta solidão é um grande conforto e assim a maioria dos meus companheiros recebem notícias dos seus entes queridos. Enquanto todos estavam em volta do radiotelegrafista, eu vejo fogo no declive de uma colina há cerca de 6 km. Aviso Hermano e todos concordam que só podiam ser Chavantes, a vigilância torna-se ativa, e marcamos para o dia seguinte um reconhecimento. O meu serviço obriga-me, às vezes, a uma energia exagerada, mas se faço qualquer diferença cria-se um problema maior, por isso, começando pelo Hermano, trato todos no mesmo pé de igualdade.

12 de setembro

A inspeção à colina foi adiada para amanhã, o dia transcorre sem novidades e pela primeira vez monto guarda; Hermano me excluiu deste serviço, mas como as condições do velho Garbi não são boas, tomo o lugar dele.

13/14/15 de setembro

Estes dias foram dedicados a explorar a Serra Azul e recolher espécies vegetais e pássaros para o museu de São Paulo, dos Chavantes nenhuma novidade, talvez tenham ido embora.

16 de setembro

Estamos de novo em marcha para alcançar Rio Preto, são aproximadamente 18 km. Foi penosa para mim esta marcha, um pouco o calor e um pouco o cavalo, que caiu umas cinquenta vezes, me esgotaram as forças.

17 de setembro

Outros 18 km e acampamos em uma clareira, que dou o nome de "Pouso do veado catingueiro". A canícula era asfixiante e tivemos que abrir uma cacimba de muitos metros antes de conseguir beber um pouco de água. Para o almoço, "churrasco" de veado catingueiro. É necessário um estômago de ferro para poder engolir uma carne como essa porque se sente a "catinga" a 100 metros de distância, mas não havia outra coisa e foi imprescindível engolir tal carne.

18 de setembro

De novo em marcha, sob um sol causticante, não sopra o mais leve vento, a natureza parece morta, para minha desgraça perdi o “cantil” e tenho que marchar com a garganta em brasas por aproximadamente 30 km. Esta marcha foi para mim a mais ingrata, é verdade que todos passaram sede, mas a maioria tinha bebido cada um o seu “cantil” de água, e eu tinha apenas provado um pouco de água que Acreano me deu. A uma certa altura pareceu que eu avistava, há uma centena de metros, água cristalina, mas era simples miragem, as pernas continuavam para frente como um autômato, tropeçando continuamente e quando finalmente chegamos ao rio das Mortes, me joguei na água de roupa e tudo porque a sede tinha alcançado o extremo da paciência. Este rio, que carrega um nome tão tétrico, é, na verdade, um belo rio, a sua largura neste ponto chega a 500 metros, as suas margens possuem uma vegetação vigorosa e isto permite maior caça de pássaros e animais, o peixe aqui parece mais fácil de ser apanhado e, se não fosse a falta de feijão, arroz e farinha, não teríamos do que se queixar. Agora começa a parte mais perigosa porque se entra nos territórios ocupados pelos “Chavantes” (ou, melhor dizendo, a terra que eles julgam impenetrável), homem civilizado algum jamais penetrou neste lugar, para nós também completamente desconhecido. O embrenhar-se nas nossas condições era perigoso, então decidiu-se que Chicão, Freitas, Nobre e Angelo retornariam até o sítio do Angelo, próximo ao Araguaya, para buscar novas provisões. Esperando que os companheiros voltem, Hermano procura um vau para os animais e uma passagem melhor na floresta. Um incidente quase fatal acontece ao nosso amigo João Bahiano, João Martins ao pulir uma arma faz disparar um tiro e o fere no cotovelo com penetração e saída da bala no antebraço. Por sorte o socorro médico imediato reanimou o ferido. Verificamos também que os

Chavantes atravessaram o rio há cerca 30 km abaixo, a época é propícia para a desova de “tracajás” e tartarugas, por isso eu e dois companheiros resolvemos esforçar-nos para obter alguns ovos. Após termos subido o rio por uma dezena de quilômetros, descobrimos em uma praia, uns 350 ovos em três ninhos de “tracajás”, encontramos também uma “onça pintada”, mas escondeu-se rapidamente dos nossos olhares, um mutum enriqueceu as nossas provisões. O dia não foi perdido e com a nossa chegada ficaram todos muito contentes. Passaram 15 dias e finalmente as nossas provisões chegaram com os portadores. Hermano faz uma divisão justa da farinha, da rapadura e ovos e procuramos um vau melhor, que é encontrado há uns 15 km abaixo.

8 de outubro

Retomamos a marcha para o norte na nova passagem, o rio aqui atinge 400 metros de largura.

9 de outubro

Somos constrangidos a diminuir a marcha ao mínimo, um dos nossos animais desapareceu e com este são já 2 animais de carga e 3 cães que desaparecem, a “borduna” e as flechas dos Chavantes os mataram. Com esforço incrível atravessamos os cavalos e a carga reduzida ao mínimo, mas uma nova surpresa nos esperava: outros 4 cavalos desaparecidos, então permanecem 5 homens para ir ao encalço dos animais e Hermano e 20 homens iniciam a penetração em solo virgem. O que nos reserva o futuro? Segundo as indicações da vanguarda avistaram-se montanhas à distância. A vegetação aqui é mais rica

e, depois de termos caminhado cerca de 6 km na floresta virgem, saímos nos campos, onde a grama ainda se ressentia das “queimadas” dos índios. Acampamos depois de 12 km em um capão que denominamos “capão bonito”, somos obrigados a abrir uma cacimba de 2 e meio para poder beber um pouco de água, hoje não foi morto nenhum animal, e pensei que pudesse existir maior riqueza em animais selvagens. Cada um recebeu na divisão dos mantimentos no rio das Mortes 4 litros de farinha e 1 rapadura, o cálculo é para 30 dias.

10/11 de outubro

Todos prontos, mas outros 4 cavalos desaparecem. Talvez não tenham vontade de conhecer os Chavantes e pegaram o caminho inverso, mas Hermano para não atrasar a marcha manda na frente 11 “cargueiros” entre os quais o meu. Somos em poucos e para mim, por cúmulo da desgraça, o mosquetão não funciona regularmente, estou em uma fria, posso cair na boca do leão. Depois de uns dez km, fizemos um “pouso” em um outro “capão”. Enquanto eu escrevo estas linhas embaixo do mosquiteiro, senão os borrachudos não me dão paz, os meus companheiros estão perfurando uma “cacimba” e atingiram os 3 metros e meio e nada de água ainda.

12 de outubro

A cacimba nos desiludiu ontem completamente, à noite todos estavam sedentos e ninguém conseguia dormir com a garganta seca, mas para a nossa sorte, o céu encheu-se de nuvens e despencou um aguaceiro benéfico, a lona foi rapidamente estendida e, embora a água tivesse um gosto ótimo, não dávamos o tempo para enchê-la. Era necessária porém

água para os cavalos e fomos constrangidos a chegar à profundidade de 5 metros e assim finalmente se recolheu um pouco de água. João Marius convidou-me a procurar cajús silvestres e realmente nesta zona existiam muitos. Comi à vontade e ao voltar, todos os nossos companheiros colocaram-se à procura desta fruta. A caça desapareceu e os caçadores encarregados da procura retornam sempre de mãos vazias e a reserva diminui a olhos vistos, por sorte encontra-se mel bom, mesmo que tirado com muita dificuldade, porque as abelhas não costumam ser molestadas, mesmo assim o resultado paga o serviço. Terrivelmente dolorosa é a picada, mas o mel, além de ser delicioso, revigora as nossas forças.

13 de outubro

Fabio Fabiano Alves (sabe tudo e afinal não sabe nada) foi mordido por uma cobra venenosa e, se não fosse a injeção antifiodica, teria ido dessa para melhor. Perto das 6 horas da tarde chega Hermano que ficara no pouso anterior e nos traz a ótima notícia de que um missionário se agrega à nossa expedição. Este missionário, Padre José Nunes subia, junto com o padre Chovelon, o rio das Mortes e, por acaso, encontrou-se com Chicão e os outros que procuravam os animais desaparecidos nas margens do rio, e então por abnegação ofereceu-se a acompanhar-nos, sendo sempre bem aceitos aqueles que, com a palavra e com a fé, trazem a luz a estas florestas.

14 de outubro

Chega o Padre Nunes e um tal de José, seu ajudante, acompanha-os o Maranhense. Padre Nunes é agradável e percebe-se que é um homem habituado aos dias duros do sertão. Presenteou-nos com 2 kg de aveia e cerca de 200 ovos de tartaruga. A comida melhorou porque no almoço misturamos meio quilo de aveia e 4 litros de farinha de mandioca que preenchem um pouco o vazio do estômago. Sai com Martins e, embora os famosos cajus rasteiros não fossem tão abundantes como da primeira vez, satisfez-nos o achado. Candido matou um gavião e, quando subia na árvore para retirar o pássaro morto, preso entre os galhos, encontra no seu ninho um ovo, que placidamente cozinha e come.

15/16 de outubro

Depois da habitual procura de animais desaparecidos colocamo-nos novamente em marcha, desta vez tenho dois cargueiros e um animal escoteiro porque muito maltratado e conseqüentemente o meu trabalho duplica e depois de 12 km chegamos a um terreno pantanoso que nomeio pouso do Burity, pela abundância destas árvores.

17 de outubro

Padre Nunes celebra a primeira missa nessas paragens, mas infelizmente pelos longos períodos de vigília, não me dei conta dos preparativos e acordei depois de que já ter acabado o culto religioso. Há 3 km do acampamento foi encontrada uma “aldeia” provisória dos Chavantes e que recentemente tinha sido abandonada; estes selvagens nos seguem

sempre, mas são invisíveis. O terreno é montanhoso e isto nos indica que estamos próximos da formosa serra do Roncador. Em uma exploração de Nébias não se conseguiu encontrar uma passagem, devido à impenetrabilidade de uma imensa floresta, mas amanhã se tentará, mudando um pouco a rota, encontrar uma nova passagem. Chegou também René Nobre, que tinha ficado em rio das Mortes e nos disse que a mula (Paulina) não tinha sido encontrada, uma outra vítima dos Chavantes que procuram assim enfraquecer a expedição.

18 de outubro

Três homens partem para explorar a nova passagem através da serra, no acampamento a situação dos víveres é crítica, agora tudo acabou, poucos litros de farinha de mandioca para 30 homens e sou obrigado a diminuir a ração a “3 canecos”, fazendo um “pirão” com carne de veado. A minha situação é embaraçante porque Hermano encarregou-me das divisões e noto em todos os rostos uma angústia na hora da refeição porque 3 canecos de farinha e um veado por dia servem apenas para enganar o estômago. Felizmente todos compreendem que pedir um caneco a mais é impossível e se conformam com a situação. O fundo do caldeirão tem sempre pretendentes e contento a todos um pouco, todos os dias um pouco de cada vez, todos mendigam um “choro”, que nem sempre é possível dar.

19 de outubro

Hermano, vendo que o meu trabalho exige muita calma e paciência, me dá Acreano, para que este conduza o meu cargueiro e assim posso andar mais rápido e sem impecilhos

nas próximas marchas. Depois de aproximadamente 9 km, paramos à margem de um riacho, onde fazemos um café aguado, adoçado com mel, tirado com muito sacrifício naquele lugar e se recolhem alguns palmitos (guariroba). Depois de um breve repouso, retomamos a marcha e acampamos às margens de um outro riacho a aproximadamente 9 km do primeiro. Descarregamos os animais e aprontamos o acampamento, mas improvisamente vê-se fumaça levantando-se, em diversos lugares, à distância de 2 km mais ou menos, Piza, em cima da árvore, verifica que o fogo se estende pelas imensas planícies ao nosso redor e à distância vêem-se montanhas em forma de um jacaré. Enquanto tomamos providências para um contra-fogo ou acero e manda-se um grupo para explorar, uma chuva inesperada e torrencial apaga o fogo com que o Chavantes tinham, com tanta confiança, tentado capturar-nos ou impedir a nossa penetração.

20 de outubro

Damos um pouco de repouso aos animais e um grupo vai na frente procurando explorar o terreno, a caça se faz cada vez mais difícil e nos alimentamos com palmitos.

21/22/23 de outubro

Três burros fazem com que percamos inutilmente 3 dias nesse acampamento porque não conseguíamos encontrá-los. A comida é um caso sério, divide-se um veado em dois dias, uma ema acabou no caldeirão e os palmitos dos arredores estão já derrubados e nos sobram palmitos amargos como o fel, mas devemos agradecer a Deus porque alguma coisa ainda encontramos. Emagreci muito assim como todos os companheiros, alguns estão

magérrimos e parecem esqueletos. Nébias vem choramingar que as suas forças dimuíram e que não tem coragem de continuar, procuro confortá-lo e o ajudo no que posso, e faço com que ele compreenda que uma ração maior é impossível, porque 60 olhos ávidos e magros me observam quando divido as rações. Conforto-o e dou-lhe coragem, prometendo-lhe alguma fuga do regulamento, porém às escondidas.

24 de outubro

Padre Nunes reza a missa e todos escutam em silêncio, a comida é agora o elemento essencial e tudo corre bem, excetuando alguns elementos nocivos que por ambição se encontram, ou melhor dizendo, acampam separados do grupo de Hermano. Mais tarde Hermano tomará providências enérgicas e decisivas. Os nossos corpos suam pura catinga de veado, todos os objetos fedem a veado, mas dou graças a Deus que, ainda que pouca, não nos falte absolutamente esta carne.

25 de outubro

Continuamos em frente e recomenda-se a Chicão e Angelo que vão na vanguarda encontrar para nós alguma caça. De fato em um buritizal encontramos dois veados, decidiu-se fazer uma parada e, repartido um churrasco com um pouco de mel tirado de um arapuá, continuamos e depois de um total de 10 km, acampamos às margens de um riacho.

26 outubro

O acampamento é bom, mas a água é ruim e não há o tormento dos “borrachudos”. Em um reconhecimento de Chicão, Angelo e Nobre encontraram-se indícios seguros de que a “aldeia dos Chavantes” não deve estar muito longe, porque eles encontraram vestígios básicos de trincheiras. Organizou-se um grupo de 20 homens para uma surpresa na aldeia Chavantes, às 3:20 partimos com emoção indizível e Hermano recomendou aos 10 que permaneceram que, se ao 3º dia não recebessem notícias nossas, retornassem em marcha forçada ao Araguaya para assim salvar pelo menos o material recolhido. Marchava-se em silêncio, não sabíamos quais dificuldades poderíamos encontrar e quais e quantos retornariam. Depois de ter atravessado dois riachos, acampamos em um bosque sob chuva insistente até as 2 da manhã. O nosso café da manhã reduzia-se a carne de veado e farinha na grossura de um punho. O que fazer, apertar o cinto, e todo ensopado e de barriga vazia, pensava que não há melhor tratamento para emagrecer do que o sistema que atualmente adoto contra a minha vontade

27 de outubro

Depois da habitual água amargosa e feito um pequeno lanche, retomamos no escuro a marcha; perto das 4 avistamos a famosa serra do Roncador e já estávamos “trilhando” o caminho da aldeia. A um determinado momento, sobre um lugar alto, Hermano decidiu que eu, Nebias e Piza, fóssemos localizar um ponto por assim dizer estratégico e, caso os Chavantes fugissem com a aproximação do grupo, eu deveria filmá-los. Ordem é ordem e com o coração na mão, especialmente Nebias que estava muito abatido física e moralmente,

procurou protestar, mas depois percebeu que era inútil uma recusa. Angelo era o nosso guia e abandonamos o grupo e depois uma maratona, quebrando arbustos e enlameando-se todos nos “corixos”, Angelo, depois de tanto perambular naqueles labirintos de arbustos, não conseguiu encontrar mais o ponto preciso e de repente, quando se estava decidindo sobre o que fazer, ouvimos uma gritaria do outro lado do vale. O momento era trágico, não se enxergava a 10 metros, Angelo, o único que estava a cavalo, pula imediatamente para o chão e nós quatro, pelo período de aproximadamente 5 minutos, respirava-se apenas, com o dedo no “gatilho do mosquetão” e com o ouvido atento a qualquer leve rumor. Cinco minutos de espera que para nós pareciam eternos e depois, um pouco mais encorajados, resolvemos voltar atrás e alcançar os companheiros. Unidos ao grupo, retomamos a marcha em silêncio e perto das 6, deixados os animais aos cuidados de Penteado, Marins e Nobre, continuamos procurando o trilheiro mestre. Já clareava quando, de repente, a um rápido sinal de Chicão, ficamos de gatinhas, 4 Chavantes passaram a uma distância de aproximadamente 150 metros e caminharam despreocupados não apercebendo-se de nós. Imediatamente tomamos o caminho inverso dos 4 Chavantes, certos, então, de encontrar a aldeia. Tínhamos caminhado cerca de 1 km, quando na mesma “trilha” apareceram na nossa frente alguns Chavantes que começaram logo uma corrida apressada e nós correndo atrás dos fugitivos. Atravessado um riacho e subida uma colina, encontramos-nos no meio do círculo central da aldeia dos Chavantes. O pânico era geral na multidão de indígenas, gritos guturais e lamentos se elevavam na confusão da fuga, mulheres, crianças e velhos, todos fugiam emitindo gritos ensurdecedores; o nosso aparecimento instaurou a desordem e o terror entre estes seres que pela primeira vez viam surgir gente nossa. Estavam todos completamente nus e de nada valeram os nossos sinais de amizade, enquanto as máquinas cinematográficas e fotográficas funcionavam. Os Chavantes, depois que as mulheres, os

velhos e as crianças, entraram nos bosques adjacentes, alçaram um grito (cuidado com as flechas) e de fato uma chuva de flechas caía ao nosso redor, procuramos cada um de nós um local mais seguro e os índios, vendo que era inútil qualquer tentativa de nos atingir, aquietaram-se. Hermano dera ordem para não matar e nem mesmo atirar a não ser em caso de legítima defesa. Observando a quietude dos indígenas que tinham se escondido atrás das suas cabanas, achamos que eles tivessem compreendido as nossas intenções pacíficas, nos enchemos de coragem e saímos dos nossos esconderijos naturais. Tratava-se porém de um engano nosso porque a chuva de flechas recomeçou e agora vindo de todas as partes, estávamos cercados e não havia outra possibilidade a não ser usar as armas, mas Hermano pronto com os fogos de artifício, soltou um rojão de 3 tiros, no assovio poucos se impressionaram, mas, quando os 3 tiros ressoaram no céu, assustaram-se e fugiram para a mata. A aldeia estava completamente abandonada e fizemos uma vistoria rápida às cabanas em número de 19, em forma cônica e dispostas em círculo; de estrutura sólida e com uma única abertura e porta baixa. Internamente cheias de esteiras de palmeiras entrelaçadas que lhes servem de cama e no centro algumas pedras para o fogo, 3 araras, muitos periquitos e papagaios, 3 cães de raça comum, talvez roubados nas suas incursões por aí e 1 galo, várias “panelas” de barro, 1 aro de ferro (certamente roubado), um instrumento musical (sistema de um clarinete), milho tostado (minuto), bocayuva, burity, pequenas abóboras e espécie de batata nativa. Toda uma coleta indispensável para o museu de São Paulo, deixamos nas várias cabanas espelinhos, canivetes, colares de vidro e alguns facões em troca daquilo que tiramos, e, depois um outro rojão para poder ter o caminho livre, retomamos sobre as nossas pegadas. A nossa sorte deveu-se sobretudo à surpresa e a termos encontrado só uns quarenta homens na aldeia, encontrando-se o restante na caça ou procurando frutas. Pelo número de cabanas, 19, e como geralmente em cada uma vivem 4 famílias, em um total de

16 pessoas, calculo que a aldeia deve ter, em um cálculo aproximado 400 pessoas. Uma das missões mais difíceis resolveu-se sem perda de vidas de ambas as partes, estes índios que aterrorizam com as suas incursões os poucos habitantes e garimpeiros do Araguaia, sem contar o massacre que realizam sobre os índios Carajás da ilha do Bananal, os quais estão, embora ainda no estado primitivo, já submetidos aos civilizados; os indomáveis Chavantes tinham sido finalmente visitados em um dos tantos (clã) núcleos que provavelmente possuem neste sertão. Voltamos todos alegres e satisfeitos pelo resultado feliz, que jamais imaginaríamos resolver com tanta facilidade, tomamos porém as nossas precauções porque não era difícil que os Chavantes, ausentes da aldeia, retornassem rapidamente para proteger as suas habitações. De fato, encontramos alguns índios que, quando nos viram, ficaram tão assustados que se jogaram com o máximo esforço no mais denso da mata próxima. Chegamos na clareira onde estavam os cavalos com três homens de vigia, alegraram-se imensamente do resultado e apenas um pouco entristecidos por não terem podido participar da expedição na parte final, porém não faltou para eles a aparição de Chavantes que, fugindo, quase que se infiltraram sem perceber em meio aos cavalos, assim tiveram eles também o prazer e o choque de vê-los de perto. Em uma marcha forçada, chegamos ao acampamento exaustos e mortos de fome, onde os 10 companheiros que permaneceram, estavam ansiosos pelo nosso regresso. Esperávamos que os Chavantes tivessem compreendido que a nossa incursão à tribo, mesmo que de surpresa, não tendo tocado nos animais e objetos valiosos para eles, excetuando alguns artigos indispensáveis para o museu de S. Paulo, que trocamos com várias quinquilharias, estivessem convencidos que o nosso proceder era pacífico e que não se desejava o mal. Puro engano, porque perto das 16 o Maranhense, que estava recolhendo os animais, vê uns vinte homens que, depois de ter flechado um cavalo, voltaram contra ele a própria ira. Por sorte o Maranhense que estava a

cavalo, respondeu com três tiros de mosquete para amedrontá-los e correu até nós dando o alarme. Ao perigo iminente, todos abandonam as redes e correm às armas porque, ao mesmo tempo, um outro grupo fora visto atrás do acampamento. Organiza-se a defesa e lançamos ao ar o famoso rojão. Patrulhamos o terreno em diversas direções e nos certificamos que a explosão do rojão os havia, mais uma vez assustado. Na verdade foi uma surpresa que francamente não esperávamos e padre Nunes, que participou da expedição à tribo, também maravilhou-se e só assim chegamos à compreensão que estes homens primitivos, que não querem jamais submeter-se ou ter contato de qualquer espécie com homens civilizados, eram uma raça cruel e feroz e só com muito sacrifício poderá ser catequizada. A penúria da caça é enorme, graças também ao fato de que os Chavantes, essencialmente caçadores, reduziram esta zona a quase desertos de espécies animais. Muitos, ou seja, a maioria não se animava a afastar-se muito do acampamento, sentíamos com o nosso olfato, pelo excessivo extrato de “urucum” que os índios passavam pelo corpo, que eles rondavam por entre os arbustos e a mata; porém o estômago reclamava um urgente revigorante e resolvemos aproveitar a carne do esquelético cavalo que os Chavantes tinham matado com 4 flechadas. A todos repugnava uma carne tão magra e dura, mas não havia outra coisa em vista e depois de tê-lo manteado e dado alguns pedaços para um dos cachorros, tão esfameado quanto nós, e verificado que o cachorro não dava sinais de envenenamento, foi distribuído um abundante churrasco, não tendo sido poupado o coração e nem o fígado do infeliz animal. Apenas cinco homens, embora esforçando-se, não puderam engolir tal carne e são eles: o Jorge Junqueira, o Penteado, o Oscar Leite, o Acreano e o Maranhense; que foram obrigados a catar palmitos.

28 de outubro

Passamos a noite com sentinela reforçada e passamos bem porque a carne de cavalo tinha resolvido o problema da alimentação por ao menos uns 3 dias. A jornada transcorreu tranquilamente e então o Chicão, o Angelo e o Schnoorr saem em reconhecimento. À noite eu, padre Nunes, Nebias, Glaser e Fabiano, que estávamos acampados do outro lado do córrego, fomos impedidos de reatrevessá-lo porque uma chuva torrencial, que durou aproximadamente 4 horas, inundou o nosso refúgio e tivemos que nos submeter a um banho forçado, não poupando nem mesmo as redes e tivemos que passar a noite na umidade e ensopados; acender um fogo era impossível porque a água inundava tudo até os joelhos. Os companheiros do outro lado do córrego, passaram também horas trágicas e como nós ficaram como pintos molhados.

29 de outubro

O dia se apresenta com um céu nublado, com probabilidades de melhora, o sol não saiu e nós tínhamos tanta necessidade de enxugar-nos um pouco, mas por sorte as águas abaixaram e conseguimos acender um bom fogo. Penteadó que de carne de cavalo não quer nem saber, entra na mata e colhe alguns palmitos. Ele sempre previdente e era aquele que nunca abandonava a arma, bem hoje uma flecha pérfida fincou-se acima dos seus rins, e, ao sentir-se atingido, correu apressadamente ao acampamento distante uns 200 metros, com a flecha enfiada na carne. Enquanto um grupo de 15 pessoas corria em direção à “tocaia” preparada pelos Chavantes, o médico Dr. Arion fez o curativo de emergência ao ferido, a

sorte quis que não tivesse penetrado na cavidade, mas apenas na parte carnosa da espinha. Chicão e os companheiros não voltaram ainda é quase noite e estamos preocupados.

30 de outubro

Hermano fez irradiar em São Paulo a necessidade premente de um pedido de mantimentos porque a nossa situação a cada dia tornava-se mais crítica e todos cobiçavam as carnes dos pobres quadrúpedes que eram obrigados a pastar a pouca grama em volta do acampamento. Perto das 2 da tarde chega Chicão e companheiros e, chamando Hermano à parte, fazem com que ele compreenda que continuar e transpor a serra do Roncador era uma loucura porque, na sua exploração, tendo os melhores cavalos, não puderam superar o imenso maciço de serra, e que nos pontos onde podia oferecer um melhor resultado na transposição, os seus cavalos escorregavam incapazes de trepar naquelas montanhas. Avistaram do alto de uma colina uma larga picada que cortava o imenso planalto e que centena de pegadas de Chavantes dirigiam-se para reforçar a tribo por nós visitada. Discutiram os prós e os contras de uma tal tentativa e resolveram mandar de volta os animais com todo o material recolhido e alguns homens até o Araguaya. Os restantes que permaneceriam seriam bem abastecidos de munição e tentariam escalar e passar através da tribo dos Chavantes e chegar ao rio Xingu e de lá a Cuyabá. O projeto era temerário porque os Chavantes não nos dariam paz e em uma reunião a que todos foram chamados para expor as próprias idéias, a maioria optou pelo retorno. Nesta reunião, agrupados em torno de Hermano, dentro da barraca de lona, percebi o quanto era grande o desejo de voltar, cada um aludia a uma causa para justificar a impossibilidade de prosseguir e excetuando Hermano, Glaser, Penteadó, Marins e este que escreve, todos eram favoráveis ao retorno

imediatamente, porém ninguém quis dizer as verdadeiras razões para um tal estado de ânimo, que era o temor de não superar o jejum cada vez maior e o medo de ser trucidado pelos Chavantes. Em cinco homens apenas era uma loucura atravessar a serra, era expor-se a uma morte certa e tivemos que concordar com os demais em retornar.

31 de outubro

De má vontade retorno junto com os outros e caminhamos velozmente e pulamos um pouso, acampando no pouso do burityzal depois de aproximadamente 22 km. O calor era sufocante, mas uma tempestade providencial acalmou durante a marcha a temperatura cálida; Bahiano teve uma congestão de curta duração; esta marcha foi muito penosa para mim porque cheguei exausto.

1 de novembro

Divido agora com o padre Nunes e Nebias uma barraca de campanha que o salesiano leva consigo e nos reparou de madrugada de um outro temporal. Estamos passando pelo período das chuvas e devemos nos habituar a elas. Ao retomar a marcha, faltaram 4 animais e Hermano, para não perder mais tempo, mandou que os homens prosseguissem caminho. Hermano e outros cinco retomamos o caminho depois de três horas de procura incessante. O terreno que atravessamos agora está completamente alagado e seguimos dentro da água até quase o joelho por aproximadamente 3 horas; os cavalos cargueiros afundam a todo o momento e foi um milagre termos saídos ilesos daquele pântano; caminhamos sem parar e assim, depois de quase 40 km, chegamos à picada que se

abre para chegar ao rio das Mortes. Na floresta, há aproximadamente 8 km antes de chegar ao rio, vê-se o chão cheio de casca de palmitos. Aproveito eu também para fazer uma boa colheita, comendo-os assim mesmo crus, como de costume. Perto das 18 horas chego, junto com o Dr. Arion, Acreano e Bahiano ao rio das Mortes, onde a maior parte já estava acampada. Aqui quase aconteceu uma questão grave, porque o famoso grupo nº 2, capitaneado por Chicão, tinha cozinhado uma pirarara, não repartindo-a com o restante. Estes se queixaram quando eu cheguei e como o encarregado era eu, queriam a todo custo que um rabo de jacaré não fosse repartido com a turma de Chicão, fiz com que eles observassem que isto podia ter funestas conseqüências, aconselhando-os a protestar com Hermano quando ele chegasse. Hermano, ao tomar consciência do que acontecia, aconselhou-os a ter paciência, porque aqueles que agiam assim seriam mais tarde castigados pelo proceder pouco correto usado com os seus companheiros. Hermano resolve mandar um grupo à ilha do Bananal: Dr. Arion Bueno de Oliveira, Arnaldo Octavio Nebias, engenheiro, Carlos Felten, cinematografista, Fabio Fabiano Alves, botânico, Darcy Bandeira de Mello e este que escreve; temos que descer o rio das Mortes na canoa de lona até a ilha do Bananal. Viagem semelhante em uma barca de lona sobre um rio desconhecido é arriscado porque, afora o perigo de furá-la em um pedaço de madeira, existem também os Chavantes e as feras que aumentam o desconhecido e o perigo de uma viagem assim. Uma pirarara e um rabo de jacaré foram a nossa comida de hoje.

2 de novembro

Hoje trabalhamos intensamente no transbordo da carga e dos cavalos para o outro lado do rio das Mortes, os animais, já muito maltratados, sofriam ao atravessar o rio e dois morreram afogados.

3 de novembro

Dia magro esse também, não encontramos caça e comemos apenas palmitos.

4 de novembro

A canoa de lona nos espera e esta manhã o Maranhense nos presenteou com um veado que vai parar imediatamente na lata de gasolina (panela), a fome é um caso sério e todos observam ávidos os ossos sem carne do veado e Dr. Arion, Feltem, Bilchen, Bahiano e Maranhense, Teodomiro, Nebias, me rodeiam e me pedem para favorecê-los com um osso. Contento-os e os deixo roer os ossos. O dia porém se mostrava feliz porque 3 pirararas, três veados, dois tatus enriqueceram a nossa alimentação, encontrei também frutas silvestres, bacupari, fruta babão, cambuí.

5 de novembro

Depois das costumeiras recomendações de Hermano, despedimo-nos dos amigos de desventura, entramos em nossa canoa à procura da ilha do Bananal. Depois de

aproximadamente 40 km fizemos o primeiro pouso e matamos uma capivara, que foi muito bem aceita por todos. Dormimos na areia com a barriga saciada de capivara.

6 de novembro

Darcy teve uma discussão áspera com Feltem e Fabiano com o Dr. Arion (Darcy tem sido o pior elemento que a expedição trouxe consigo, homem sem educação, vaidoso e imprestável para qualquer serviço) (Fabiano podemos incluí-lo entre os desequilibrados), enfim eram duas pragas que os Chavantes teriam recusado porque fedem demais.

7 de novembro

No terceiro dia de viagem encontramos um ninho de ovos de tartaruga.

8 de novembro

Sem novidades hoje também, exceto a fome que se faz presente.

9 de novembro

O nervosismo se apodera dos meus companheiros, Darcy torna-se intratável e Fabiano também, hoje uma outra vez nada de novo no estômago.

10 de novembro

Hoje dois minúsculos macacos e um marreco acalmaram um pouco o estômago.

11 de novembro

Bem animados e com a esperança de atingir a meta, retomamos a viagem, 2 patos foram a nossa comida, os ânimos estão irritados e nos tornamos um tanto esqueléticos.

12 de novembro

Durante a noite um jacaré levou embora minha “muamba”, mas, por sorte, abandonou-a na água, mas em lugar onde esta não corria, tal brincadeira custou-lhe a vida e o seu rabo acabou na panela. Todos sofremos de diarreia, que deve-se ao próprio caldo que se bebe.

13 de novembro

Todos estão exaustos e Feltem, Nebias e Arion chegaram a um estado de dar pena. Feltem teve uma tontura e teve que ser substituído nos remos, comemos alguns palmitos e encorajo Nebias, Feltem, Fabiano e Darcy que procurem como eu e o o Dr. Arion.

14 de novembro

Só um marreco veio palitar nossos dentes, se continuamos assim logo alguém, ou mais de um, irá para o outro mundo.

15 de novembro

O espectro da fome torna-se mais cruel. Arion, Feltem e Nebias estão exauridos. Darcy, Fabiano e eu, ainda que fracos, apelamos a todas as nossas energias para tentar chegar ao Araguaya, faz onze dias que estamos viajando e estamos reduzidos a esqueletos. Atracamos em uma barranca devido a um temporal e resolvemos em um último esforço procurar algum alimento. Eu, Arion e Feltem saímos a procura de qualquer coisa e eu e Arion encontramos algumas frutas de bacupari e Feltem, com mais sorte, matou um veado. Acredito que poucas vezes foi tão festejada a sua chegada com a boa presa, aproveitou-se tudo: o sangue, o fígado, a cabeça, enfim tiramos a sua carne até os ossos; um verdadeiro banquete e mais comíamos, mais queríamos comer. À noite, vimos uma canoa, que logo reconhecemos ser de índios Carajás, que se acercaram e nos informaram que o Araguaya estava próximo. A nossa alegria foi imensa e resolvemos alcançar o Araguaya; os dois Carajás nos presentearam com uma melancia que nos pareceu açúcar. Após termos agradecido e lhes dado um pouco de sal, atracamos em uma das praias do rio Araguaya, onde dormimos uma das nossas melhores noites.

16 de novembro

Bem descansados, chegamos ao primeiro núcleo de índios Carajás, comandados por um certo Maluá, nos receberam bem e vendo que estávamos famintos, deram-nos batatas silvestres (a-tá), algumas melancias e carne de pirarucu. Encontramos nesta aldeia de passagem o Sr. Lucio que possui uma fazenda no rio Araguaya denominada “Mato Verde”. Depois de ter agradecido os bons Carajás, chegamos a Sta Izabel, onde encontramos poucos índios (Sta. Izabel era, antes que se extinguisse o posto de “proteção aos índios”, uma florescente colônia de cerca de 300 índios, agora, ao contrário, só se vêem ruínas e escombros) e onde encontramos novamente o Sr. Lucio, que viaja por terra a cavalo e que nos presenteou com um almoço com arroz e uma tartaruga. O arroz parecia açúcar e todos os meus companheiros compartilham da mesma opinião.

17 de novembro

Depois de uma noite sonhando almoços suntuosos, retomamos a viagem e depois de 12 km encontramos um outro aldeamento de índios e, prosseguindo chegamos à aldeia de Marraú. Nesta aldeia nos trataram como príncipes, pirarucu, oyty, piqui, tucum, enfim foi um verdadeiro banquete e nós não fazíamos nenhuma cerimônia. Nesta aldeia os Chavantes mataram o irmão do cacique, um tal Fontoura alguns anos atrás. Prometendo recompensá-los na volta, despedimo-nos dos caros Carajás e paramos em uma enseada, onde o primeiro civilizado, o sr. Arthur, adventista, recebeu-nos fraternalmente, o sr. Arthur, junto com sua mulher e mais dois civilizados habitam estas paragens, sacrificando a sua existência em benefício destes pobres Carajás, que eles procuram civilizar. Possuem uma casinha bem

localizada com várias comodidades e estão informados a respeito da expedição Anhanguera. Presenteiam-nos com uma rapadura cada um e um chá de erva cidrera, biscoitos de polvilho e bananas. Tanta maravilha divina, nos tornou maleducados, engulíamos tudo que podíamos e, o que bastaria para 30 pessoas, tornou-se quase insuficiente aos nossos estômagos famintos. O sr Arthur e senhora nos olhavam maravilhados e nós pedíamos desculpas por agir de maneira tão pouco civilizada, mas eles compreenderam o nosso estado e, ao rirem, encorajavam-nos ainda mais. Com o estômago quase estourando, retomamos a viagem, depois de ter agradecido efusivamente os nossos salvadores. Nesta viagem um forte vento obrigou-nos a ficar protegidos atrás de um “sarã” e acalmado o tempo, chegamos a Mato Verde, que é a fazenda do sr. Lucio.

18 de novembro

O sr. Lucio nos acolheu alegremente e depois de termos sorvidos um saboroso café e um cálice de pinga, conversamos durante muito tempo, planejando uma viagem a cavalo através da ilha do Bananal para atingir assim os aldeamentos dos índios Javahé, pertencentes porém à mesma família dos Carajás.

19 de novembro

O Sr. (Lucio) manda atravessar os animais à outra margem e também nós em uma canoa chegamos à ilha e nos colocamos em marcha. Acompanha-nos o sr. Lucio e um carajá como prático. A “Ilha do Bananal” é a maior ilha fluvial do mundo, o seu comprimento é de aproximadamente 540 km e a sua maior largura é de 150 km, campos de

criação de gado perdem-se de vista e nestes locais que futuramente serão povoados por centenas de milhares de bois, só existem atualmente cervos, gamos, antas e outros animais selvagens. À noite acampamos no Rionduho (córrego) com o traseiro dolorido de tanto cavalgar.

20 de novembro

Durante a noite uma chuva torrencial nos molha como pintos porque não tínhamos nenhuma lona para nos proteger e assim molhados como estávamos retomamos a viagem. O prático carajá Antioré erra frequentemente o caminho e nos obriga a dar voltas enormes sem alcançar a meta; encontramos os primeiros indícios de Javahé, porém somos obrigados a acampar à margem de um lago e daí revigorados com carne seca, farinha de mandioca e rapadura que trazíamos conosco, fizemos um merecido descanso.

21 de novembro

Seguros de estarmos próximos de alguma aldeia, seguimos por uma “trilha” e perto das 10 e 30 encontramos o primeiro aldeamento Javahé, encontra-se localizado às margens de um enorme lago e, por intermediação do carajá, 3 ubás vem nos buscar. Os Javahé vivem em um estado bem primitivo, os homens e as crianças estão completamente nus e as mulheres usam uma faixa que cobre muito mal a secreta nudez. Os seus “ranchos” são semelhantes aos dos Carajás, vivem em comunidade, deitados pelo chão, ou sentados em uma promiscuidade (para nós civilizados) um tanto indecente, mas para eles sem importância. Riem por qualquer coisa e minha barba é vítima de constantes carícias, eu

devo parecer, para estes selvagens, um animal raro. Quis acariciar uma criança, mas ela fugiu, dando gritos que pareciam de um animal e, muito amedrontada, refugia-se entre as pernas da mãe; pobres seres humanos, para serem compreendidos necessita-se uma paciência enorme e muito mímica e assim mesmo perdem-se horas. Dei uma caixa de fósforos a um jovem índio, que me agradeceu na sua linguagem gutural por aproximadamente meia hora e a um outro dei um pedacinho de vela, mas seu primeiro ato foi colocá-lo na boca para comê-lo, acendi-o e assim fiz com que ele entendesse a sua utilidade e ele, muito contente, mostrava-a a todos. Estes índios possuem alguma plantação de cana, mandioca, bananas e abacaxi. Em troca de fumo, sal e colares de vidro, presentearam-nos com flechas, arcos e vários objetos de adorno de penas. Rodamos um bom filme e tiramos fotografias à vontade, mas, pelo fato de que Lucio tinha pressa, tivemos que nos despedir dos hospitaleiros Javahés e voltar à fazenda Mato Verde.

22 de novembro

A volta foi rápida porque o sr. Lucio, prático do sertão, chegou na fazenda em um dia e meio, enquanto que na ida levamos quase 2 dias e meio.

23/24/25/26/27 de novembro

Estes dias passamos descansando e tirando fotografias, recolhendo material e explorando os terrenos adjacentes e suportando sempre a imbecilidade dos nossos dois companheiros Darcy e Fabiano. A canoa que o sr. Lucio nos cede é de dar pena, mas não há outra e temos que aceitá-la, calafetamo-na e, reabastecidos de mantimentos com o sr.

Lucio, retomamos a subida do Araguaya; 3 carajás nos ajudam na zinga (varejão), a navegação torna-se difícil porque entra água por todos os lados e somos obrigados continuamente a esvaziá-la, o trabalho contínuo nos cansa e descansamos passando a noite em uma praia.

28 novembro

Reiniciada a viagem, chegamos à casa do sr. Arthur, neste ponto descarregamos o problemático barco e à noite dormimos na casa do sr. Arthur.

29 de novembro

Continuamos no trabalho de remendar o barco e, enquanto isso, Felten filma a aldeia do cacique Murraú, da onde voltaram com uma outra canoa e mais 2 carajás para auxiliar na subida do rio.

30 de novembro

Dividimos a carga entre a canoa e o barco terrível e enquanto Darcy e Fabiano embarcam com os 3 carajás; eu, Feltem, Arion e Nebias nos acomodamos na canoa com 2 carajás, paramos por pouco tempo na aldeia de Marrau e acampamos em uma praia da ilha do Bananal: os Carajás tem um medo supersticioso dos Chavantes e não há perigo que se arrisquem em dormir sobre as praias existentes às margens do Mato Grosso

1 de dezembro

Uma forte chuva atrapalhou totalmente o nosso sono, molhando as nossas redes e as nossas roupas, para começar a volta não foi muito agradável. No amanhecer reiniciamos a vagarosa navegação; passamos por duas aldeias, mas não paramos e depois de 10 (horas) e meia acampamos em uma outra praia, onde um forte vento quase arruinou as canoas, devido à imperícia de Darcy que, teimoso como ele só, não há modo de convencê-lo.

2 de dezembro

Retomamos a viagem às 4 da manhã e perto das 8 passamos a foz do rio das Mortes (que muito nos recorda os sofrimentos passados), agora o Araguaya torna-se mais estreito e com menos correnteza e depois de 10 horas e três quartos acampamos em uma outra praia.

3 de dezembro

Iniciamos a viagem às 4 e depois de uma navegação ininterrupta de 11 horas, fazemos pouso em uma outra praia.

4 de dezembro

Sempre de manhã bem cedo iniciamos a navegação e excetuando um forte temporal, nenhuma novidade, até que atracamos em São Pedro, onde vive um pequeno núcleo de Carajás e alguns civilizados. Estamos sem farinha e os Carajás, já descontentes pela

antipatia que lhes inspira Darcy, tornam-se relutantes em seguir-nos porque lhes falta farinha de mandioca. Darcy obrigou Feltem em uma maneira vil a entregar-lhe 50 mil réis e assim comprar a farinha necessária. Estava amarrando a minha rede junto com Nebias quando escutamos o barulho de um motor e reconhecemos entre aqueles que chegavam o telegrafista Glaser Nobre, que junto com um piloto tinham vindo a nossa procura. Foi uma alegria indescritível, ofuscada rapidamente por uma triste notícia: Hermano, o nosso chefe tinha morrido no dia 24 de novembro, às 0:20 horas no sítio do Angelo, ao seu adoecer repentino só alguns elementos da Bandeira Anhanguera assistiram, tendo Chicão, Oscar, Junqueira, Acreano, Jorge R. Freitas, Cyro Piza, Raymundo desligado-se de seu chefe e só ficaram sabendo de sua morte quando já estavam a caminho de Dubasinho. Triste destino o seu, foi sempre exemplo de disciplina e bondoso com todos, mesmo com os que o traíram e obstacularam a sua missão e agora que devia assistir ao absoluto sucesso da expedição, a morte cruel raptou-o à jovem idade de 34 anos e o seu corpo repousa em Leopoldina sobre o rio Araguaya, que ele tanto amou e onde tanto sofreu, que Deus acolha esta alma leal que foi vítima dos seus próprios companheiros. Agora tudo terminou, os remanescentes com a morte de Hermano uniram-se novamente e partiram para São Paulo, Penteado e Marius encontram-se em Goyaz, tratando da venda dos cavalos que sobraram.

5 de dezembro

O barco em que Glaser e Nobre vieram nos apanhar foi gentilmente cedido pelo padre Chovelon e pelo padre Nunes e nós despachamos os cinco índios Carajás após tê-los pagos com presentes.

6 de dezembro

Todos muito alegres porque o barco a motor nos possibilita um maior percurso diário, perto das 2 horas da tarde passamos pela foz do rio Cristalino e perto das 18 acampamos em uma praia. A nossa comida melhorou, temos feijão, arroz, carne seca e peixe de piratinga seco, farinha de mandioca, café, açúcar, etc. A caça nestas paragens é muito reduzida, devida ao fato de que existem muitos lagos e furados e, com a cheia do rio, os animais preferem estes lagos ao rio e perto das 18 horas paramos para dormir em uma praia.

7 de dezembro

Hoje alguns jaburus, baguaris e colhereiros rosados apareceram. Nobre atirou inutilmente em alguns patos e em um jacaré enorme.

8 de dezembro

Para chegar em São José faltavam 14 léguas e iniciamos a viagem ao amanhecer, mas um baixio estraga o motor e, se não fosse a presteza de Tertuliano, estaríamos perdidos. Um forte temporal nos obriga a parar em Piedade, onde conhecemos o adventista Alfredo Straube, que depois das costumeiras apresentações da senhora e da filha, convidou-nos a ficar em sua casa. Aceitamos de bom grado, adiando para amanhã a viagem.

9/10 de dezembro

Perto das 10 atracamos em São José, que foi fundada pelo general Couto de Magalhães em 1870 e ora se encontra em completa decadência, poucos índios e alguns civilizados habitam este ermo. Procuramos irradiar, mas com exceção de um telegrama a nós enviado pelo Chicão; não foi possível obter outras notícias.

11 de dezembro

Tertuliano, o piloto, sofre com uma forte dor de dente e eu e Nebias nos revezamos na pilotagem, chove continuamente e pousamos em Xiscoro, onde moram alguns civilizados e onde aproveitamos para comer mangas.

12 de dezembro

Passamos a foz do rio do Peixe, afluente direito do Araguaya. Perto das 14 passamos pelo travessão Reuno, até aonde o corpo de Hermano foi transportado, partindo da casa de Angelo e daqui foi, de canoa, até Leopoldina. A figura máscula de Hermano, trouxe- nos muitas recordações e sem parar passamos pelo porto Anhanguera, marco zero; quantos sonhos e esperanças neste lugar e já de noite pousamos em Cocalinho.

13 de dezembro

Estamos já próximos a Leopoldina, apenas 15 léguas nos separam e talvez cheguemos ainda hoje; realmente às 20 horas atracamos no porto e armamos nossas redes em uma casinha abandonada.

14 de dezembro

Aproveitamos um caminhão de partida e, após termos embaladas as nossas mercadorias, seguimos viagem para Goyaz

15 de dezembro

Ontem à noite, por causa de um problema no motor, fomos obrigados a parar na fazenda Lambary.

16/17/18/19/20 de dezembro

Cinco dias parados porque o motor tinha esfarelado uma das partes principais e por sorte o rádio nos ajudou e assim vem um novo caminhão de Goyania e chegamos em Annapolis.

21/22/23/24 de dezembro

Em Annapolis o trem finalmente nos levou de volta à nossa S. Paulo, depois de 5 meses de ausência.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)